



**LUTRÍCIA HIANI MACHADO MONTI SOUSA**

**MEDIAÇÃO CULTURAL NA ESCOLA:  
POSSIBILIDADE DE FAZERES DOCENTES A PARTIR DE LINGUAGENS DA ARTE  
NO CONTEXTO DE PANDEMIA COVID-19**

**LAVRAS – MG**

**2021**



LUTRÍCIA HIANI MACHADO MONTI SOUSA

**MEDIAÇÃO CULTURAL NA ESCOLA:**  
POSSIBILIDADE DE FAZERES DOCENTES A PARTIR DE LINGUAGENS DA ARTE  
NO CONTEXTO DE PANDEMIA COVID-19

Orientadora:

Profa. Dra. Francine de Paulo Martins Lima

LAVRAS – MG

2021

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca  
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Sousa, Lutrícia Hiani Machado Monti.

mediação cultural na escola: possibilidades de fazeres docentes  
a partir de linguagens da arte no contexto de pandemia covid-19 /  
Lutrícia Hiani Machado Monti Sousa. - 2021.

130 p. : il.

Orientador(a): Francine de Paulo Martins Lima.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de  
Lavras, 2021.

Bibliografia.

1. mediação cultural. 2. formação cultural. 3. educação básica.  
I. Lima, Francine de Paulo Martins. II. Título.

**LUTRÍCIA HIANI MACHADO MONTI SOUSA**

**MEDIAÇÃO CULTURAL NA ESCOLA:  
POSSIBILIDADE DE FAZERES DOCENTES A PARTIR DE LINGUAGENS DA  
ARTE NO CONTEXTO DE PANDEMIA COVID-19  
CULTURAL MEDIATION AT SCHOOL: A TEACHING POSSIBILITY FROM  
ART LANGUAGES IN THE CONTEXT OF THE COVID-19 PANDEMIC**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 05 de maio de 2021.  
Dra. Francine de Paulo Martins Lima UFLA  
Dra. Taiza Mara Rauen Moraes UNIVILLE  
Dra. Helena Maria Ferreira UFLA



Prof.<sup>a</sup>. Dra. Francine de Paulo Martins Lima  
Orientadora

**LAVRAS – MG**

**2021**

Dedico aos meus pais pela persistência.

A todas e todos que lutam  
por justiça social.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer, para mim, nesse momento, é demonstrar afetos por meio das palavras. É demonstrar em nomes o sentimento de emoção que sinto em poder contar com tantas pessoas especiais que cruzaram (e cruzam) a minha vida e manifestam apoio nessa jornada acadêmica.

Agradeço imensamente aos meus pais, Luiz e Patrícia, pelo apoio moral e por me incentivarem a correr atrás dos meus sonhos e objetivos. Agradeço por acreditarem nos meus estudos.

Agradeço aos meus irmãos, Ana Luísa, Gustavo, Luhan e Luhanda, pela jornada afetuosa independente de distâncias e diferenças. Sou grata!

Agradeço ao meu companheiro Carlos, pelos gestos carinhosos, pelas discussões diárias e por apoiar minhas decisões. Por muitas vezes, foi ele quem me deu forças para seguir com o meu trabalho em meio a tantas turbulências que o cotidiano me apresentou.

Agradeço à Professora Doutora Francine Martins de Lima Paulo, orientadora desta pesquisa, pela acolhida e considerações. É tão bom lembrar da entrevista de mestrado e saber que chegamos até aqui!

Agradeço aos demais familiares por acreditaram no meu potencial.

Agradeço ao meu avô que me olha do céu e sempre se mostrou confiante nas minhas escolhas.

Agradeço aos professores inspiradores que fizeram parte do meu percurso enquanto estudante. A educação move vidas e caminhos. Sou prova viva!

Às minhas amigas – Maria Fernanda, Priscila, Sianny e Sophia -, amigas que encontrei em diferentes fases e épocas da vida, mas que sempre carregam uma palavra de afeto e de coragem para continuar nessa jornada diária.

Agradeço às amigas e aos colegas de mestrado. Em especial, às amigas Adelene, Carollina, Danuza, Isabelly, Lívia e Thalia, com quem dividi momentos de alegria e angústia em ser mestranda.

Agradeço à Marília, representante de nossa turma, que muito nos auxiliou.

Às minhas companheiras de luta, Luana e Rose, pela força, pelo grito e pela esperança em acreditar em dias melhores e mais justos.

À Márcia e ao Rildo, agradeço por todo o apoio.

Agradeço à professora Taiza e à professora Helena, pela participação na banca, pelas palavras sinceras e pelas considerações cuidadosas.

Agradeço às colegas do clube de leitura Leia Mulheres Lavras. As leituras literárias muitas vezes serviram de refúgio e trocas profundas.

Agradeço às colegas dos grupos de estudos FORPEDI, pelas trocas e compartilhamento de experiências.

Agradeço aos artistas, aos sons e afagos. Vocês fazem parte desta pesquisa em forma de música, artes, inspirações e estudos.

O meu agradecimento a todos os que de forma direta ou indireta contribuíram para a concretização deste projeto de mestrado.

Agradeço aos profissionais da Universidade Federal de Lavras e à universidade, lugar que me acolheu tão bem.

## RESUMO

A presente dissertação tem como eixo norteador analisar como a mediação cultural pode contribuir para a formação cultural de docentes e discentes da Educação Básica. Parte-se do pressuposto de que quanto mais vasto for o repertório e os acessos culturais do mediador, haverá melhor apropriação das expressões culturais na escola. O objetivo, portanto, foi o de investigar o que a literatura diz acerca do tema e identificar as manifestações culturais produzidas decorrentes do contexto da pandemia covid-19, tendo em vista as possibilidades de mediação cultural no contexto da educação básica. Como *corpus* da pesquisa, utilizaram-se dissertações e teses do catálogo da Capes publicadas nos últimos três anos (2018, 2019 e 2020). No que tange às produções culturais, realizou-se uma pesquisa nas plataformas virtuais que se delimitou a partir das expressões culturais produzidas nos tempos de pandemia. O referencial teórico foi constituído a partir de contribuições de Adorno e Horkheimer (1985), para a discussão sobre a Indústria Cultural, Barbosa (2010) no que tange à Arte e Educação e a abordagem triangular, Martins (2018; 2012) e Vigotski (1991), acerca da mediação docente e cultural e os entrelaçamentos com os sujeitos e com a escola. Os resultados apontam que a formação cultural docente ainda é um grande desafio para a realidade educacional devido à falta de acessos, porém o professor enquanto mediador cultural pode ser propositor de caminhos educativos em diálogo com as expressões culturais socialmente construídas. Além disso, as produções culturais em tempos de pandemia apresentam potencialidades de usos pedagógicos, pois a realidade tecnológica pode promover acessos culturais e contribuir com os repertórios culturais e experiências estéticas dos docentes. O produto final desta pesquisa é um guia didático, como possibilidade de ampliar a formação cultural e promover acessos a partir das linguagens da arte divulgadas em tempos de pandemia, a ser utilizado pelos docentes da Educação Básica.

**Palavras-chave:** mediação cultural; formação cultural; mediação; educação básica.

**ABSTRACT:** This research intends to analyze how the cultural mediation can contribute to the cultural formation of teachers and students of the Basic Brazilian Education. It assumes that how wider the repertoire and the cultural access of the mediator is there will be greater appropriation of cultural expressions at the scholar classes. The objective of the following research is to investigate what the state of art presents about the theme in order to identify the cultural expressions produced due to the context of the covid-19 pandemic. The *corpus* of the research is some dissertations and thesis of the Capes catalogue published in the last three years. In reference of the cultural products, they were searched in virtual platforms filtrated by the following subjects: Literature, Visual Arts and furthermore arts languages. The theoretical reference covers some contributions of Adorno & Horkheimer (1985), in matter of discussions about the Cultural Industry, Barbosa (2010) in matter of Art and Education and the triangular approach, Martins (2018; 2012) and Vygotsky (1991) on cultural and professor mediation and the interlacement between subjects and school. The results show that the cultural formation of teachers is still a great challenge in the educational real process because of its lack of accessibility. However, the teacher as a cultural mediator can propose educative ways in dialogue with the socially built cultural expressions. In addition, the cultural production at the pandemic time shows potentials pedagogic uses, once that technology can promote cultural access contributing with cultural repertoire and aesthetics experiences of the teacher. The product of this research is an didactic guide for teachers in order to bring them possibilities of expanding their cultural formation besides promoting new cultural access from the arts languages released in the covid-19 pandemic.

**Key words:** cultural mediation; cultural formation; mediation; basic education.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Covid Art Museum.....	56
Figura 2 – Museu do Isolamento.....	57
Figura 3 – Arte em tempos de pandemia.....	58
Figura 4 – Série Confinada.....	59
Figura 5 – Museu do Isolamento – SUS/SOS.....	66
Figura 6 – Verena Smith – Chacina/Vacina.....	67
Figura 7 - Autorretrato: Depois da Gripe Espanhola.....	68
Figura 8 - Operários, Tarsila Do Amaral.....	69
Figura 9 - Releitura da obra Operários.....	70
Figura 10 – Matéria jornalística.....	71
Figura 11 - Curta-metragem “Pela Janela” .....	72
Figura 12 – Proposta Triangular.....	73
Figura 13 - Autorretrato com macaco.....	74
Figura 14 - Exposição Leonardo da Vinci.....	75

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Manifestações selecionadas.....	39
Tabela 2 - Quadro síntese.....	42
Tabela 3 - Museus abertos virtualmente em tempos de pandemia.....	75

## SUMÁRIO

1. PREÂMBULO.....	9
ENTRE HISTÓRIA E EXPERIÊNCIAS – EIS O QUE SOU! .....	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 ARTE, CULTURA E INDÚSTRIA CULTURAL.....	13
2.1.1 A relação da humanidade com os processos da cultura da e indústria cultural .....	13
2.1.2 A arte e os processos educativos .....	19
2.1.3 Formação cultural no contexto da Educação Básica .....	24
2.1.4 Formação cultural dos docentes.....	28
2.1.5 Vigotski: Mediação docente e mediação cultural.....	36
3.1 Procedimento da análise de dados .....	39
3.2 Levantamento e discussão das expressões culturais.....	41
4. A PRODUÇÃO NACIONAL ACERCA DA MEDIAÇÃO CULTURAL.....	45
5. EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	50
5.1 Manifestações culturais em tempos de pandemia.....	55
6. POSSIBILIDADES E FAZERES: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	61
6.2 O guia didático como propositor: mediação cultural e curadoria educativa....	76
REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA.....	127

## 1. PREÂMBULO

### ENTRE HISTÓRIA E EXPERIÊNCIAS – EIS O QUE SOU!

“Eu penso / renovar o homem / usando borboletas.”

Manoel de Barros<sup>1</sup>

A graduação em Letras foi o meu contato considerável com o que eu queria ser e o que eu poderia concretizar. Interessada nas pautas culturais e reflexiva sobre a sua ligação na escola tive a oportunidade de desenvolver a partir da participação no PIBID, um projeto que possibilitasse a ligação e a concretização desses dois assuntos. Para o trabalho de conclusão de curso, durante a graduação, também optei por estudar a literatura, a cultura e a sua relação com a Educação. Essas lembranças do meu percurso formativo ressignificaram minha prática e a minha constituição enquanto mulher, formada em escola pública, licenciada em Letras e pesquisadora.

Comecei a pensar em mediação cultural quando tive a oportunidade de atuar no Setor de Cultura do SESC. Recebíamos muitas visitas e eu me questionava como oportunizar aos visitantes as linguagens presentes nas obras de arte, no cinema e nos livros que estavam na biblioteca. Formei-me em 2017 e esse questionamento me acompanhou durante esses anos. Ao ler Paulo Freire, sobre considerar a cultura do outro e sobre a autonomia do conhecimento, a questão da mediação foi amadurecendo em meus estudos.

Estabelecer encontros, trocas e vivenciar experiências são os caminhos que acredito para a Educação. Por este motivo, também vejo a cultura como elemento necessário que deve ser discutida amplamente nos contextos educacionais. Entendo a cultura como uma ferramenta humanizadora de expressão dos variados grupos sociais da sociedade.

Com a evolução da sociedade e com a Revolução Industrial, também se criaram os instrumentos de alienação produzidos por grupos dominantes. Os instrumentos de alienação estão inseridos nos campos sociais, culturais e econômicos. Penso que é necessário um olhar mais cuidadoso para a reprodução massiva desses instrumentos, pois é necessário refletir sobre as mensagens imbuídas que estão cotidianamente dissimuladas nos chamados “produtos culturais”.

---

<sup>1</sup> BARROS, Manoel de. Retrato do artista quando coisa. Rio de Janeiro: Record, 2002b.

Em 2018, tive a oportunidade de participar do processo seletivo do Mestrado Profissional em Educação e me interessei pela práxis pedagógica que o programa me apresentou, intercalando a formação entre a prática e a teoria, a relação entre a escola e a universidade. Para a entrada no programa, tínhamos que escrever um projeto que se relacionasse com a linha de pesquisa escolhida. No meu caso, ingressei na linha de pesquisa “inovações e prática pedagógicas”.

Já em 2019, enquanto aluna do mestrado e matriculada na disciplina de Artes e Educação, ministrada pela professora Francine e pelo professor Vanderlei, pude aprofundar as questões de Artes e Educação. Estudamos sobre as origens da arte, sobre as ferramentas para o fazer artístico, e principalmente, sobre a sensibilidade e os repertórios da existência humana. Posso afirmar que, durante a disciplina, fiquei mais instigada em prosseguir com a pesquisa.

Nas primeiras versões, esta pesquisa pretendia analisar a mediação cultural no contexto da Educação Básica, partindo da concepção de que a sistematização desses dois processos é indissociável. Para tanto, partiu-se da ideia de que o professor tenha um grau de proximidade com o que será mediado, pois as expressões culturais sofrem inúmeras transformações e envolvem várias complexidades no processo de formação docente para a mediação cultural. A partir de um olhar crítico e baseado nas políticas culturais, é possível revelar que a cultura dos educadores é fruto da Indústria Cultural, tornando-os acríticos diante das questões dos produtos culturais. É necessário criar referenciais e viabilidades de discussão nos espaços formativos da Educação.

Com as rápidas mudanças temporais, foi necessário realizar algumas mudanças na pesquisa. Com a pandemia covid-19<sup>2</sup>, tornou-se como um passo inconcebível adentrar o campo escolar para efetuar a coleta de dados. A metodologia passou por várias modificações para chegar ao ponto que está sendo apresentado a vocês. Penso que a importância da pesquisa em Educação também está no fato de analisar o objeto de estudo e repensar os instrumentos de pesquisa de acordo com a realidade social e concreta.

---

<sup>2</sup> A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório. Fonte: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>

Diante do contexto apresentado, a pesquisa se desenvolve após a observação das nuances expostas no contexto social e histórico, bem como novas possibilidades de discussão da mediação cultural em um contexto de pandemia. Observa-se ainda, a necessidade de repensar os diálogos possíveis entre arte, educação e cultura. Acreditamos que, diante da necessidade de distanciamento social, os modos de relação e produção cultural se modificaram, seja no contexto social macro e micro, e no âmbito da educação escolar.

Dito isso, apresentamos como hipótese que os modos de apropriação, mediação cultural e produção cultural foram reconfigurados. Nesse sentido, as questões de pesquisas se colocam: 1) O que a literatura apresenta acerca da mediação cultural no contexto escolar? 2) Como as produções culturais produzidas em tempos de pandemia podem dialogar com os processos de mediação cultural realizada pelos professores no contexto educacional e nas escolas de educação básica?

Nesse sentido, a presente dissertação tem como objetivo investigar o que a literatura diz acerca do tema e identificar as manifestações culturais produzidas decorrentes do contexto da pandemia covid-19, tendo em vista as possibilidades de mediação cultural no contexto da educação básica. De forma específica a pesquisa pretende:

- Identificar e analisar o que a literatura diz acerca da mediação cultural e sua relação com a educação;
- Resgatar as manifestações culturais que emergiram em contexto de pandemia com ênfase nas linguagens da arte e as possibilidades pedagógicas e de mediação cultural na escola;
- Desenvolver um guia didático com ênfase nas produções culturais produzidas em tempos de pandemia em diálogo com a mediação cultural docente.

Visando fomentar reflexões sobre a mediação cultural no contexto da Educação Básica, abordo o conceito de indústria cultural, formação cultural dos professores e as linguagens da arte no contexto da educação. Discorro sobre o resgate das expressões culturais que foram divulgadas nas redes sociais, em tempos de covid-19. Segundo Martins (2012, p. 25), a mediação cultural precisa ser pensada como uma ação específica que visa dar autonomia ao olhar e possibilidades para construção de mediações.

Vigotski (1991) utiliza o conceito de mediação na interação do homem com seu meio pelo uso de seus instrumentos e signos. Nesse sentido, a interação social é fundamental no processo de mediação para que os sujeitos se relacionem com o mundo e com o percurso histórico e cultural da sociedade.

Deixo claro que, quando se resgatam os processos culturais e artísticos nesta pesquisa, refiro-me diretamente aos diversos modos de expressão da humanidade – a literária e poética

(verbal), musical, visual e/ou plásticas. As indagações se consolidam em torno do *acesso*, em *quem* está pensando essas mediações e *onde* estão sendo concretizadas no campo educacional.

Ao final, será proposto a construção de um guia didático criado pela pesquisadora.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Discutem-se, neste capítulo, os conceitos de produtos culturais que são facilmente encontrados na sociedade e são produzidos pela classe dominante. O objetivo de tais produtos culturais é de padronizar os gostos, sentimentos e modos de viver dos sujeitos. Nesse sentido, defende-se que expressões culturais vão além da lógica mercantilista. Para isso, é preciso que a formação cultural dos professores e dos sujeitos da escola estejam compromissadas com a formação humana, para possibilitar conhecimentos integrais e uma educação emancipatória.

### 2.1 ARTE, CULTURA E INDÚSTRIA CULTURAL

“Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?”

Teus ombros suportam o mundo  
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.  
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios  
provam apenas que a vida prossegue  
e nem todos se libertaram ainda.  
Alguns, achando bárbaro o espetáculo  
prefeririam (os delicados) morrer.  
Chegou um tempo em que não adianta morrer.  
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.  
A vida apenas, sem mistificação.”

Carlos Drummond de ANDRADE (1940)<sup>3</sup>

#### 2.1.1 A relação da humanidade com os processos da cultura da e indústria cultural

Através dos processos culturais a história da humanidade se desenvolve. Os sujeitos, mediados pela cultura, se devolvem durante o seu processo social. É pela cultura que as expressões humanas são construídas e significadas.

Há muitas formas de se conceituar o termo cultura e sempre houve uma preocupação sistemática para compreender este termo. Santos (1987) apresenta duas concepções básicas para entender o que é a cultura. A primeira concepção preocupa-se com as diferentes concepções da realidade social, levando-se em conta toda a existência social de um povo ou nação. A segunda

---

<sup>3</sup> Andrade, Carlos Drummond de. Sentimento do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.



concepção está engendrada ao que se refere mais especificamente ao conhecimento, às ideias e às crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social.

Segundo Saviani (2003), o homem produz a sua existência no tempo. Assim, o homem constrói o seu mundo histórico e o seu mundo cultural - as trocas, os nossos repertórios pessoais, as experiências, formam as primeiras vivências culturais. A arte é fruto da experiência humana e patrimônio cultural da humanidade. Assim, o homem é indissociável da arte. A experiência artística de cada sujeito envolve razões e sensibilidades. Portanto, todo sujeito é histórico e cultural.

Herbert Read (1982, p. 10) diz que “a história da arte é a história das maneiras e da percepção visual, das várias maneiras como o homem já viu o mundo.” Ou seja, para Read o homem está intrinsecamente ligado à arte, pois faz parte do mundo. Conclui-se que a arte é objetivamente relacionada às percepções humanas que foram e são escritas, expressas no mundo desde a Antiguidade.

Nesse sentido, a arte tem uma função transformadora e exige uma relação direta com os sujeitos, pois é a partir dela que são marcados os contextos culturais. Jorge Coli (1995), em seu livro “O que é arte?”, estabelece relações entre a arte e cultura de modo que se percebe o imbricamento entre os dois conceitos citados anteriormente:

A intrincada relação entre arte e cultura - cultura que a engendra e que dialoga incessantemente com ela - determina a crítica das noções de "sensibilidade inata", "fruição espontânea". Os objetos artísticos encontram-se intimamente ligados aos contextos culturais: eles nutrem a cultura, mas também são nutridos por ela e só adquirem razão de ser nessa relação dialética, só podem ser apreendidos a partir dela. (COLI, 1995, p.117)

Adorno e Horkheimer, argumentam como a ciência e os produtos culturais transformaram-se em instrumento de dominação política e social. Ou seja, o homem é dominado pelo próprio homem, criando uma relação enfeitiçada a partir dos objetos dominantes, reproduzindo as vontades do opressor:

O aparelho econômico, antes mesmo do planejamento total, já provê espontaneamente as mercadorias dos valores que decidem sobre o comportamento dos homens. A partir do momento em que as mercadorias, com o fim do livre intercâmbio, perderam todas as suas qualidades econômicas salvo seu caráter de fetiche, este se espalhou como uma paralisia sobre a vida da sociedade em todos seus aspectos. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 35)

O caráter de fetichismo<sup>4</sup> gera nos homens uma forma de coisificação que transforma a relação dele com a sociedade e consigo mesmo. De acordo com Marx, o fetiche abrange as relações psicológicas do homem, de modo que os sujeitos modificam as suas relações com a mercadoria, como se elas tivessem uma vontade independente de quem a produziu:

(...) a forma-mercadoria e a relação de valor dos produtos do trabalho em que ela se representa não guardam, ao contrário, absolutamente nenhuma relação com sua natureza física e com as relações materiais [dinglichen] que derivam desta última. É apenas uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. (MARX, 2018, p. 147)

Para o autor, as mercadorias e os modos de produção alteram as relações entre os sujeitos e a sociedade e causam a alienação dos homens, pois a dominação sobrevive em si mesma, com o auxílio do poder econômico. De acordo com Adorno e Horkheimer (1985), há também a dominação dos sentidos e o empobrecimento das experiências:

Quanto mais complicada e mais refinada a aparelhagem social, econômica e científica, para cujo manejo o corpo já há muito foi ajustado pelo sistema de produção, tanto mais empobrecidas as vivências de que ele é capaz. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p.41)

Segundo a perspectiva marxista, as sociedades sempre foram caracterizadas pela luta de classes e determinadas pelo sistema econômico: “A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história da luta de classes”. (MARX E ENGELS, 1999, p.7)

O termo indústria cultural foi empregado pelos autores Adorno e Horkheimer na obra “Dialética do Esclarecimento”. Os autores empregaram o termo em oposição à cultura de massa, pois esta cultura já não vinha espontaneamente das massas, e sim, das classes dominantes. Assim, a noção de Indústria Cultural, em oposição aos produtos culturais de massas, muitas vezes é fetichizada pela elite econômica e não é produzida pela massa.

Adorno e Horkheimer (1985) caracterizam os produtos da indústria cultural como a busca de uma “identidade coletiva” em que os sujeitos consomem os mesmos produtos e extrapolam a própria ideia de classe, no sentido de sentir-se igual ou criar uma identificação a todos que adquirem o mesmo produto.

O principal motor da indústria cultural reside na identificação de como os sujeitos se constroem para susceptibilidade de consumo dos produtos culturais. A arte e a cultura são

---

<sup>4</sup> De acordo Marx, o caráter de fetichismo acontece quando as mercadorias passam a ter vontades e desejos próprios, fortemente corroborados pelo capitalismo e pelos modos de produção desenfreados.

assoladas por esses produtos industrializados, e os sujeitos são controlados pela moda e com o que podem ou não consumir em determinado momento ou época.

Nesse sentido, a indústria cultural refere-se à dinâmica da mercantilização da cultura em uma sociedade capitalista, onde a indústria e a produção modificam a criação cultural do indivíduo: “a indústria cultural levou à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social” (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 114).

Portanto, com o advento da televisão, rádio e cinema, as vozes reproduzidas por esses canais de comunicação são as vozes das classes dominantes que têm como principal finalidade ampliar as suas publicidades e negócios. As publicidades contidas nesses canais são parecidas e estereotipadas para gerar uma ilusão de escolhas e competitividade, mas na verdade, atuam como princípio liberal do livre mercado.

Os autores ressaltam que os produtos da indústria cultural distanciam os sujeitos no sentido de deixá-los à margem de sua própria particularidade para se encaixarem em uma visão universal. Ou seja, “o mundo é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural” (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 104). Portanto, os produtos da Indústria Cultural passam a ter um estilo que está ligado justamente ao sistema econômico, gerando, assim, a estética da dominação. Em *Dialética do Esclarecimento*, os autores afirmam que:

O denominador comum “cultura” já contém virtualmente o levantamento estatístico, a catalogação, a classificação que introduz a cultura no domínio da administração. Só a subsunção da industrializada e conseqüente é inteiramente adequada a esse conceito de cultura. Ao subordinar da mesma maneira todos os setores da produção espiritual a este fim único – ocupar os sentidos dos homens... (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 108)

Nesse sentido, o fetiche, ao ocupar o sentido dos homens, também reprime as ideias íntimas, desejos e sentimentos e transforma-os em estatísticas. Os sujeitos passam a ser objetos essenciais para fortalecimento do mercado, alterando do processo de humanização, onde os sujeitos se entendem enquanto seres da humanidade, para a coisificação, onde os homens passam a ser coisas que oferecem apenas valor na sociedade do consumo.

Assim sendo, pode-se afirmar que os produtos culturais não vislumbram a autonomia de sujeitos em uma perspectiva de emancipação. Os produtos culturais visam apenas incrementar, cada vez mais, a necessidade da técnica humana nas indústrias em detrimento do desenvolvimento humano e social.

Bauman, citando Bordieu (2013), escreve que há décadas a cultura havia como objetivação o esclarecimento dos povos como uma maneira de definir classes sociais. Assim, a elite era relacionada à “alta cultura” e o cidadão médio pertencia à “cultura vulgar”. O autor trata um percurso histórico do conceito de cultura, ressaltando que a cultura já passou por uma missão proselitista, com o objetivo de refinar os gostos do povo e pela fase do momento histórico Iluminista para atuar manutenção do sistema e dos ideais de Estado e Nação, eis aqui que surge a Modernidade. De acordo com o autor:

O “projeto iluminista” conferiu à cultura (compreendida como atividade semelhante ao cultivo da terra) o status de ferramenta básica para a construção de uma nação, de um Estado e de um Estado-nação – ao mesmo tempo confiando essa ferramenta às mãos da classe instruída. Em suas perambulações por ambições políticas e deliberações filosóficas, objetivo semelhante ao do empreendimento iluminista logo havia se cristalizado (fosse abertamente anunciado ou tacitamente presumido) no duplo postulado da obediência dos súditos e da solidariedade entre os compatriotas. (BAUMAN, p. 9, 2013)

A partir dos ideais de liberdade política e econômica do projeto iluminista, a cultura ficou a serviço de um *status quo*. A elite (“classe instruída”) passou a usá-la para equilibrar e regulamentar o sistema. Com o tempo, a cultura perdeu a sua posição para definir uma hierarquia social

Ainda de acordo com Bauman (2013), a cultura em posição de perda transformou a Modernidade de sua fase “sólida” para a fase “líquida”. Ou seja, com a correria da modernidade, nada tem sido feito para durar e as formas presentes não são as mesmas por muito tempo, assolado em um paradigma individual de cada pessoa encadeada em um projeto neoliberal de sociedade, como diz o autor (2013, p. 14):

A cultura hoje se assemelha a uma das seções de um mundo moldado como uma gigantesca loja de departamentos em que vivem, acima de tudo, pessoas transformadas em consumidores. Tal como nas outras seções dessa megastore, as prateleiras estão lotadas de atrações trocadas todos os dias, e os balcões são enfeitados com as últimas promoções, as quais irão desaparecer tão instantaneamente quanto as novidades em processo de envelhecimento que eles anunciam (BAUMAN, p. 14, 2013).

A partir do exposto acima, é necessário expor as consequências que o mundo líquido tem levado para as identidades individuais e para o mundo sociocultural, a fim de que se tenha uma noção dos percursos que os padrões e regras sociais estão impondo atualmente, ainda em

uma realidade voltada para os meios virtuais, onde os sujeitos podem estabelecer uma identidade momentânea, pois nas redes virtuais a mudança acontece de maneira muito rápida.

Homens e mulheres, de todas as idades, têm as suas vidas moldadas pelo consumismo. Em questões de sedução da cultura, Bauman (2013) diz que a moda não é um fato atribuído ao físico, mas sim, ao social. Ou seja, quanto mais os sujeitos tentam se enquadrar em uma moda, mais a regulação dos dois se tornam inatingíveis. A moda pode vir com um desejo de se tornar diferente das massas, mas pode perder o sentido de individualidade.

Paulo Freire, no livro *Extensão e Comunicação*, ressalta que “o invasor reduz os homens do espaço invadido a meros objetos de sua ação” (1979, p.41). No caso do Brasil, existe o alinhamento com os organismos financeiros internacionais<sup>5</sup>. Cada vez mais, produtos estrangeiros são trazidos para o Brasil. Desse modo, as culturas como a americana e a europeia - são as mais valorizadas tanto nos filmes, quanto na estética, tão perceptível nos principais canais de televisão. Esse alinhamento do governo brasileiro com os países dominantes, atrasam, ainda mais, a emancipação e a consciência das classes trabalhadoras. Isso é facilitado pelo domínio cultural, político e econômico.

Nesse sentido, torna-se importante refletir sobre uma cultura decolonial. A história do Brasil, assim como da América Latina, é marcada por questões de dominação dos povos. De acordo com Moura (2019) o pensamento decolonial tem como missão recriar as histórias dos povos colonizados:

(...) trata de pensar co-existências – de mundos, de conhecimentos, de lugares, de povos, de ciências, de artes, de culturas, de pensamentos – problematizando as hierarquias, legitimando processos anti-hegemônicos, imaginando entre lugares e multiformas de produzir de conhecimentos. (MOURA, 2019, p. 9)

De acordo com Barbosa (1998, p. 9), a arte tem um papel essencial no desenvolvimento cultural, pois não podemos conhecer um país sem conhecer sua arte. A autora destaca que, através da poesia, dos gestos, imagens etc., podemos conhecer histórias que a própria sociologia e história podem não traduzir, pois as artes são acompanhadas de variadas linguagens. A arte é imprescindível para se pensar a realidade social e elevar o homem para um estado de espírito e pensar o mundo de maneira mais ampla e sensível, “A arte, ela própria, é uma realidade social”

---

<sup>5</sup> A fim de fazer um recorte temporal, vale lembrar que em 2016, o Ministério da Cultura foi extinto brevemente pelo presidente do Brasil, Michel Temer, eleito após um golpe em 31 de agosto de 2016. Após o seu mandato, Jair Bolsonaro assumiu a presidência e anunciou a extinção do Ministério da Cultura, sendo que suas demandas foram incorporadas para o Ministério da Cidadania

(Fischer, 1983, p.57). Portanto, a arte tem um papel essencial nas culturas, seja para desmitificar passagens da história ou para interpretar movimentos da sociedade.

Desse modo, compreender as relações da indústria cultural e demanda reconhecer que os veículos dominantes estão imbricados na realidade da escola, seja pela reprodução mecânica no qual encontramos-nos inseridos, e pelos modos de transformação dos sujeitos em meros produtos de consumo. Nesse sentido, compreender o ensino das expressões culturais e artísticas em consonância com os processos educativos é uma possibilidade de reconhecimento do conhecimento produzido pela sociedade e de resgatar as expressões humanas que permeiam a realidade concreta e imaginária da história humana.

### **2.1.2 A arte e os processos educativos**

A escola tem sofrido mudanças diante do crescimento das novas tecnologias, dos novos modos de pensar e agir. Nóvoa (2019) aponta essas mudanças como a metamorfose da escola, tratando do fim da escola que conhecemos e o princípio de uma instituição que levará o mesmo nome, mas com necessidades diferentes. O autor aponta uma primeira tendência envolvendo o modelo da escola, a privatização:

Do ponto de vista social, traduz um maior recolhimento das crianças no interior das suas comunidades de origem, dos seus espaços culturais ou familiares (a expansão de práticas de educação domiciliar, uma espécie de regresso a um tempo anterior ao modelo escolar, é um bom exemplo destas tendências). Do ponto de vista económico, denunciam-se as incapacidades do Estado para, assim, abrir o campo educativo à operação de grupos económicos, diretamente ou através de organizações da sociedade civil (as políticas ditas de liberdade de escolha, nomeadamente os famosos cheques ou vouchers escolares, ilustram bem a ideologia que procura redefinir, e diminuir, o papel do Estado na educação). (NÓVOA, 2019, p. 4)

Nesse sentido, o autor também afirma que se pode refletir sobre a questão da individualização da escola como bem privado desvalorizando o sentido coletivo da escola e a colocando como bem individual. Portanto, a escola e os bens culturais da sociedade se condensam para atender um mercado ou um agente específico. A segunda tendência, segundo Nóvoa, seria a vida em comum e a necessidade de repensar um novo contrato social, respeitando a diversidade, pois segundo o autor “(...) a escola assenta num contrato social e político que lhe atribui a responsabilidade pela formação integral das crianças e num modelo organizacional bem estabelecido”.

Jacques Rancière (2009, p.6) em seu livro “A partilha do sensível” afirma sobre a existência de um comum que se configura em lugares e partes compartilhadas. Portanto, a

partilha do sensível se dá a partir de evidências que os atos comuns se prestam e à participação e como uns e outras tomam parte nessa partilha. A partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce.

Em vista disso, a natureza complexa da escola impõe muitos desafios de pensar na vida em comum que une os sujeitos. Desse modo, pode-se pensar a arte como um comum que pode cumprir o seu papel nos espaços escolares e na questão da consciência cultural dos sujeitos participantes dos processos educativos. De acordo Saviani (2001, p.1), a educação “é entendida como instrumento, como um meio, como uma via através da qual o homem se torna plenamente homem apropriando-se da cultura, isto é, da produção humana historicamente acumulada”.

Desde o nascimento, os sujeitos estão inseridos em uma realidade cultural, numa dimensão geográfica, em uma família com crenças definidas e uma realidade histórica socialmente construída. De acordo com Saviani (2001) o homem é um ser situado e tem o poder de agir de forma transformadora diante de situações que lhe são impostas:

Assim, a cultura não é outra coisa senão, por um lado, a transformação que o homem opera sobre o meio e, por outro, os resultados dessa transformação. Portanto, se o homem nasce num contexto determinado, ele não é condicionado unilateralmente por este meio mas reage a ele, atua sobre ele e o transforma. A cultura tem, portanto, está peculiaridade. Enquanto produto da ação humana ela resulta da transformação que o homem opera sobre o meio. Nessa condição, porém, ela se torna um elemento da própria situação (a situação transformada) que, perante os novos sujeitos humanos que nela se inserem, irá se configurar como um elemento condicionante que a eles se impõe. De qualquer modo, o fato da cultura põe em evidência que o homem é capaz de superar os condicionamentos da situação. Ele não é totalmente determinado; é, ao contrário, um ser autônomo e livre. (SAVIANI, 2001, p.2)

O homem é um sujeito ativo de permanentes trocas no seu meio de interação e um ser de muitas heranças culturais, pois há muitas marcas que envolvem o processo de transformação dos sujeitos, como os livros lidos, filmes, peças teatrais, apresentações culturais... O acervo cultural de um sujeito é vasto e passível de muitas construções no decorrer da história. Através da autonomia, os sujeitos circundam suas culturas em variados espaços da sociedade.

Portanto, pensar nas expressões artísticas que constituem os sujeitos e que formam o seu repertório cultural é fundamental para se compreender o imaginário dos estudantes e professores. O caminho à escola, as paredes, os prédios históricos, fazem parte do espaço-cidade e significam o seu caminho e sua história, seja de modo explícito ou implícito. Segundo Barbosa (1998, p.7), “A Educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local”.

No entanto, apesar dos avanços em relação à arte enquanto área do conhecimento, o Brasil já negou o ensino da arte em alguns documentos oficiais da Educação. Percebe-se, então, que a arte enquanto processo formativo ainda é tratada como se fosse um conhecimento menor. Em alguns casos, quando se fala de arte em alguns espaços, as pessoas associam ao caráter utilitário e decorativo, no sentido de criar “lembrancinhas” para um fim específico na sala de aula ou no sentido de “fazer arte”, que tem conotação negativa, de alguém que está aprontando algo errado.

Segundo Barbosa (2010), o ensino de Arte esteve presente no currículo escolar desde o século XIX, mas com diferentes características de acordo com o contexto político e social de cada época. A autora ressalta que por muito tempo não houve cursos voltados para artes e educação, apenas para o ensino de desenho geométrico. Os cursos de Arte-Educação foram criados nas universidades apenas em 1973.

Ainda de acordo com a autora, o ensino da arte foi reformulado por uma criação ideológica de educadores norte-americanos. Assim, em 1971, criou-se a primeira lei que instituiu a obrigatoriedade do ensino da arte no currículo escolar, Lei Federal nº 5692 denominada "Diretrizes e Bases da Educação". Barbosa (2010) diz que essa lei desconsiderou o teor reflexivo da arte, e começou a profissionalizar os alunos no 8º ano (antiga 7ª série) para que grandes empresários adquirissem poder no período da Ditadura Militar.

Barbosa (2010) também afirma que as conquistas da Arte e Educação no Brasil, se deram pelas lutas dos arte-educadores que foram engajados politicamente e cobraram posicionamentos de alguns deputados para inclusão do trabalho criativo nas escolas, respeitando a diversidade cultural do país. Em 1990, os educadores se reuniram para garantir a permanência da Arte no currículo escolar e para assegurar formação específica para processos seletivos e concursos públicos para professores de arte, pois a obrigatoriedade Lei não constava de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96.

Nesse contexto, na elaboração do Parâmetros Curriculares Nacional (1995), os arte-educadores conseguiram participação no processo para elaboração do programa.

Estudar e reconhecer a arte como uma totalidade que está presente em diversos meios, é compreender a própria realidade em que se está inserido. De acordo com ALMEIDA in FERREIRA (2001, p. 15), “as artes são produções culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas pelos alunos, já que é nas culturas que nos constituímos como sujeitos humanos”.

A partir de um olhar empírico, pode-se afirmar que os sujeitos inseridos no ambiente escolar não criam uma reflexão crítica acerca dos produtos artísticos que são consumidos



cotidianamente. Segundo Barbosa (1991, p. 90), “[...] antes de ser preparado para explicar a importância da arte na educação, o professor deverá estar preparado para entender e explicar a função da arte para o indivíduo e para a sociedade”.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394): “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” Ou seja, o processo educativo tem como missão desenvolver e promover o desenvolvimento cultural.

Dito isso, para promover o desenvolvimento cultural na educação, é preciso conhecer os referenciais que abarcam as expressões culturais dos sujeitos. Nessa direção, Saviani (2003) ressalta o caráter humanístico da educação e dos elementos culturais destacando que:

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (SAVIANI, 2003, p.17)

O trabalho educativo, assumido nos papéis do professor, de aprender e ensinar, tem a função de mediar identidades e elementos culturais para que os alunos se sintam provocados pela experiência estética e ação cultural que humanize. Para isto, é necessário a ampliação do repertório cultural como uma forma de viver e compreender os processos educativos entre professor e aluno.

Para Luiz Guilherme Vergara (1996), a ativação cultural tem como objetivo descobrir e abrir possibilidades de viver experiências estéticas, para que se desenvolva uma consciência sensível do que se vê, percebe e/ou ouve. Nesse sentido, ter uma ativação cultural das produções culturais da humanidade são relevantes para proporcionar experiências estéticas a fim de se criar consciência do que se vê, integrando responsabilidade social, econômica e cultural. Portanto, pode-se dizer que as aulas no contexto da Educação Básica envolvem percursos artísticos e culturais, e podem desenvolver os saberes dos professores e alunos para formar sujeitos emancipados.

No decorrer da vida, há contato com filmes, imagens em livros didáticos, pichações nas paredes e poemas nos livros. A ativação cultural se dá a partir dos saberes docentes, ou seja, a partir dos referenciais que o professor se apropria durante no curso da vida. Nessa tarefa de criação e apropriação de referenciais, o professor também se torna um investigador e curioso

da própria da prática. No caso das linguagens da arte, o professor também se torna um curador, pois é ele que faz escolhas e seleções artísticas para expor e incitar provocações estéticas para seus alunos.

Nesse sentido, a ativação cultural também acontece na partilha, pois os alunos também são ativadores culturais porque eles se movimentam culturalmente e trazem referências e saberes, seja na interação entre si ou nos locais que transitam. No compartilhamento de ativações culturais entre alunos e professores, surge a mobilização de saberes, de gostos e significados, e assim, cria-se a possibilidade de desenvolver-se integralmente, ao conhecer o outro, ao conhecer uma obra artística e reconhecer que há uma infinidade de possibilidades e reflexões na troca educativa.

A mediação cultural acontece nas entrelinhas das experiências e dos referenciais culturais. Enquanto a ativação cultural provoca à experimentação e à troca de referenciais artísticos, a mediação cultural convida para o diálogo, para a construção de conceitos e para interpretações possíveis de uma obra artística. Assim, no encontro entre a ativação cultural, mediação cultural e experiências estéticas, há a construção de potencialidades para se promover conhecimentos, trocas e encontros entre a arte e a cultura.

Mas afinal, o que é a experiência? Para Larossa (2002), a experiência tem a ver com o que nos passa e não o que se passa. Parte-se da premissa de que a partir da experiência constrói-se a individualidade e a subjetividade. Para o autor, nos tempos atuais há muita informação e pouca experiência, e a informação não deixa lugar para experienciar o que se é, com profundidades. A todo momento, a sociedade da informação sugere que se tenha opinião sobre os fatos da sociedade e essa obrigatoriedade de ter de saber tudo, também promove a perda da experiência. Seguindo essa lógica, pela falta de tempo também se perde a experiência, pois tudo que se passa por nós, se passa demasiadamente depressa.

Em vista dessas considerações, pode-se afirmar que a experiência vem sendo perdida na era da informação. Segundo Dewey, a experiência é um processo contínuo e que demanda interações com a realidade:

A experiência ocorre continuamente, porque a interação da criatura viva com as condições que a rodeiam está implicada no próprio processo da vida. Sob condições de resistência e conflito, aspectos e elementos do eu e do mundo implicados nessa interação qualificam a experiência com emoções e ideias, de maneira tal que emerge a intenção consciente. (DEWEY, 2010, p. 247)

Portanto, é importante que se reflita sobre as experiências estéticas para constituição dos processos educativos. Para Gabriel Perissé (2009, p. 29), a experiência estética como receptores

ativos se realiza no encontro entre os sujeitos e a obra de arte, como um encontro estético. Assim, a obra de arte se torna clara, ilumina o nosso interior e nosso conhecimento sobre ela e sobre nós, mas para se ter uma experiência viva com a obra, é necessário que se olhe com a inteligência. Com o contato com uma obra de arte, o autor diz que sente o resultado de percepções, sentimentos e conceitos. Corroborando com as ideias de Gabriel Perissé (2009), Nogueira (2008), afirma que a arte é conhecida como mais uma forma de conhecimento humano:

A Arte é, portanto, uma forma de interpretação do real, nem superior, nem inferior às demais: é apenas mais uma. É também múltipla, pois varia de acordo com suas diferentes modalidades ou linguagens: música, artes visuais, teatro, dança, cinema, fotografia, entre outras. (NOGUEIRA, 2008, p.2).

Assim sendo, para o autor, a arte carrega múltiplas linguagens e pode ser considerada como uma forma de interpretação do real ou parte dele. Pode-se afirmar, então, que arte dá acesso às representações simbólicas dos traços intelectuais, emocionais que caracterizam um grupo social e as suas crenças.

Dessa forma, pensar a arte como um meio estruturante de uma cultura se apresenta como um importante instrumento de desenvolvimento social para a sociedade. Ao se pensar no processo educativo, em docentes e discentes, abordar a arte significa fazer com que esses sujeitos de aprendizagem se reconheçam nas suas individualidades e subjetividades enquanto integrantes de uma sociedade histórica e cultural. A Arte, no contexto escolar, pertence a uma área do conhecimento e, como possibilidade de criação, possibilita que os estudantes e professores possam ter uma construção sólida e criativa mediante os seus saberes.

A seguir, abordaremos sobre a questão da formação cultural nos espaços da Educação Básica e da formação docente, a fim de elucidar a interlocução entre os temas e a sua relevância para uma educação na perspectiva da mediação cultural nas escolas.

### **2.1.3 Formação cultural no contexto da Educação Básica**

Uma escola é formada por um edifício, de cartazes artísticos espalhados pelas portas das classes, cantoria de alunos, danças de outros, livros didáticos, professores espalhados pelas variadas salas, muitos estilos e identidades no rosto de cada sujeito que adentram os muros da escola e a gestão escolar que atua nas melhorias desses espaços em prol do ensino. São muitas “formações” que compõem o ambiente de formação. A escola é um espaço de interação entre

os saberes e de socialização dos conhecimentos socialmente produzidos pela sociedade. De acordo com Saviani:

Que a função social da escola é a de propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola devem organizar-se a partir dessa questão. (SAVIANI, 2013, p.14).

Preparar cidadãos para cumprir o seu papel social tem sido cada vez mais difícil frente aos desafios impostos pela sociedade. Portanto, incorporar estratégias para garantir o ensino e a aprendizagem e o reconhecimento da cultura local é um desafio constante para todos os envolvidos no campo escolar devido às diferentes realidades encontradas na Educação Básica. Por este motivo, a gestão escolar cumpre seu papel fundamental para o funcionamento das escolas:

A gestão escolar constitui uma dimensão importantíssima da educação, uma vez que, por meio dela, se observa a escola e os problemas educacionais globalmente e se busca, pela visão estratégica e as ações interligadas, abranger, tal como uma rede, os problemas que, de fato, funcionam e se mantêm em rede. (LÜCK, 2009, p. 24)

A gestão escolar é formada por uma equipe gestora que forma a rede educacional - o diretor escolar e a coordenação (supervisor e orientador educacional). Com essa equipe, integram-se os professores e alunos e toda a comunidade escolar. O objetivo da gestão escolar é desenvolver práticas socioeducacionais envolvendo todos os setores que estão compreendidos em uma realidade escolar e seu plano se dá a partir das diretrizes vigentes.

Segundo Gatti (2016, p. 36), há uma tensão colocada na escola pelas condições socioculturais. De acordo com a autora, professores e gestores estão diante de crianças e jovens diversificados construídos em contexto social complexo onde o fugaz, a moda assumem papéis determinantes, e essas condições determinam o papel dos educadores e das escolas.

Diante de tal circunstância, considera-se relevante pautar as desigualdades advindas da produção capitalista e que geram respostas alienantes na realidade da sala de aula, que visam de maneira padronizada, consumir sentidos e as vivências de cada sujeito. Diante da tentativa de unidade dos sujeitos, onde a moda e as informações se tornam fatores decisivos, há também o desafio de se considerar as diversidades culturais no contexto escolar. Portanto, a escola, como local de socialização, tem o desafio determinante de lidar com a diversidade e ir além da lógica branca, heterossexual e cristã.

Por conta disso, torna-se necessário pensar na escola enquanto local das diferenças. Significa pensar que ao adentrar uma escola, haverá o encontro com o outro. Nesse sentido, (re) pensar na diversidade cultural exige um olhar sensível, crítico e político para lutar pelo reconhecimento da escola enquanto local da diferença e do encontro. De acordo com Morin (2001, p. 56):

a cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas.

Diante da diversidade de culturas encontrada em sala de aula, os funcionários da rede escolar precisam de diferentes estratégias para lidar com os alunos e possibilitar igualdade de escolhas na sala de aula. A partir do trabalho com as diversidades, é que haverá possibilidade trocas e de compreensão do outro.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) para o Ensino Fundamental destacam a Pluralidade Cultural como um dos temas transversais, com a justificativa de que “apresentando heterogeneidade notável em sua composição populacional, o Brasil desconhece a si mesmo”.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (2016), a vivência da diversidade cultural é natural, espontânea e valiosa. Por outro lado, os modos de viver, pensar e dizer que diferentes grupos criam e perpetuam são, muitas vezes, tomados por eles como verdades universais ou naturais, podendo gerar desrespeito com o outro, discriminação e conflitos, não raro, insuperáveis.

Na Base Nacional Comum Curricular, há dez competências gerais para educação básica, sendo elas, 1) utilizar dos conhecimentos historicamente construídos; 2) exercitar a curiosidade intelectual; 3) valorizar das manifestações artísticas e culturais; 4) utilizar de diversas linguagens; 5) apropriar-se das tecnologias digitais de informação; 6) valorizar as diversidades de saberes e de vivências culturais; 7) utilizar fatos reais para defesa de ideias; 8) conhecer-se a partir da saúde mental; 9) exercitar a empatia; 10) agir pessoalmente e coletivamente com autonomia. Segundo o documento, pondera-se que os conteúdos escolares auxiliam na competência dos alunos.

Portanto, uma ação pedagógica pautada nas competências acima pode mobilizar conhecimentos para uma formação que reconheça as bagagens culturais de cada sujeito. Nesse sentido, é preciso que se crie acessos e capital cultural de acesso aos professores e alunos, ainda

mais em uma realidade permeada de diversidades culturais e que são constantemente são invadidas por produtos massivos. Assim, utilizar os conhecimentos históricos e valorizar as vivências são uma forma de reconhecer identidades culturais.

Desde a segunda metade do século XX, o debate sobre contatos culturais, identidades e diversidade pauta não só ações políticas, como culturais, artísticas e pedagógicas (CARVALHO; MARTINS, 2014). Diante dessa complexidade de relações sociais que os participantes do campo escolar precisam lidar, é necessário que a escola estabeleça construções coletivas para compreensão acerca da ambiência cultural e escolar.

Quando se diz que a escola precisa lidar com a diversidade cultural, se presume o reconhecimento dos diferentes códigos, classes, grupos étnicos, crenças e sexos na nação, assim como o diálogo com os diversos códigos culturais das várias nações ou países que incluem até mesmo a cultura dos primeiros colonizadores (BARBOSA, 1998). Entende-se que a complexidade dos estudos acerca da cultura em educação requer atenção perante as diversidades culturais impostas tanto localmente, quanto mundialmente.

Para tanto, Fleuri (2002, p. 127) estabelece alguns conceitos importantes para entender os estudos culturais e elaborar debates conceituais. O monoculturalismo entende que todos os povos compartilham uma cultura universal, sendo que o principal perigo dessa visão é a história ser contada por apenas uma voz, como no caso da cultura dominante e hegemônica. O termo multiculturalismo reconhece que cada povo desenvolve historicamente uma identidade e uma cultura própria e considera que cada cultura é válida em si mesma. Daí surge o termo interculturalismo que reconhece o sentido e a identidade cultural de cada grupo e emerge nos contextos das lutas contra a exclusão social.

Desse modo, será utilizado o termo interculturalidade em consonância com os estudos de Barbosa (1998). De acordo com a arte-educadora, a interculturalidade significa a interação entre as diferentes culturas para alcançar o desenvolvimento cultural. Nesse sentido, é necessário que a escola forneça conhecimento sobre a cultura local, a cultura de vários grupos que caracterizam a nação e a cultura de outras nações. Barbosa (1998) ressalta que apenas a cultura erudita ainda é a única admitida nas escolas; e as culturas das classes mais baixas continuam a ser ignoradas pelos espaços educativos. Portanto, explorar o tema da interculturalidade significa refletir sobre alguns conceitos, como a cultura dos sujeitos ou de um grupo inserido no processo educativo, a identidade individual dos sujeitos ou grupos e o reconhecimento das culturas para possibilitar formações culturais na Educação Básica.

Segundo Fleuri (2000), a perspectiva da interculturalidade na prática educacional não é considerada apenas como um objeto de estudo, mas sim como um modo dos sujeitos

interagirem com a sua própria realidade. Destarte, valoriza-se diretamente os sujeitos que estão colocados diante de uma realidade para, assim, interagir e compreender outras culturas, promovendo a relação entre as pessoas enquanto membros e participantes de uma sociedade histórica.

Assim sendo, quando se retoma a diversidade cultural, é importante resgatar os termos e as noções de acessos e das condições nas quais as escolas estão inseridas. Pois, para se valorizar os sujeitos com as suas individualidades e potencialidades, é indispensável que se tenha condições e formação continuada da equipe pedagógica para se atribuir e reconhecer a cultura de cada aluno, professores e todos sujeitos que participam de determinada realidade escolar. Para Nanni (1998, p. 50) a educação baseada na perspectiva intercultural valoriza as relações das identidades culturais:

um processo multidimensional, de interação entre sujeitos de identidades culturais diferentes. Estes, através do encontro intercultural, vivem uma experiência profunda e complexa de conflito/acolhimento. É uma oportunidade de crescimento do cultural pessoal de cada um, na perspectiva de mudar estruturas e relações que impedem a construção de uma nova convivência civil. A educação intercultural promove inclusive a mudança do sistema escolar: defende a igualdade de oportunidades educacionais para todos, requer a formação dos educadores, estimula a reelaboração dos livros didáticos (...). (NANNI, 1998, p. 50)

Assim, percebe-se que a interculturalidade traz possibilidades de interação com as identidades culturais, experiências para a formação cultural dos envolvidos no processo educacional, pois também atua no crescimento cultural de cada sujeito. A interculturalidade exige que se ressignifique o conceito de cultura na escola para promover reflexão e transformação substancial das expressões culturais que se encontram no imaginário dos professores, da gestão escolar e dos alunos.

Portanto, para trabalhar com os processos culturais na Educação é preciso concretizar uma proposta sólida das políticas e diretrizes da Educação e vislumbrar a formação inicial e continuada cultural/intercultural dos docentes. A cultura e a arte, movimentam-se e sofrem influências diversas no decorrer dos séculos. É a partir de políticas de educação atualizadas e responsivas que a Educação conseguirá abarcar as diversidades de culturas que permitam a transformação integral da Educação Básica.

### **2.1.4 Formação cultural dos docentes**

Ser professor nos tempos atuais é um papel desafiador. As tecnologias modificaram as formas de comunicação e de acesso às informações. Portanto, é necessário repensar as práticas de atuação docente na Educação Básica. A fim de contribuir com essas considerações, nesta seção será apresentado a necessidade de um olhar apurado para formação cultural e para realidade da formação docente.

Para a Escola de Frankfurt, o conceito de formação cultural em relação com a semiformação, se define como “nada mais que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva” (ADORNO, 2010, p.9). Nesse sentido, a formação cultural tomada pela indústria cultural, se apropria do subjetivo dos sujeitos por meio da cultura dominante. Portanto, uma forma de propiciar uma formação cultural em contraposição com a indústria cultural é ter consciência que é preciso transformar a realidade por meio da cultura socialmente construída e não apenas tratá-la como mercadoria de consumo. Desse modo, a formação cultural seria uma forma de descentralizar os produtos da indústria cultural como a única forma de acesso cultural aos docentes.

Diante da imposição social das mercadorias e como forma de possibilitar uma formação cultural condizente com a formação humana, garantir o contato com outras expressões culturais, propiciar acesso às políticas culturais e oportunizar um conhecimento cultural amplo para os discentes é uma forma de atuação para que os sujeitos exerçam o seu direito à cultura e ao lazer. Para Kramer e Leite (1998, p.21):

a formação cultural de professores é parte do processo de construção da cidadania, é direito de todos se considerarmos que todos – crianças e adultos – somos indivíduos sociais, sujeitos históricos, cidadãos e cidadãs produzidos na cultura e produtores de cultura.

O acesso à cultura não pressupõe apenas à formação cultural, mas também, a formação humana. Nesse sentido, é preciso ir além do caminho da casa para o trabalho. É preciso e experienciar acessos ao teatro, cinema, galeria de arte e museus, etc., e ampliar repertórios culturais e humanos para além da escola.

Destarte, o acesso cultural pressupõe ao acesso às políticas culturais, que é um dever do Estado. Os repertórios culturais dizem respeito à forma que os professores se envolvem com as possibilidades culturais, seja através dos livros, de espaços culturais e de interpretação do real ao apropriar-se de tais espaços.

O contato com as manifestações culturais permite a aquisição de referenciais culturais e possibilidades diversificadas. Desse modo, pensar na formação cultural dos professores é



também refletir na construção de sujeitos criativos e críticos ao mundo e tais reflexões podem se alargar para o conhecimento de seus alunos. Nesse sentido, para Suanno (2009), a formação cultural é “o processo pelo qual o indivíduo se conecta ao mundo da cultura, mundo esse entendido como espaço de diferentes leituras e interpretações da realidade, promovidas pela Arte, nas suas diferentes modalidades e pela Literatura.”

A escola também possui seu papel determinante na formação humana e cultural dos docentes. Pode-se afirmar que a escola é, também, um espaço de formação cultural. Docentes e discentes também são produtores e reprodutores de cultura. Na escola, há o contato com diversas pessoas e costumes diferentes, seja a partir das relações ou a partir das disciplinas lecionadas. Um livro didático também se constitui enquanto formador cultural pelo seu caráter imagético e verbal.

Na busca por “formação cultural” nas Diretrizes Curriculares da Educação para Formação Docente (2001) no item “3.2.3” há menção sobre a falta de oportunidades para o desenvolvimento cultural docente e com destaque a importância de ampliação do universo cultural dos professores. É ressaltado também sobre a falta de acesso às produções culturais diversas e cita-se apenas a importância de uma ampla formação cultural.

O Brasil, mesmo qualificado pela sua diversidade cultural e artística, é o país no qual suas políticas de cultura não são bem distribuídas. Segundo o IBGE (2019), os dados de 2018 são de que 32,2% da população moram em municípios sem museu, 30,9%, sem teatro ou sala de espetáculo, 39,9%, sem cinema, 18,8% sem rádio AM ou FM local, 14,8%, sem provedor de internet. Em questões de acesso, é menor para crianças e adolescentes e as cidades metropolitanas possuem mais acesso aos espaços de transmissão cultural. É um país que teve como tema da redação do Enem 2019, “a democratização do cinema no Brasil”. Ora, se muitos dos alunos não têm acesso aos bens culturais, se não possuem uma estrutura econômica familiar que garanta o acesso ao cinema, quem dirá redigir sobre tema longe de sua realidade, a que não se tem acesso.

Devido aos baixos salários nas redes públicas da educação básica, com poucos recursos em sala de aula e com grandes jornadas de trabalho, ainda é muito distante e escasso a questão dos acessos culturais para alguns professores e estudantes. Então, cabe afirmar que o acesso à cultura hegemônica produzida pela indústria cultural é o que chega aos professores e alunos da Educação Básica. Assim, pode-se também afirmar que professores e alunos consomem os mesmos produtos culturais?

Adorno (2010), na teoria da semicultura, apresenta conceito de semicultura e de semiformação para falar sobre a cultura e as suas manifestações simbólicas, que podem se aproximar dos ideais do mercado e afastar os sujeitos de cultura emancipadora.

De acordo com o autor, a semicultura encontra-se enraizada na sociedade industrializada, a qual pertencemos. Na teoria da semicultura, o autor diz que a obra de arte se distanciou do seu potencial de objetividade e ficou fadada ao fetichismo da mercadoria. Desse modo, as obras de artes e os objetos de cultura transformam-se em itens para o consumo. Gerando, assim, alienação social a quem consome tais produtos que são produzidos por determinada classe social.

Na teoria da semiformação, o autor diz que o indivíduo se desenvolve por meio dos ritos da industrialização e os produtos culturais perdem a sua objetividade de formação e transformam-se em um objeto da semicultura. Desse modo, o autor afirma:

No entanto, como a semiformação cultural se liga, apesar de tudo, a categorias tradicionais, a que ela já não satisfaz, a nova figura da consciência sabe inconscientemente de sua própria deformação. Isto irrita e encoleriza a semicultura — quem sabe do que se trata quer sempre em tudo ser um sabichão. Um slogan semiculto que viu melhores tempos é o do ressentimento, pois a própria semicultura é a esfera do ressentimento puro, mas dele acusa o que quer que ouse conservar a função de autoconhecimento. Sob a superfície do conformismo vigente, é inconfundível o potencial destrutivo da semiformação cultural. Ao mesmo tempo que se apossa fetichisticamente dos bens culturais, está sempre na iminência de destruí-los. (ADORNO, 2010, p. 15)

Nesse contexto, percebe-se que os produtos produzidos pela semicultura e disseminados pela semiformação, são um dos principais formadores da sociedade e da realidade da escola. Portanto, se a escola possui em sua diretriz a promoção de sujeitos emancipadores e o seu objetivo é de atingir qualidade social, é preciso que se vá além dos produtos fetichistas da cultura.

Portanto, é na realidade da semiformação e dos produtos massivos que a formação docente e discente se constrói e se consolida como um dos principais meios de comunicação com as massas. Compreender essas contradições da sociedade e seus impactos na escola, é um imperativo para construção de uma escola crítica e reflexiva.

Desse modo, a formação inicial dos professores tem sido uma questão complexa no contexto educacional. Muitas vezes, os docentes são formados diretamente para o ambiente de trabalho, o que causa algumas situações mecanicistas no ato de ensinar a aprender. Nesse sentido, sabe-se da necessidade de formar professores para as novas tecnologias e para dominar ferramentas específicas, mas também é preciso formar professores para além dos muros das

escolas e que proponham olhares sensíveis para a arte, para as relações sociais e para as diversidades.

De acordo com Bernadete Gatti (2014), a sociedade coloca uma responsabilidade no desenvolvimento da escola por meio dos professores, que desempenham um papel decisivo no cenário de crescimento populacional. A autora ainda ressalta que a responsabilidade é ainda maior para as instituições que são responsáveis pela formação dos professores. Gatti (2014), diz que no Brasil ainda não houve iniciativa para pensar nas questões da formação inicial dos professores para reconstrução do currículo escolar para rever estruturas de formação.

No panorama descrito acima, dos desafios para a profissionalidade docente, entra em pauta os conhecimentos docentes, que são constituídos enquanto a vida acontece, no seio das relações humanas. Para Signorelli, os conhecimentos docentes, “(...) não são construídos somente durante a formação inicial, mas ao longo do exercício profissional, nas tramas do sistema educativo, da escola, do contexto social e cultural onde o professor desenvolve sua ação docente” (2016, p. 122). Por este motivo, pondera-se em favor de uma formação continuada, pois a sociedade e a história estão sempre em movimento e os conhecimentos docentes se desenvolvem com a sociedade.

Na tessitura das formações, a formação continuada precisa contemplar as diversidades e as mudanças da sociedade, para que o ensino seja atrativo para os alunos e coerente para os professores para a transformação da mesma. De acordo com “repensar a formação continuada de professores e adequá-la aos desafios de nosso momento.” (CANDAUI, 1996, p.143).

Desse modo, a escola é um local de formação, pois os professores aprendem, reaprendem e dialogam com tais conhecimentos com seus alunos. Nesse sentido, ocorre a ampliação de saberes dos conhecimentos docentes. Portanto, a mediação cultural enquanto ferramenta para explorar o repertório cultural dos alunos e propor formações educativas que são construídos pelas trocas e interações cotidianas e costuradas pelas relações pessoais e sociais, construídas ao longo da vida, mostra-se como uma aproximação para gerar diálogos entre os objetivos educativos e as expressões culturais e artísticas:

A mediação cultural é entendida como uma ação de aproximação onde o “estar entre muitos” implica em gerar diálogos, trocas, modos de perceber diferenciados, ampliação de repertórios pessoais e culturais, ciente de que há múltiplos aspectos a serem levados em conta, com o objetivo de potencializar contatos com a arte. (MARTINS, 2010, p. 7)

De acordo com Martins (2010), a mediação cultural pode ser entendida com estar entre muitos, pois envolve trajetórias e referentes culturais que são formados a partir das experiências, sejam docentes, sejam cotidianas.

Para suscitar o conceito de mediação, no dicionário Aurélio (2008), mediar significa *dividir ao meio, repetir em duas partes iguais*. Também há o significado no sentido de mediação de conflitos – ou seja, procurar uma solução para facilitar uma interação entre os diálogos.

Desse modo, os estudos de Paulo Freire (2013) e Vigotski (1991) partem do pretexto de que o professor articula mediações culturais e ações educativas, pois são sujeitos de conhecimentos e histórias. Nos apontamentos de Paulo Freire (2013, p. 68), a relação entre sujeito e mundo são indissociáveis: "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo"

Para Freire (1997), nenhum fato se justifica individualmente, pois estamos imersos em uma totalidade social, os fatos se constroem em um contexto histórico e social. Para Vigotski (2003), o processo de construção de interação do sujeito acontece no âmbito sociocultural historicamente construído.

Portanto, o sujeito é um veiculador de cultura e o meio define seu contexto enquanto ser social. Vigotski (1991) utiliza o conceito de mediação na interação do homem e o seu meio pelo uso de seus instrumentos e signos que são utilizados pelas sociedades durante o curso da história humana. Desse modo, os sujeitos internalizam os instrumentos e signos criados mediante o período e o contexto cultural em que foram produzidos.

No âmbito educativo, o professor promove intervenções e mediações tanto no ensino quanto na aprendizagem dos seus alunos por meio da realidade social. Para Vigotski (1991, p. 10): "Aprendizagem e desenvolvimento estão ligados entre si desde os primeiros dias de vida da criança". Ou seja, desde sempre o sujeito está em contato com a realidade social. O autor descreve que o processo de internalização ocorre após algumas transformações do processo interpessoal para o processo intrapessoal.

Vigotski (1998, p. 75) ressalta que "a transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento". Assim, essas transformações são determinadas pela interação entre os envolvidos e o ambiente social, em uma perspectiva interacional entre o sujeito, o meio e entre os sujeitos envolvidos.

Em "As origens da Arte", Ernest Fischer (1983, p. 33), parte de uma perspectiva da experiência de como o homem foi se ajustando aos instrumentos da natureza para modificar sua realidade, para afirmar que "quanto mais o homem acumula experiência, quanto mais aprende

a conhecer as diferentes coisas em seus diferentes aspectos, tanto mais rica precisa tornar-se a sua linguagem.” Ou seja, a arte propicia o conhecimento a partir do acúmulo de experiência e permite o enriquecimento da linguagem.

Assim, o papel do professor enquanto mediador cultural é considerar as expressões culturais que seus alunos já carregam, para posteriormente sugerir e mediar variadas linguagens. Para isso, também é necessário pensar que a cultura é uma construção sócio-histórica de direito dos sujeitos e considerar as expressões culturais como ressignificação e não como apenas entretenimento: “mas isso só ocorre se o professor se tornar ele próprio curioso, mesmo que seja por um museu muitas vezes já visitado.” (MARTINS, 2018, p. 30).

Entende-se que as experiências estéticas presentes no cotidiano dos discentes e docentes são possibilidades de transformação e a mediação cultural, como estratégia pedagógica que poderá guiar e criar interações entre o que se quer mediar e o que será mediado. Para Mirian Celeste Martins (2018), o ato da mediação cultural é um convite à experiência estética e de possibilidade de troca e interação:

Um convite à disponibilidade e à abertura frente ao que lê e interpreta com seus próprios referenciais ampliados no diálogo e na multiplicidade de camadas de sentidos que a arte, os objetos, o patrimônio e as manifestações culturais evocam, nos espaços em que são preservados, expostos e divulgados. Um convite para aguçar a percepção, para analisar detalhes e o todo, para trocar e ampliar os saberes diante da multiplicidade, do antigo e do novo, do familiar e do inesperado, do concreto, do histórico e do simbólico. (MARTINS, 2018, p.85)

Os docentes são mediadores culturais responsáveis pelo processo de construção do conhecimento dos discentes. Assim, há de refletir sobre a formação cultural e alfabetização cultural dos discentes como forma de acesso aos bens culturais da sociedade, assim como de si próprios.

Pode-se afirmar que a formação cultural dos professores não se inicia apenas no chão da escola, pois existem aparatos na legislação que garantem os estudos culturais nas escolas e nas licenciaturas. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (2019), dentre as competências do docente está “valorizar e incentivar as diversas manifestações artísticas e culturais, tanto locais quanto mundiais, e a participação em práticas diversificadas da produção artístico-cultural para que o estudante possa ampliar seu repertório cultural” (p. 13).

Paulo Freire (2006, p. 23) afirma que “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. De fato, em diálogo com a formação cultural sólida e transformadora, é necessário que aconteça a formação continuada dos

professores, possibilitando a formação cultural constante e preocupada com as heranças culturais da sociedade para haver consciência do passado e para transformação do presente e futuro no contexto docente.

Posto isto, é impossível pensar em uma dicotomia entre educação e cultura. Percebe-se que os termos são relacionais e interseccionais entre si, pois assumir-se professor é revelar sua identidade enquanto sujeito social, histórico e cultural e em constante formação e construção. Nesse contexto, em uma perspectiva Freiriana, o professor se constitui como mediador cultural na atividade do ensino, criando possibilidades para a própria construção do conhecimento.

A pesquisadora Maria Lind ressalta que deve haver maior responsabilidade no ato de mediação e propõe uma necessidade de renovação na mediação, e utiliza um questionamento para se pensar na contemporaneidade “por que mediar arte hoje?”:

Mas nós realmente precisamos de mais mediação?  
Talvez o que deveríamos buscar sejam diferentes tipos de mediação e em outros contextos. Bem como uma maior conscientização das formas específicas de mediação que já são empregadas nas instituições, e não menos a mediação persuasiva embutida no ofício tradicional de curadoria. (LIND, 2013, p. 104)

É importante lembrar que a pesquisadora se dirige aos mediadores de museus, espaços artísticos e culturais, etc. Portanto, a provocação de Maria Lind de “buscar diferentes tipos de mediação e em outros contextos”, nos conduz a pensar na mediação no contexto da Educação Básica, no sentido de pensá-la como prática humanizadora e promotora de expansão dos repertórios culturais dos professores.

Os repertórios culturais são constantes assim como a atividade humana. Em 1991, Paulo Freire sistematizou os Círculos de Cultura<sup>6</sup>, uma proposta pedagógica que tinha como eixo norteador, a aprendizagem integral. Segundo Freire, essa ação promoveu um reconhecimento das culturais locais, uma relação entre educador-educando e da oralidade para que se percebessem como detentores de sua história e de sua cultura, promovendo a ampliação do olhar sobre a realidade. Dessa maneira, educar-se e formar-se possibilitam transformações.

Portanto, a formação cultural dos docentes é uma possibilidade para um olhar além do que está posto, superando, assim, alguns valores veiculados pela cultura dominante. A formação baseada nas relações sociais e no contato com expressões artísticas é uma oportunidade para uma formação inicial e continuada mais sensível e crítica às mudanças no mundo. Nesse sentido, no próximo capítulo, apresentarei o conceito de mediação e alguns elementos

---

<sup>6</sup> O Círculo de Cultura é um método criado por Paulo Freire que parte do pressuposto da construção do conhecimento por meio do diálogo e pela construção coletiva, levando em conta a cultura do outro.

mediadores que fazem da parte das relações humanas e permitem a relação entre o homem e o mundo.

### **2.1.5 Vigotski: Mediação docente e mediação cultural**

Ao iniciar um novo contato com o cotidiano escolar e da sala de aula, o docente atua na construção de conhecimentos com os estudantes. Para isto, o docente procura fazer intervenções com objetivo de aprimorar a aprendizagem de seus alunos.

Para Vigotski (2008), teórico interacionista, o desenvolvimento se dá por meio das interações sociais, ou seja, a partir da troca de interações entre o sujeito e o meio. De acordo com o autor, as interações se dão por meio do pensamento e linguagem. É pelo meio cultural do sujeito que a linguagem se modifica e se desenvolve. Assim, a linguagem, impulsiona o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como a memória e imaginação, onde o sujeito poderá transformar e operar sobre o mundo e acessar a sua origem sociocultural.

Pela significação da palavra, a criança modifica o seu pensamento a partir de seu desenvolvimento. Para Vigotski (2008), a linguagem e pensamento não podem ser pensados de maneira inseparável, mas relacionadas, pois, um dá sentido ao outro. Através da palavra, enquanto fenômeno, formam-se os conceitos.

O autor descreve que o significado das palavras se desenvolve de acordo com o crescimento de uma criança. Dessa maneira, o pensamento e a palavra se modificam com o tempo e são formações dinâmicas no processo do desenvolvimento humano. Um exemplo disso é quando a criança está conhecendo o mundo, os pais apresentam-na o contexto social e a criança começa a criar as suas ações por meio da linguagem, pois o pensamento passa por muitas transformações e movimentações até transformar-se em uma fala.

Todo pensamento procura unificar alguma coisa, estabelecer uma relação entre coisas. Todo pensamento tem um movimento, um fluxo, um desdobramento, em suma, o pensamento cumpre alguma função, executa algum trabalho, resolve alguma tarefa. Esse fluxo de pensamento se realiza como movimento interno, através de uma série de planos, como uma transição do pensamento para a palavra e da palavra para o pensamento (VIGOTSKI, 2000, p. 409-410).

Portanto, a comunicação e o contato social são fatores primordiais para o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento do pensamento vai do social para o individual. Para Vigotski (2008), a linguagem se desenvolve pelas funções psicológicas e

através dos signos construídos culturalmente. Isso significa que a criança se articula com o seu meio a partir de situações sociais e do seu desenvolvimento psicológico. Para formação dos conceitos e por meio da palavra, formam-se as transformações intelectuais e pelos meios, a criança se insere a partir das experiências cotidianas e desenvolve suas funções psicológicas.

Vale lembrar que as funções psíquicas superiores são processos determinados pela mediação e os signos (a palavra) que tem um papel primordial na formação de um conceito.

Em seus estudos, no tangente ao desenvolvimento dos conceitos científicos das crianças, é dito que quando uma criança aprende uma palavra nova há uma generalização de um modo primitivo. Na medida em que a criança se desenvolve, as generalizações se modificam, e assim, passam a ter generalizações mais avançadas e esse processo compreende à formação verdadeira dos conceitos. O desenvolvimento dos conceitos e de suas significações ativam o desenvolvimento das funções intelectuais.

Pode-se dizer que a formação de conceitos privilegia a representação social no sentido de haver uma mediação interativa entre o sujeito e o objeto. Um exemplo, são os conceitos aprendidos na escola, a relação como tal objeto é mediada pelo professor, e desde o início, com outro conceito. De acordo Vigotski (2008), primeiramente, existe o contato o conceito científico e depois os conceitos são transferidos para os conceitos cotidianos.

Assim sendo, o pensamento e as palavras desempenham um papel central no desenvolvimento, pois o pensamento se dá por meio das palavras. Assim, o sentido e o significado são construídos na medida que os sujeitos evoluem.

No caso da criança, os significados ganham dinamicidade, à medida que a criança se desenvolve e evolui. Assim como o pensamento, que também se move e se dinamiza com o tempo. Nesse sentido, a criança internaliza a cultura e cria a sua própria cultura.

Portanto, ao aprender e ao pensar, o sujeito não está no seu aspecto individual, mas sim, em processo socialmente construído e repleto de significações. Desse modo, o pensamento e a aprendizagem não ocorrem apenas do espaço escolar, mas sim em espaço(s), podendo ser por objetos culturais, situações sociais e pela linguagem. Segundo o autor:

O educador começa a compreender agora que quando a criança adentra na cultura, não somente toma algo dela, não somente assimila e se enriquece com o que está fora dela, mas que a própria cultura reelabora em profundidade a composição natural de sua conduta e dá uma orientação completamente nova a todo o curso de seu desenvolvimento (Vigotski, 2008).

É a partir da movimentação entre a cultura que o sujeito acessa os seus processos mentais superiores e se desenvolve. Portanto, para o autor “o aprendizado das crianças começa



muito antes delas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia.” (Vigotski, 2008, p. 110)

Destarte, o autor criou o conceito chamado de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), onde define a distância de desenvolvimento real, determinado, assim, pela capacidade de resolução de um sujeito e confrontação mediante uma tarefa. Há dois níveis de desenvolvimento – o real e potencial.

O desenvolvimento real está enquadrado na capacidade do sujeito solucionar problemas de forma independente. Enquanto o desenvolvimento potencial permite encontrar informações por meio de terceiros. A distância entre os níveis real e potencial está demarcada pelo ZDP, que “define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário.” (Vigotski, 2003, p. 113)

Portanto, o professor que atua na ZDP é mediador do conhecimento e potencializa os conhecimentos dos alunos e da produção humana. É pela ZDP que se reconhece os meios e os instrumentos utilizados na produção de conhecimentos e na atuação do professor enquanto mediador docente e mediador cultural.

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO

Para o percurso metodológico, pelas características que o estudo se apresenta, a pesquisa tem abordagem qualitativa porque tem o “ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”, é exploratória porque “(...) apreender os aspectos ricos e imprevistos que envolvem uma determinada situação, a fase exploratória se coloca como uma definição mais precisa do objeto de estudo (Lüdke e André, 1986, p. 11-13). Pode-se ressaltar que, pelo caráter da pesquisa, o cunho exploratório poderá auxiliar em uma compreensão e exploração da realidade, da forma que o próprio título da pesquisa propõe. Os estudos exploratórios são “todos aqueles que buscam descobrir idéias e soluções, na tentativa de adquirir maior familiaridade com fenômeno de estudo” (SELLTIZ et al., 1974).

#### 3.1 Procedimento da análise de dados

Como princípio da primeira etapa, foi feito um levantamento no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), utilizando um recorte dos últimos dos anos de 2017 (11), 2018 (8), 2019 (1) e 2020 (0).

Como critério, utilizou-se a palavra-chave “mediação cultural”, com aspas a fim de se ter resultados mais específicos. A refinação de resultados se deu pelas marcações: Grande área: “Ciências Humanas”; Área de conhecimento “Educação”; Área de avaliação: “Educação”; Área de concentração: “Educação; Educação e Formação Humana; Educação Brasileira”.

Para tanto, o critério e seleção se deu pelas pesquisas que continham a mediação cultural e a educação como eixos centrais. Feito a busca, utilizou-se o recurso de tabelas do Word para organização dos trabalhos. Após a leitura criteriosa dos trabalhos, selecionou-se pesquisas análogas ao tema desta pesquisa, ou seja, a mediação cultural no contexto da educação.

Tabela 1: Levantamento

	Ano	Título	Autor/a
1.	2017	Uma cartografia com a infância: experiências e múltiplas sonoridades	Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon
2.	2017	Mediação cultural: possibilidades no espaço teatral	Adalgyza da Costa
3.	2017	Vivências perceptivas com a infância nos espaços da escola e do museu – uma experiência	Karina Alves Cargnin

4.	2017	Sentidos e experiências na docência: processos de aprendizagem do instrumento musical na infância	Jorge Cesar de Araujo Pires
5.	2017	Bebetecas: um espaço de mediação do literário com crianças pequenas	Francislaine Hasper
6.	2017	Percepções da criança sobre o mar: uma ação de mediação cultural no Museu Oceanográfico UNIVALI	Aline Amaral de Freitas
7.	2018	Museu Itinerante Balaio da Capoeira: mediações no diálogo com a educação	Daniel Silva Porto
8.	2018	Arte contemporânea: cartografias das narrativas poéticas com crianças e adultos na escola e no museu	Nubia Agostinha Carvalho Santos
9.	2018	Narrativas da professora Ruth Cavalcante: lições de educação, de militância e de exílio no período 1960 a 1980	Erbenia Maria Girao Ricarte
10.	2019	Memórias de infância de professoras da Rede Municipal de Ensino de Curitiba e suas representações sobre a Educação e a Arte. (1970 – 1990)	Daniela Gomes de Mattos Pedroso
11.	2018	A potência cultural de quatro bibliotecas francesas: Bibliothèqe de la Cité Internationale universitaire de Paris (CIUP), Bibliothèqe Sainte-Geneviève, Bibliothèqe Publique d'Information Centre Pompidou (BPI) e Bibliothèqe Nationale de France (BNF)	Elaine Cristina da Silva Martins
12.	2018	Mediação cultural no museu: ressonâncias da experiência estética no corpo (em performance) de professores de Arte	Leomar Peruzzo
13.	2017	Xene Ma'e Imopinimawa: a experiência educativa do Programa Parakanã e suas contribuições para a afirmação da cultura, do território e da língua parakanã	Claudio Emidio Silva
14.	2018	Mediações e práticas culturais em uma escola de educação integral: o CIEP Avenida dos Desfiles/Passarela do Samba	Jenesis Genuncio
15.	2018	O futuro não é mais como era antigamente: o rock nacional e o ensino de História	Fabio Chilles Xavier

16.	2017	Da escola para a banca de sapatos: a atividade de estudo de uma criança trabalhadora	Aretha Amorim Bellini
17.	2019	Mediação de leitura de imagem: um caminho para a educação estética	Leticia Francez
18.	2018	Do CEASM ao Museu da Maré: o lugar de memória ou memória do lugar	Lourenco Cezar da Silva
19.	2017	A atividade de ensino e o sentido de conhecer pela pesquisa na Educação Básica	Samanta Capuchinho Ishikawa Perdigao
20.	2017	A música está no ar: a Educação Infantil canta, dança e movimenta-se com o PIBID	Vanessa Omizzollo de Medeiros
21.	2017	Sociedade informacional entre demandas e contradições: os limites e as potencialidades para integrar as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação às práticas educativas na formação inicial do pedagogo - estudo de caso junto aos licenciandos da Universidade Federal de São Paulo	Lucas Marfim

FONTE: Da autora (2020)

A organização, análise e o levantamento das pesquisas auxiliaram na escrita da revisão de literatura, que “[...] procura identificar, localizar e obter documentos pertinentes ao estudo de um tema bem limitado, levantando-se a bibliografia básica” (MACEDO, 1994, p.13). Feita a leitura dos trabalhos que abordavam a mediação cultural e a educação como eixos de estudo, iniciou-se o estudo das pesquisas correlatas. A análise das pesquisas se deu considerando os objetivos e as questões apresentados nesta pesquisa. Percebeu-se que as pesquisas que abordam a mediação cultural, muitas vezes, não estão relacionadas à escola e ao fazer docente.

Nesse sentido, as pesquisas correlatas nos permitiram avançar na compreensão do objeto de estudo, elucidando conceitos e práticas que se referem à mediação cultural na educação. Analisar e ter contato com outras pesquisas foi um processo importante para criar novos diálogos com o objeto de estudo.

### 3.2 Levantamento e discussão das expressões culturais

Retornando ao objetivo da pesquisa de resgatar as manifestações culturais em tempos de pandemia, realizou-se um levantamento nos meios virtuais da internet. A justificativa de procurar nesses meios, se dá pelo contexto que o mundo vem vivenciando, de pandemia. No

entanto, com o distanciamento social, as expressões culturais vêm sendo divulgadas nos espaços virtuais. Assim, os espaços virtuais tornaram-se fontes de análise desta pesquisa, levando em conta o contexto, e os usos que os disseminadores da cultura fizeram desses espaços.

De acordo com Capobianco (2010), as principais tecnologias de informação e comunicação provocaram mudanças por seu impacto significativo sobre a cultura e reorientaram as perspectivas sociais, econômicas, científicas e políticas. No contexto deste trabalho, parte-se do argumento de que as TICs<sup>7</sup> provocaram mudanças nas interações sociais, pois tais tecnologias tornaram-se o principal canal de comunicação em tempos de pandemia.

Nesse sentido, os estudos exploratórios auxiliaram a busca por fontes bibliográficas para a construção e pesquisa das manifestações culturais. A pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações (GIL, 1994 *apud* LIMA e MIOTO, 2007, p. 40).

No intuito de classificar as informações, utilizou-se as seguintes buscas nos meios sociais virtuais: “produção cultural + quarentena”, “literatura + quarentena”, “museu + covid 19”. Os principais resultados obtidos estão em língua portuguesa. Para critério de seleção, selecionou-se diferentes manifestações artísticas, como literatura, artes visuais e cinema, indicado na tabela abaixo:

Tabela 2 Manifestações selecionadas

Manifestação / Site	Descrição
Museu do Isolamento <a href="https://www.museudoisolamento.com/">https://www.museudoisolamento.com/</a>	<b>Artes Visuais</b> “O Museu do Isolamento é o primeiro museu online do Brasil que se propõem a divulgar o trabalho de artistas que estão produzindo no período de isolamento social. Para aqueles que produzem arte, o Museu se propõe a ajuda-los a encontrar um espaço de visibilidade para que consigam expor seus trabalhos de uma forma mais democrática.
Filmes do Isolamento	<b>Cinema</b>

<sup>7</sup> Tecnologias da informação e comunicação

<p><a href="https://www.youtube.com/channel/UC-14UNtF5BGXGrioPbn-H2g/featured">https://www.youtube.com/channel/UC-14UNtF5BGXGrioPbn-H2g/featured</a></p>	<p>Filmes produzidos durante o isolamento da pandemia covid-19. O grupo se formou durante uma disciplina do curso de cinema do IESB. Foram inspirados pelo movimento dinarmaquês Dogma95, criado pelos cineastas Thomas Vinterberg e Lars von Trier.</p>
<p>Diários do Isolamento  <a href="https://www.blogdacompanhia.com.br/secoes/visualizar/Diarios-do-isolamento">https://www.blogdacompanhia.com.br/secoes/visualizar/Diarios-do-isolamento</a></p>	<p><b>Literatura</b>  A editora Companhia das Letras disponibilizou os “Diários do Isolamento” com textos assinados pelos escritores da Editora. O movimento “Diários do Isolamento” faz parte do projeto #LeiaEmCasa. O principal objetivo é fazer um registro coletivo da experiência de isolamento.</p>
<p>Série Confinada  <a href="https://www.instagram.com/leandro_assis_ilustra">https://www.instagram.com/leandro_assis_ilustra</a></p>	<p><b>Literatura /HQs</b>  Série em quadrinhos retrata a relação de uma influencer e sua empregada no confinamento durante a pandemia do coronavírus.</p>
<p>Covid Art Museum  <a href="https://www.instagram.com/covidartmuseum/">https://www.instagram.com/covidartmuseum/</a></p>	<p><b>Artes Visuais</b>  O Covid Art Museum, o primeiro museu do mundo que nasceu durante a quarentena do Covid19 mostrando a produção artística tempos de pandemia.</p>
<p>Arte em tempos de pandemia</p>	<p><b>Artes visuais e demais manifestações</b>  Diário poético dos professores da Educação Básica para compartilhamento de momentos de incerteza durante a pandemia.</p>

A análise das expressões culturais foi realizada de forma paulatina e de maneira sistemática observando as características das manifestações, como ocorrem, as provocações realizadas e os diálogos existentes entre as diferentes linguagens da arte. Nesse sentido, procurou-se selecionar expressões culturais que abordavam o contexto de pandemia, pois é uma forma de estudo e resgate histórico do momento que está sendo vivenciado.

Em consonância com as manifestações culturais, emergiu os estudos sobre a educação em tempos de pandemia e como encontrava-se a situação dos professores e das escolas em diferentes estados do Brasil. Com o auxílio do levantamento, também se aprofundou-se os estudos das manifestações culturais em tempos de pandemia, possibilidades de usos pedagógicos dessas manifestações e a formulação do guia didático.

#### 4. A PRODUÇÃO NACIONAL ACERCA DA MEDIAÇÃO CULTURAL

Este capítulo traz uma revisão da literatura das pesquisas que abordam a mediação cultural na escola como possibilidade de repensar as expressões culturais a partir de um olhar reflexivo sobre os sujeitos que permeiam o ambiente escolar, como foi discutido na seção 3.1. As pesquisas foram coletadas do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, no período de 2017 a 2020. Com os filtros aprimorados, obteve-se: 11 pesquisas no ano de 2017, 8 pesquisas no ano de 2018, 2 pesquisas no ano de 2019 e 0 no ano de 2020, totalizando 21 pesquisas.

Do levantamento realizado, cinco pesquisas são voltadas à mediação cultural na Educação Infantil, sendo elas: de Medeiros (2017), direcionada ao Programa Institucional de Iniciação à Docência de Música, Pires (2017) sobre os processos de aprendizagem do instrumento musical; de Francez (2019), sobre a mediação de leitura e imagem e como a criança se relaciona com a obra de arte, de Cargnin (2017) sobre as vivências perceptivas das crianças no museu, de Hasper (2017), teve como temática a bebeteca<sup>8</sup> e analisar como ocorre a mediação do literário naquele espaço e de Strapazzon (2017) sobre as experiências sonoras das crianças em museus. Na pesquisa de Freitas (2017), a mediação cultural foi voltada para o museu e os sujeitos da pesquisa foram alunos do Ensino Fundamental.

Relacionadas ao ser docente, estão as pesquisas de Peruzzo (2018), sobre mediação cultural no museu, experiência estética docente e a questão do corpo como lugar de saberes sensíveis, de Pedroso (2019) sobre como as manifestações artísticas e culturais estão presentes nas memórias de infância das professoras.

São vastas as pesquisas no campo educacional. No entanto, são poucas as pesquisas envolvendo mediação cultural e educação. A partir do momento em que se refinam os filtros, os resultados vão se mostrando diferentes. A mediação cultural na perspectiva da Educação é um exemplo dessa etapa.

Ao iniciar os estudos, percebeu-se que as pesquisas que têm a questão cultural como elemento norteador encontram-se em metrópoles do Brasil, onde as políticas culturais e as universidades se fazem mais presentes. Outra constatação é que o termo “mediação cultural” geralmente não é marcado como eixo central, e sim, como parte do processo das pesquisas.

Muitas pesquisas utilizam as palavra-chave “mediação cultural” em seus descritores, mas são poucas as pesquisas que se relacionam com a educação formal. Ou seja, muitas pesquisas são voltadas para os espaços de educação não-formais como museus, institutos

---

<sup>8</sup> Bebeteca é um espaço de leitura localizado na cidade de Itajaí-SC.



musicais, teatros, entre outros. A maioria das pesquisas que envolvem mediação cultural e Educação geralmente são escritas por pesquisadores das áreas de Artes e Pedagogia. Assim, pode-se dizer que os estudos estão presentes na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. É importante ressaltar que o conteúdo da mediação cultural é muito amplo e pode ser aprofundado de diversas formas.

A partir da revisão bibliográfica sobre o tema, percebeu-se que muitas pesquisas estavam distintas do tema e foi preciso fazer algumas escolhas. Para isto, escolheram-se pesquisas análogas ao tema da mediação cultural na escola e aportes teóricos que poderiam auxiliar na discussão dessa pesquisa.

A pesquisa de Perdigão (2017), investigou parte da formação dos educandos do Ensino Fundamental I, averiguando se o recurso de pesquisa contribuiria para um aluno crítico na perspectiva histórico-cultural com base nos estudos de Vigotski. A pesquisadora diz que a escola é lugar de mediação cultural, portanto, é necessário que o aluno seja um sujeito pensante e crítico. O objetivo da autora foi de analisar se a pesquisa contribuía para um aluno crítico, reflexivo e mobilizado e para construções metodológicas na escola.

A autora utilizou Vigotski para tratar as relações entre desenvolvimento e aprendizagem, dividindo-os nas seguintes partes: 1) perspectiva histórico-cultural, desenvolvimento de aprendizagem e mediação; 2) formação de conceitos e como o processo ocorre; 3) as emoções e a aprendizagem; 4) transformação dos instrumentos e signos a partir do tempo histórico; 5) a importância do sentido e da significação na constituição humana.

A autora considera que as atividades pedagógicas são fundamentais para o desenvolvimento de aprendizagem, pois no processo de aprendizagem os sujeitos também se formam. Para tanto, o conhecimento sobre o desenvolvimento de aprendizagem é necessário para que se tenha êxito nas atividades.

Com base em Vigotski, a autora esclarece que a zona de desenvolvimento proximal é fundamental para a educação e para os ciclos de avanços da criança e facilita a elaboração de estratégias pedagógicas, trazendo, assim, a perspectiva de aprendizagem mediada.

Perdigão (2017) traz uma contribuição importante para esta pesquisa no capítulo 3 de sua pesquisa, onde discorre sobre a mediação, cultura, signo e palavra, pelo aprofundamento da discussão e pela elucidação de cada processo. É importante ressaltar outros aportes teóricos que tecem diálogos com Vigotski, como Smolka (1997) e Rego (2013) que são fundamentais para compreensão de mediação. No mesmo capítulo, também há contribuições sobre a mediação docente explicitando que o professor tem um papel essencial no avanço de aprendizado dos alunos. De acordo com a autora:

É fundamental que o docente saiba como e quando fazer intervenções. Analisar o discurso dos alunos é fundamental para se entender como a construção do conhecimento se explicita nas mais diversas atividades discursivas: o discurso pode ser o contexto de produção de dados de trabalho para o professor, pois o dos alunos pode oferecer pistas que mostrem suas necessidades de aprendizagem. (PERDIGÃO, 2017, p. 41)

A autora também ressalta que existem várias mediações no espaço escolar, seja entre professor e aluno, aluno e professor, aluno e aluno, etc. Nesse sentido, saber fazer intervenções para construção de conhecimento coletivo se faz essencial para avanços de aprendizagem. A coleta de dados da pesquisa se deu em sala de aula, a partir de situações-problemas resolvidas coletivamente entre os alunos. A autora ressalta que a mediação foi essencial no seu processo de pesquisa.

Na tese de Santos (2018) investigou-se o modo como crianças e adultos experienciam e dão sentido à arte contemporânea a partir de quatro categorias – mediação educativa, narrativas lúdico-poéticas, fluxos mediacionais e experiências estéticas. Em sua tese, há uma vasta contribuição sobre a Arte no currículo da Educação Infantil.

A autora utilizou como abordagem teórica a perspectiva histórico-cultural de Vigotski, relacionando a mediação cultural ao desenvolvimento humano; utilizou a cartografia e os estudos de subjetivação de Deleuze, Guatarari e Bakhtin para pensar a filosofia da linguagem. Santos (2018) coletou os dados nos espaços do museu e da escola, a partir de experiências estéticas de obras de artes com crianças da Educação Infantil e adultos. Para registro de pesquisa, a pesquisadora optou pelo diário de campo.

A pesquisa apontou que a linguagem é um importante instrumento de mediação. A autora ressaltou que durante as exposições a mediadora tentou utilizar as palavras das crianças para despertar e potencializar sentidos, valendo-se das contribuições de Vigotski sobre a linguagem enquanto organizadora de pensamento.

Pelas cartografias, a autora desdobrou os seus estudos artísticos contemporâneos com as crianças e adultos. As cartografias permitiram que as crianças fossem criadoras no seu processo de conhecimento. Desse modo, crianças e adultos puderam passar pelo processo de autoria das obras.

Perdigão (2017) e Santos (2018) trazem importantes contribuições ao objeto de estudo ao aprofundarem a abordagem histórico-cultural evidenciando o desenvolvimento humano. As autoras também trazem um repertório de experiências envolvendo mediação educativa, revelando a importância do papel docente. Nas duas pesquisas, a mediação é responsável por

estabelecer diálogos com os alunos, revelando a importância do processo de ensinar e aprender, do escutar e do ouvir. A partir desses processos, é possível conhecer o mundo dos alunos e construir uma aprendizagem significativa.

Marfim (2017) buscou investigar o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) nos processos formativos no campo da Educação no curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo. A pesquisa tem teorias fundamentadas em Adorno, Horkheimer e Marcuse. O estudo do autor aborda relevantes discussões sobre a formação inicial de professores, a discussão de políticas públicas voltadas ao trabalho docente, a visão do professor enquanto sujeito integral e a crítica da visão tecnicista do ensino e da aprendizagem. O autor utilizou de questionário e entrevista semiestruturada como instrumentos de coleta de dados.

No que concerne à mediação cultural, Marfim (2017) a estabelece em seu estudo em relação direta à formação integral dos sujeitos para driblar o tecnicismo no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, a mediação cultural é uma das principais conceituações que ele traz em sua pesquisa, compreendendo a formação integral enquanto um processo de autonomia, apropriação de conhecimento, interação e reflexão crítica.

A pesquisa trouxe outro elemento importante dirigido ao letramento digital, referindo-se às questões das transformações culturais no mundo digital, pois os participantes da pesquisa estão imersos na tecnologia, o que resulta em saber dominar as tecnologias para que ocorra a produção de conhecimento. Pode-se afirmar que é uma contribuição importante para esta pesquisa, pois partiu-se das produções culturais inseridas no mundo virtual para a concretização da coleta de dados. Também é um dado importante para a construção do guia didático porque é necessário pensar nos acessos dos docentes e discentes em sua interação com a tecnologia. Nesse sentido, as contribuições teóricas de Freitas e Pesce contidas no trabalho de Marfim (2017) possibilitam compreender o letramento digital enquanto conceito.

Para a coleta de dados, o autor utilizou questionário aberto-fechado com questões voltadas ao percurso formativo, ao trabalho docente e os acessos aos aparatos tecnológicos. O autor também usou da análise do discurso para compreender os dados que emergiram da coleta de dados. O estudo revelou que os participantes da pesquisa utilizam as tecnologias como suporte e ferramenta, no sentido de facilidade à vida humana. Como resultado, o autor percebeu diferentes graus de conhecimentos em relação ao uso das TDIC e que muitos alunos percebem as tecnologias como mero instrumentalismo cotidiano. Por esse motivo, é importante o aprofundamento das tecnologias informacionais no curso de licenciatura.

O autor ressalta que as tecnologias estão para além da instrumentalização, pois são relacionadas às construções de sentido na aprendizagem. Nesse sentido, os resultados voltados para ressignificação da tecnologia são fundamentais para apropriação do conhecimento de tecnologias e para análise de informações contidas na internet.

As pesquisas citadas permitiram mostrar que há várias maneiras de abordagem da mediação cultural, pois é um estudo constituído de muitas possibilidades de ensino desde a ação do professor à forma com que os alunos farão uso das informações. Esses elementos são essenciais para esta pesquisa, pois permite confabular outras formas viáveis de pesquisar e de ressignificar o objeto de estudo. A ideia do docente enquanto mediador permite acessar mundos culturais dos sujeitos inseridos no processo de educação, o que permite ganhos para o campo educacional.

## 5. EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Resgatar os registros históricos que dizem respeito às pandemias é um imperativo fundamental para auxiliar na compreensão sobre o que o mundo vem vivenciando nos anos de 2020 e 2021. O estudo histórico tem a função de conscientizar, informar e trazer informações para o desenvolvimento humano. Pode-se ter, como exemplo, a pandemia da Gripe Espanhola que se alastrou pelo mundo em oito meses e causou a morte de milhões de pessoas (GOULART, 2015, p. 1).

No início de fevereiro de 2020, o Brasil se surpreendeu com a pandemia de coronavírus. Os impactos da covid-19 são visíveis nos 415 países atingidos pela pandemia. No Brasil, em meados de abril deste ano atingiu-se o marco de 300 mil mortes. O Ministério de Saúde e a Organização Mundial de Saúde alertaram a respeito da circulação do vírus no mundo. A educação, assim como todos os serviços no Brasil seguiram prejudicados e estabeleceram algumas condições para continuidade das atividades. As pessoas seguem com medo, tristeza e assustadas com a situação.

A OMS (Organização Mundial de Saúde) recomendou que as medidas de distanciamento social são as melhores alternativas para prevenir a covid-19. De acordo com a Constituição Federal de 1988, artigo nº 196, a saúde é um direito e dever do Estado.

O Brasil<sup>9</sup> é considerado o epicentro do vírus e já atinge a marca de aproximadamente 2 mil mortes por dia. Em uma realidade intermediada pelo negacionismo e pelo excesso de informações, muitas pessoas acreditam em dicas infalíveis para a cura do covid-19 e, muitas vezes, essas informações são refutadas pelo próprio governo federal.

Dentre esses problemas, a Educação merece ênfase, uma vez que, em função da pandemia, o sistema educacional trocou o funcionamento das aulas presenciais para as aulas virtuais e os calendários escolares tiveram que ser readaptados em função das mudanças sociais, políticas e econômicas. As atividades educacionais e escolares passaram a ocorrer de forma virtual, incluindo os movimentos de formação continuada de docentes como congressos, seminários, cursos, etc.

No dia 28 de abril de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou o Parecer CNE/CP nº 5/2020, onde estabelece diretrizes para orientar escolas da educação básica e instituições de ensino superior durante a pandemia do coronavírus. Os 21 conselheiros apresentaram um documento com orientações e sugestões para todas as etapas de ensino, da

---

<sup>9</sup> <https://covid.saude.gov.br/>

educação infantil à educação superior. O parecer foi homologado com a colaboração do Ministério da Educação (MEC).

Com a pandemia, foi instaurado o ensino remoto. O ensino remoto, diferentemente do ensino à distância, permite a interação ao vivo entre alunos e professores. Além das aulas remotas, também foram disponibilizadas algumas plataformas, materiais digitais e orientações online como forma estratégica de recuperar e renovar as formas de ensinar e aprender.

Percebeu-se que os aparatos tecnológicos é uma realidade que precisa, cada vez mais, adentrar os espaços escolares. Nesse novo contexto, os professores se adaptaram às novas de ensinar e aprender no que diz aos ambientes virtuais, como edição e produção de vídeos, atendimentos on-line, etc. Portanto, a principal demanda da escola em tempos de pandemia é a inovação e a ressignificação do cotidiano e renovação do fazer pedagógico.

Por mais que a realidade tecnológica ainda não seja uma realidade no cotidiano de muitos alunos, tornou-se uma necessidade para os docentes renovarem os seus saberes, em um país extremamente desigual em relação ao acesso à informação e o direito à escola. Em muitos lugares do Brasil, sequer existe água potável e merenda de qualidade para os seus alunos e por esses e outros motivos, muitos alunos não possuem celular, computador e outras ferramentas para ter acesso às aulas, o que corrobora, inclusive, com a evasão escolar.

Segundo dados da Educa Mais Brasil (2020), cerca de 4,8 milhões de crianças e adolescentes não têm acesso à internet. De acordo com a Unicef, 17% dos estudantes brasileiros não conseguem acompanhar o novo sistema de aulas virtuais. A realidade tecnológica escancarou algumas mazelas sociais a partir da evasão escolar e a falta de acesso à tecnologia. De acordo com o Parecer CNE/CP 05/2020 de 30/04/2020, “(...) também como parte dessa desigualdade estrutural, cabe registrar as diferenças existentes em relação às condições de acesso ao mundo digital por parte dos estudantes e de suas famílias.”

Sabe-se que as famílias são compostas muitas maneiras, mas em uma realidade que muitos pais pertencem à classe trabalhadora, que é o caso de muitas escolas públicas, os pais e familiares também se tornaram educadores e os principais apoiadores de seus filhos, dependendo do contexto e estrutura familiar.

Em muitas cidades do Brasil, os diretores e gestores escolares realizaram parcerias com rádios e canais de televisão locais. No município de Mulungu (Ceará)<sup>10</sup>, as aulas foram disponibilizadas através da Rádio Comunitária Paz FM, o que foi uma estratégia para muitos alunos que não possuem acesso à internet e uma forma de democratizar os conteúdos escolares.

---

<sup>10</sup> [Escola proporciona aulas através de rádio para estudantes sem internet no interior do Ceará | Ceará | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/ceara/noticia/2020/04/30/escola-proporciona-aulas-atraves-de-radio-para-estudantes-sem-internet-no-interior-do-ceara-g1-globo.com)

No Distrito Federal, foi criada a sala virtual por meio do site Escola Em Casa<sup>11</sup>, um espaço criado para os alunos acessarem as videoconferências, materiais didáticos, avaliações e interação entre professores e alunos. Segundo o site, o objetivo é criar um espaço que possa dar continuidade aos estudos.

A Secretaria de Educação de Minas Gerais disponibilizou alguns recursos, como: 1) Aplicativo Digital – Conexão Escola: aplicativo para docentes e discentes acessarem às videoaulas disponibilizadas pela emissora Rede Minas e pelo PET; 2) Programa Se Liga na Educação: é um programa de televisão transmitido pela Rede Minas; 3) Hotsite – Estude em casa: é um site criado pelo governo do Estado; 4) Escola Interativa: é um site em forma de rede colaborativa, também criado pelo governo do Estado, que oferece materiais digitais de aprendizagem.

Em 2020, o Governo de São Paulo<sup>12</sup>, anunciou que as aulas seriam transmitidas por TV aberta, através da plataforma Centro de Mídias de Educação<sup>13</sup>, o objetivo é oferecer um espaço gratuito e que promova acessos para os estudantes. Além disso, firmou-se contrato com algumas empresas privadas de telefone para que os estudantes acessem aos aplicativos escolares.

A escola é o local do encontro e das interações sociais. Portanto, no processo de educação em tempos de pandemia, há um processo de individualização dos sujeitos, ou seja, é preciso ter acesso à internet e um local em que você se conecta no computador. Após o contato com o professor, ocorre a mediação tecnológica e educativa, onde o aluno acessa as suas informações e o professor atua na produção e construção de conhecimentos coletivo. No entanto, há o distanciamento físico e toda a realidade pandêmica que tornam o processo dificultoso. Segundo Silva (2008): “na cibercultura a educação na modalidade “à distância”, tradicionalmente baseada nos meios de massa (imprensa, rádio e TV), é cada vez mais online”.

O ensino remoto foi instituído de modo obrigatório aos professores, visto que não havia outra forma de driblar a crise pandêmica em nosso país. Os professores estão repensando estruturalmente a realidade pedagógica. Não houve preparação para se trabalhar em tempos de pandemia e muitas vezes, não houve formação tecnológica para os professores.

A internet democratizou alguns acessos aos professores e alunos, porém ainda existem muitos impasses para utilização dos meios tecnológicos. Antigamente, os professores precisam

---

<sup>11</sup> [Escola em Casa DF \(se.df.gov.br\)](http://se.df.gov.br)

<sup>12</sup> [Governo de SP lança aulas em tempo real por TV aberta e celular aos 3,5 milhões de estudantes da rede estadual - Secretaria da Educação do Estado de São Paulo \(educacao.sp.gov.br\)](http://educacao.sp.gov.br)

<sup>13</sup> [CMSP - Centro de Mídias da Educação de São Paulo \(educacao.sp.gov.br\)](http://educacao.sp.gov.br)

procurar e criar conteúdo a partir de livros ou até escrever livros à mão ou em máquinas de escrever. Para Kensky (2006):

Não há dúvida que as novas tecnologias de comunicação e informação trouxeram mudanças consideráveis e positivas para a educação. Vídeos, programas educativos na televisão e no computador, sites educacionais, softwares diferenciados transformam a realidade da aula tradicional, dinamizam o espaço de ensino e aprendizagem, onde, anteriormente predominava a lousa, o giz, o livro e a voz do professor. (Kensky, 2006. P. 46).

Portanto, as mudanças têm sido bem significativas, principalmente no desafio de ser professor em meio à pandemia. Hoje, além do professor ter o desafio de procurar as informações verdadeiras e driblar crises epistemológicas, há também a possibilidade de levar aulas criativas e potencializadores para os alunos a partir da realidade tecnológica.

Em 2014, foi criado o *Google Classroom*<sup>14</sup>, criada pela empresa *Google*, uma ferramenta que permite a interação entre professores e alunos a partir do gerenciamento de conteúdo, criação de turmas e de no modo de salas virtuais. A partir de 2020, o aplicativo foi um dos mais utilizados pelos professores em tempos de pandemia para substituir as aulas presenciais. A *internet* é um requisito básica para acessar o aplicativo.

Destarte, é fato que os professores estão dependentes das ferramentas tecnológicas e estão se adaptando à nova realidade imposta com foco na aprendizagem e inclusão do aluno. Desse modo, o professor vem sendo um pesquisador da própria prática, isto é, com os desafios impostos e com os métodos que já possuem no seu fazer docente, pesquisar a própria prática é um modo de oferecer uma nova proposta de aprender, de observar os fenômenos, e de criar e estabelecer novas experiências de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, a inclusão tecnológica é uma grande aliada da educação no contexto de covid-19. A inclusão digital representa que “garantir que os cidadãos e instituições disponham de meios e capacitação para acessar, utilizar, produzir e distribuir informações e conhecimento, por meio das TIC, de forma que possam participar de maneira efetiva e crítica da sociedade da informação” (Comitê Gestor do Programa de Inclusão Digital, 2010). A inclusão digital possibilita, no atual contexto, a inclusão social, já que em tempos de distanciamento, o principal contato tem sido por meio das plataformas virtuais, principalmente para o corpo docente e discente. Assim, é importante lembrar da importância das políticas públicas para promoção da inclusão digital na escola, pois por mais que o acesso às tecnologias seja uma realidade de

---

<sup>14</sup> [Google Sala de Aula | Google for Education](#)



muitos, ainda não é constante em todas as classes devido à mínima estrutura de ensino e a falta de ensino técnico e formação básica e específica.

Nesse sentido, a mediação docente e os saberes dos professores são pontes de conhecimento para os alunos, pois são fundamentais para o aluno exercer o seu direito de aprender e de atuar na realidade, principalmente, ao considerar uma educação transformadora e emancipatória, pois “(...) cabe também à educação a responsabilidade de abrir as portas da mente e do coração e de apontar horizontes de construção partilhada de sociedades humanas mais humanizadas” (BRANDÃO, 2002, p. 22). Nesse sentido, o papel do professor é de grande relevância na formação de sujeitos para uma educação transformadora.

Sabe-se que a educação, impreterivelmente, tem função social e transformadora. Porém, sem contatos físicos e com as medidas de distanciamento, as ferramentas digitais tornaram-se o principal meio para se ensinar. Freire (1989) dizia que somos educados pelo mundo e pela realidade vivida. Segundo Oliveira (1989) a educação impõe desafios que fazem parte da própria realidade e fazem parte do processo de ensino e aprendizagem:

[...] a educação jamais é uma dádiva, uma doação de uma pessoa que sabe àqueles que não sabem, mas algo que se apresenta como um desafio para educador e educando, um desafio que é a própria realidade composta de situações-problema, de inquietações, de angústias e de aspirações do grupo. Isto constitui a matéria-prima do processo educacional (OLIVEIRA, 1989, p. 31).

Por outro lado, com os desafios impostos ao campo educacional e com a vida online, há também uma oportunidade para os docentes repensarem suas práticas cotidianas em sala de aula.

Portanto, os professores estão em busca de aprimorar os seus recursos pessoais e tecnológicos para driblar os impasses que a pandemia impôs para a escola. Evidentemente, isso requer criatividade e sensibilidade para construção do ensino e aprendizagem. Na substituição do ensino presencial pelo virtual, a função do ser docente também se tornou um momento de experimentação e de coragem para os professores revisitarem os seus conteúdos e proporem boas experiências e troca de conhecimentos para os alunos.

A educação se transforma de acordo com eventos históricos, pois é um sistema que lida com interações dos alunos e da comunidade, e assim, passível de mutações. As produções culturais também se inserem no mesmo bojo, pois a arte se modifica de acordo com as movimentações históricas e culturais, como será exposto no próximo capítulo.

## 5.1 Manifestações culturais em tempos de pandemia

Assim como o setor educacional passou por inúmeras transformações, o setor cultural buscou outras formas de expressões. São cinemas, casas de show, circos, teatros, casas culturais que permanecem fechadas, etc. Na busca por superar os desafios postos pelo necessário distanciamento social, mais uma vez os recursos das tecnologias digitais se fizeram como caminho de comunicação e de conexão entre as pessoas e, nesse contexto, entre os artistas e o público, do Brasil e do mundo. Entraram em cena as chamadas “lives”, na tradução brasileira, têm o significado de “ao vivo”.

Durante a pandemia, foi criada a Lei Federal Aldir Blanc (LEI Nº 14.017, 29/06/2020), a qual dispõe de recursos para o setor cultural diante do contexto da pandemia. De acordo com a lei, os artistas contemplados têm que priorizar o uso das plataformas virtuais para divulgação dos seus trabalhos, potencializando o uso dos recursos digitais.

No atual contexto, as linguagens da arte também passaram por mutações. Percebe-se pelas constantes expressões divulgadas nas páginas virtuais, a presença de elementos que nortearam o distanciamento social – medo em face ao diferente, críticas sociais e dificuldade de ressignificar o atual contexto chamado de “novo normal”. O conceito de “novo normal” se constitui de ideais liberais para conservar uma normalidade em nome da economia e da continuação dos privilégios. Segundo Lilian Shwarcz (2020, p. 1): “o conceito de “novo normal” também parte e tem como patamar silencioso, o conceito romântico e idealizado de lar, que faz todo sentido para um determinado grupo social”.

Nesse contexto cibercultural<sup>15</sup>, há uma variedade de estilos nas *lives* e no consumo das produções culturais que geralmente são transmitidas pelas plataformas do *Facebook*<sup>16</sup>, *Instagram*<sup>17</sup> e *Youtube*<sup>18</sup>. Esse tipo de consumo de produção cultural tornou-se uma das principais formas de entretenimento na vida das pessoas que têm acesso às plataformas digitais. Outros artistas também expuseram os seus trabalhos pelas redes sociais, seja em forma de pintura, bordado, música, etc. As *lives*, em sua maioria, abrigaram os shows de música em geral

---

<sup>15</sup> Segundo Pierre Lévi (1999, p. 15/16) “o ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

<sup>16</sup> O Facebook é uma rede social que permite conversar com amigos e compartilhar mensagens, links, vídeos e fotografias.

<sup>17</sup> Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários.

<sup>18</sup> YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos.

que, a depender do estilo musical, eram reservados a um pequeno público abastado e capaz de financiar o pagamento dos caros ingressos.

A partir do site Instagram, surgiram variadas produções culturais em forma de museu virtual. Em Barcelona/Espanha, foi criada a página *Covid Art Museum*<sup>19</sup>, o primeiro museu que surgiu durante o período de quarentena. O objetivo é difundir as criações dos artistas de todo o mundo a partir de fotografias, pinturas, colagens. Nas produções, pode-se perceber o impacto da pandemia nas produções artísticas, como na imagem abaixo, onde há uma releitura da obra “Nascimento de Vênus” de Sandro Boticelli. Na imagem (figura 1), se vê a deusa da mitologia romana coletando um teste molecular PCR-RT<sup>20</sup> para identificação do vírus.

Figura 1 – Covid Art Museum



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CK2DdXSDzS7/>

A página brasileira, *Museu do isolamento*<sup>21</sup>, criada no Instagram, tem o formato de um museu online e recebe artes produzidas durante o contexto de pandemia. É constante perceber nas artes as expressões de angústia vivida pelo distanciamento, críticas ao momento político e a valorização da arte como um caminho possível para passar pelo atual momento de maneira a valorizar as linguagens expressivas. Na imagem abaixo, tem os dizeres “nos distanciar hoje...

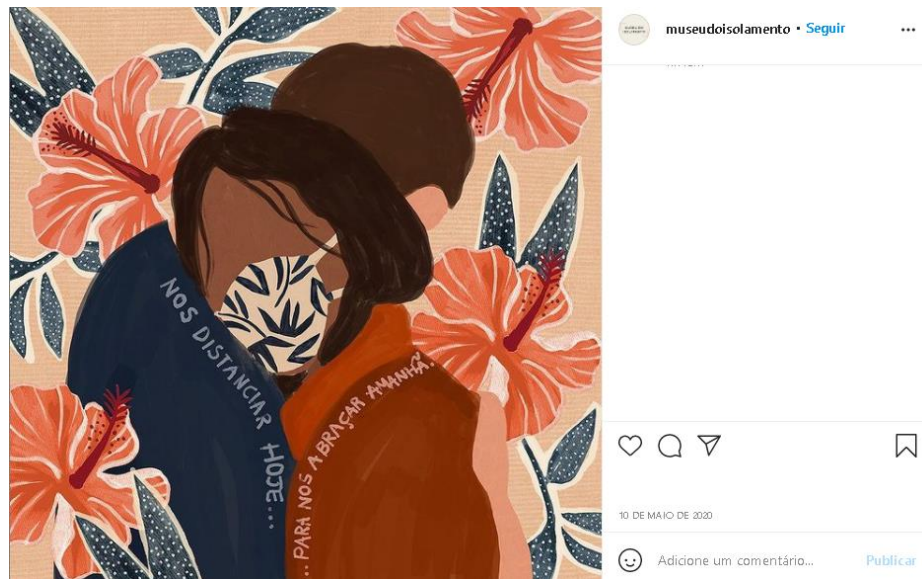
<sup>19</sup> <https://www.instagram.com/covidartmuseum/>

<sup>20</sup> O teste é um diagnóstico para detecção do vírus, uma das principais recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS).

<sup>21</sup> <https://www.instagram.com/museudoisolamento/>

para nos abraçar amanhã”, que sugere o sentimento de saudade e a forma de lidar com o distanciamento social, em tempos de poucos abraços para conter o vírus.

Figura 2 – Museu do Isolamento



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CABDMPqH3yb/>

Na relação entre “ser professor” e os desafios que o momento atual trouxe, surgiu a página do Instagram, *Arte em Tempos de Pandemia*<sup>22</sup>, como a própria página diz “é um diário poético virtual de professores da Ed. Básica que queiram refletir artisticamente sobre esse momento de incertezas”. Assim, nessa urgência de produzir saberes em meio à pandemia, a página resgata os registros dos professores que expressam pelas linguagens da arte, a experiência de estar e ser professor em tempos de pandemia. Além disso, na página contém posicionamentos que tangem à política e como o governo vem lidando com a pandemia no Brasil.

<sup>22</sup> <https://www.instagram.com/arteemtemposdepandemia/>

Figura 3 – Arte em tempos de pandemia



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CEzgdGp7FD/>

O ilustrador Leandro Assis, criou a *Série Confinada*, um conjunto de HQ's<sup>23</sup> que narra as desigualdades da pandemia entre as personagens, principalmente entre as trabalhadoras em meio à pandemia covid-19. As HQ's são divulgadas no Instagram e geram debates importantes para se refletir sobre as condições das trabalhadoras no Brasil:

<sup>23</sup> HQs, popularmente conhecida como História em quadrinhos, é uma forma de arte que conjuga texto e imagens com o objetivo de narrar histórias.

Figura 4 – Série Confinada



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CMcTqFJJMFJ/>

Na área da Literatura, a Companhia das Letras, em parceria com um coletivo de escritores, criou o *Diários do Isolamento*, com o objetivo de os autores publicarem os seus textos escritos durante o período de distanciamento social. No diário da escritora da Jarrid Arraes<sup>24</sup>, encontrou-se o fragmento abaixo que diz sobre a vontade de sair de casa e o descontentamento de assistir aos stories de outras pessoas que não cumprem o distanciamento:

Há dias conversei com meu namorado sobre sair de casa. Depois da peleja contra os stories do instagram alheio, depois de dizer em voz alta que, é isso aí, tem mais gente saindo pra se divertir do que continuando dentro pra se amofinar, depois disso eu falei que queria sair também. Fiz uma lista de lugares possíveis, nada de exagerado, mesmo desejando o cinema. Disse, vou sair, vou mesmo, vou sim. Não saí, nem vou. Talvez depois. Imagina que engraçado fazer cirurgia pra tirar órgão tomado de câncer e depois morrer porque fui caminhar pelo Parque da Água Branca. (Jarrid Arraes, 2020)

Nesse sentido, percebe-se o sentido de humanização das manifestações artísticas, podendo fomentar discussões sobre a formação humanística e humanização na sociedade, principalmente em tempos de pandemia. Portanto, proporcionar caminhos que também levam a compreensão das emoções e de compartilhamento de sentimentos, é uma maneira significativa de propor formação cultural através da arte.

<sup>24</sup> <https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Diarios-do-isolamento-106-Jarid-Arraes>

Ressignificar a cultura da arte em tempos de pandemia, é uma oportunidade de repensar a educação estética. Por mais que a arte seja, também, uma representação da realidade, é relevante lembrar que a arte e a cultura no atual momento histórico podem alcançar outros interlocutores para além dos museus e casas culturais físicas. Com as transformações em pouco espaço de tempo, muitos museus e casas culturais estão oferecendo visitas *on-lines* em seus espaços para se ocupar outros territórios no mundo da arte. Desse modo, ocupar as redes virtuais em tempos de pandemia é reivindicar o direito à cultura e à memória.



## 6. POSSIBILIDADES E FAZERES: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:  
 – Me ajuda a olhar!  
 Eduardo Galeano

A natureza da escola é social, é formada por diversidades, sejam de pessoas, de jeitos, formas de ver o mundo e de diferentes culturas. Dentre todas essas formações, há interações e subjetividades, que se formam a partir de expressões, sejam pessoais, artísticas, sociais, podendo ser carregadas de intencionalidades ou por pura espontaneidade. As expressões podem contribuir na percepção de sentimentos, dores, etc. E o professor, enquanto ativador de experiências estéticas, pode contribuir para propor experiências que pode envolver o desenvolvimento de algumas expressões do aluno. Para Manacorda, a educação é “a elevação comum de cada indivíduo ao mais alto nível de consciência crítica e da capacidade produtiva atingido pela humanidade na sua história” (MANACORDA, 1992, p. 334).

Portanto, possibilitar o estudo das manifestações culturais em sala de aula, pode ser uma estratégia pedagógica para compreender os tempos de crise. Resgatar as expressões culturais em tempos de pandemia é um ato de resgate da memória e da capacidade da humanidade de produzir cultura. A memória humana é constituída de fatos individuais e coletivos. As memórias individuais são aquelas que ficam no pensamento de uma só pessoa, com interpretações fatos individuais. Já a memória coletiva pode ser definida como “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fizeram do passado” (NORA, 1978, p. 112). Os fatos que constituem a memória podem repassados para gerações a partir de instrumentos diversos, desde a história oral até os modos impressos, como livros, jornais, etc. Portanto, com a dinâmica das informações massivas, a memória tem se esvaído para um amontoado de informações fragmentadas causadas pela realidade tecnológica.

Diante da realidade tecnológica, os impressos e a cultural oral foram substituídos pelas informações em massa e rápidas. Enquanto a informação tem o intuito de ser algo de cunho informativo e cotidiano, a memória já parte de um pressuposto de recordar fatos e resguardar algumas informações e percepções vividas, individualmente ou coletivamente.



Tony Bennett (1995) diz que “museus, galerias e, de maneira mais intermitente, exposições, desempenharam papel central na formação do Estado moderno, e são fundamentais para sua concepção como, entre outras coisas, um conjunto de agências educativas e civilizatórias” (p. 66). Nesse sentido, a memória coletiva está institucionalizada em alguns centros culturais do Estado e essas instituições atuam na preservação da memória da sociedade.

Desse modo, a história de um sujeito está atrelada ao que constitui a sua memória. Candido (1989) coloca o sujeito como um ser literário, assim, o autor chama de literatura “todo toque poético em todos os níveis da sociedade e considera que a literatura é uma manifestação universal de todos os homens”. Pode-se dizer que os sujeitos são seres literários porque é impossível viver sem o universo fabuloso, seja no sonho, seja na vida. Segundo o autor:

E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito – como anedota, caso, história em quadrinho, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura corrida de um romance. Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. (CANDIDO, 1989, p. 4)

O crítico literário defende que a literatura deveria ser um direito básico das pessoas, pois a fabulação e a ficção atuam no repertório dos sujeitos inseridos em determinada realidade. Em seu texto “Direitos Humanos e Literatura”, o autor defende, assim como na música “Comida” dos Titãs, que a arte e a literatura também deveriam ser um direito básico das pessoas, pois ela atua enquanto formação na vida das pessoas.

Além do papel formador da arte e da literatura, Candido chama atenção para o papel humanizador que elas proporcionam. Assim, a literatura e a arte carregam em si, o bem e o mal e nos faz vivenciar diferentes situações. O autor defende a arte e a literatura como um direito para além das classes e nos indaga porque determinada classe tem acesso a esses bens. Desse modo, defende a luta pelos direitos humanos, como o próprio título do texto sugere, como forma de acesso à cultura para todas classes. Ainda sobre a humanização, o autor escreve:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante. (CANDIDO, 1989, p. 6/8).

A literatura e a arte podem proporcionar aos sujeitos, formas de compreensão da existência e de humanidade e também o tem poder mobilizar pessoas para as garantias de vida e de direitos, mas ao ponto que no Brasil, “quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens”. A péssima distribuição de bens citada por Candido (1989), se dá no sentido de alguns terem mais acessos do que outros pela mínima distribuição de riquezas que assola o Brasil. Assim, o autor defende a arte e a literatura como um direito universal.

As manifestações culturais podem atuar como memória coletiva dos povos e na preservação da identidade, da cultura e da história. Preservar as manifestações culturais em determinado contexto sócio-histórico é dar direito às pessoas de acessarem às memórias e obterem informações dos fatos históricos.

Nesse sentido, o professor, ao planejar o seu trabalho em sala, faz escolhas e planejamentos definidos para atuar na produção de conhecimentos e apresentar fatos históricos e culturais para os seus alunos. O professor pode fazer diversas escolhas ao fazer um planejamento de aula, a depender de seus recursos e ferramentas que a escola oferece e no que é acessível ao seu trabalho. O planejamento é uma etapa fundamental, pois o professor tem a possibilidade de fazer escolhas para o seu fazer pedagógico.

Como vimos no capítulo anterior, durante a pandemia, muitos artistas disponibilizaram os seus trabalhos nas redes sociais. Percebeu-se que a maioria das produções são visuais. As produções visuais permeiam todo o nosso cotidiano, sejam através de ilustrações, filmes, novelas, jogos, etc. Portanto, ao se trabalhar com imagens, o professor conta uma infinidade de escolhas para se levar para sala de aula, principalmente no mundo digital, onde algumas manifestações culturais estão mais acessíveis em tempos de pandemia. A esse respeito, Sardelich (2006) diz que “que a noção de cultura visual é nova precisamente por centrar-se no visual como lugar onde se criam e se discutem significados”.

Em uma realidade onde os alunos e professores estão imersos em uma tela de computador e/ou celular, a cultura visual tem sido cotidiana, pois as práticas educativas tem sido por meio do ensino remoto. Segundo Manguel (2001) “nenhuma narrativa suscitada por uma imagem é definitiva, exclusiva, pois o que vemos é sempre uma leitura que parte das emoções do leitor: ou seja, de como as emoções do leitor afetam e são afetadas pela leitura das imagens”. Desse modo, cabe aos professores, enquanto mediadores culturais, suscitar experiências estéticas a partir de escolhas de imagens e manifestações culturais que estão sendo divulgadas na realidade tecnológica e pandêmica.

Duarte Junior (2001) aponta que o nosso agir cotidiano está fundamentado no saber corporal básico, mas que há um enorme potencial para se educar para o olhar sensível e estético.

Parte-se dessa premissa para afirmar que as manifestações culturais produzidas em tempos de pandemia, é uma oportunidade de educação estética e possibilitar uma “curadoria educativa”, termo cunhado por Luiz Vergara (1996) e citado por Martins (2006), a curadoria educativa se dá por meio de seleção de artistas, pesquisas de produções visuais e da ideia do professor mediador e propositor de experiências estéticas.

A curadoria é um campo muito explorado no campo das artes e praticada em espaços como museus e espaços culturais e artísticos. A curadoria envolve a seleção de obras artísticas e o estudo profundo das características relacionadas ao tema, como aspectos históricos, artísticos e sociais. O mediador, ao ter contato com a seleção de obras, fornece informações e diálogos com o público, a fim de apresentar as obras e provocar o público para os diálogos e provocações que tal obra de arte pode suscitar, além do ato de contemplação. De acordo com Moura (2017):

(...) o curador possui uma ampla cultura, análise crítica e criatividade, que lhe permite chegar ao conhecimento. Neste aspecto, o papel do professor é fundamental, pois cabe a ele "curar" o que vai ser disponibilizado aos alunos e ensiná-los a serem curadores. (...) Na escola, o aluno deve enfrentar diferentes situações-problema, para isso, deve saber selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representadas de diferentes formas, de maneira a tomar decisões. Deve ainda aprender a construir argumento, sabendo relacionar informações, representadas de diferentes formas e conhecimentos disponíveis em situação concretas, para construir uma argumentação consistente. (MOURA, 2017, p. 2)

O professor, ao adentrar no processo de curadoria educativa, pode ter a interação com seus próprios conhecimentos e com a própria aprendizagem. Pois, ao fazer escolhas de quais obras e quais provocações poderá levar aos seus alunos, ele tem a possibilidade de interagir consigo mesmo e com os conhecimentos apreendidos. Nesse sentido, ao ter contato com os alunos e com os materiais pedagógicos selecionados, o professor ensina para os seus alunos e os alunos ensinam para os professores, em um processo de troca. Ocorrendo, assim, a socialização de saberes e os processos de formações educativas e culturais, como defendeu-se ao longo desta pesquisa.

O conceito de professor-propositor tem sido utilizado por Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque (2006). Nasceu do conceito de artista-propositor criado por Lygia Clark e Hélio Oiticica, e pretende descolar o professor do olhar executor, vendo-o como aquele que propõe a experiência com problematizações e escolhas, gerando “estados de invenção.”

Compartilho as provocações de Mirian Celeste Martins; Gisa Picosque; Solange Utuari (2018) sobre o professor propositor, aquele que propõe e que provoca provocações aos seus alunos. Parte-se da ideia do professor que navega em diferentes territórios da arte e propõe

estranhamentos e curiosidade aos seus alunos. O olhar para a arte promove caminhos sensíveis, senso criativo e repertórios culturais no ambiente educacional. A questão da proposição tem referência na artista Lygia Clark:

Somos os propositores; somos o molde; a vocês cabe o sopro, no interior desse molde: o sentido da nossa existência. Somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos; estamos a vosso dispor. Somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e solicitamos a vocês para que o pensamento viva pela ação. Somos os propositores: não lhes propomos nem o passado nem o futuro, mas o agora. (CLARK, 1964)

O conceito de professor propositor dialoga com a noção de educador segundo Paulo Freire (1996), em *Pedagogia da Autonomia*, na noção de que no ensino não se deve ter uma mera transferência de conhecimento, mas sim, uma construção de saberes levando em conta a autonomia do educando e a na realidade no qual se insere. E para educar, é preciso diálogo e intenção no que propõe, seja no manuseio dos conteúdos e no convite que se faz o aluno para permitir-se participar e interagir com as linguagens artísticas. O professor propositor, ao passo que faz a mediação e provocações aos seus alunos, também promove troca e partilha.

As experiências estéticas interferem no modo que o professor age dentro de sala de aula, pois permitem vivências artísticas, reflexão de experiências e de potencialização dos sentidos. A partir do momento que o professor estabelece contato e com a fruição, consegue possibilitar outros caminhos educativos e ampliar a sua formação cultural, como aponta os autores:

A arte possibilita ao educador construir uma prática pedagógica em que conhecimento, imaginação e expressão conjugam-se dinamicamente, beneficiando o desempenho do estudante, favorecendo o desenvolvimento da imaginação e das habilidades, o exercício da criatividade, do senso crítico e da melhor absorção do conteúdo das aulas. (CARVALHO; BUFREM, 2006, p. 48)

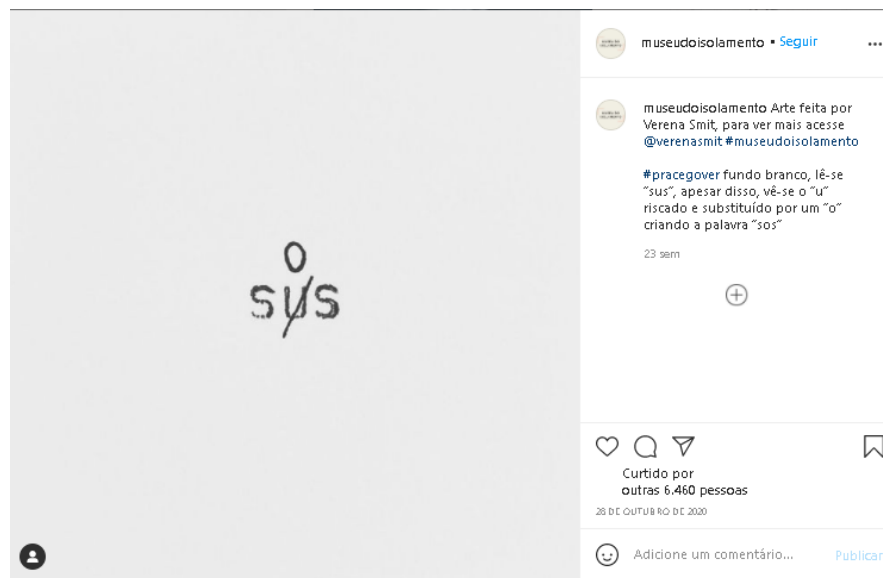
Deste modo, o professor, ao ter acesso às mais variadas linguagens artísticas, pode levar possibilidades estéticas aos seus alunos e atuar no desenvolvimento humanístico de seus alunos e também desenvolver-se. Adentrando, assim, na criação de planejamentos de aulas que levem às experiências artística e estéticas para dentro das salas de aulas, lugar este que já possui muitas várias possibilidades de criação e consumação de arte e diversas manifestações culturais.

Na imagem abaixo (figura 5), há uma crítica social que dialoga com a realidade da covid, com a falta de leitos o número de casos aumentando exponencialmente. A artista, Verena Smith, trocou uma letra do SUS (Sistema Único de Saúde) e substituiu por “o”, formou-se o código universal “SOS” que tem o significado de socorro. Na outra imagem (figura 6), disponibilizada

no perfil da artista, ela faz uma troca com as palavras, substituindo a palavra “vacina” por “chacina”.

Uma das possibilidades de interpretação da imagem é provocar sobre a crítica social apresentada, pois em 2021, faltam vacinas para imunização contra a covid-19. Nesse entanto, chacina porque diante do número de mortos a realidade torna-se cada vez mais crítica.

Figura 5 – Museu do Isolamento – SUS/SOS



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CG5jcupnUZO/>

Figura 6 – Verena Smith – Chacina/Vacina



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CG21LdoAJ1N/>

A grande complexidade da arte em tempos de pandemia é a importância de pensá-las enquanto atuantes de acessos artísticas, é levar o educando a pensar que as criações e experiências concretizadas são registros históricos. O mundo já passou por muitas pandemias, mas poucas foram registradas até os dias atuais. Nesse sentido, mais do que trabalhar e criar, é pensar e gerar uma marca no mundo, uma marca socialmente e historicamente construída, seja pelas narrativas literárias, pelas músicas e pelas variadas culturais visuais. Durante a pandemia covid-19, foram divulgadas algumas obras de arte do passado, com o objetivo de resgatar as obras de arte que foram criadas em tempos de crise ao longo da história. Abaixo, há o autorretrato (figura 7) de Edvard Munch que pintou obras após a epidemia da Gripe Espanhola.

Figura 7 - Autorretrato: Depois da Gripe Espanhola



Figura 7 - Autorretrato: Depois da Gripe Espanhola (1919), de Edvard Munch<sup>25</sup>

Deste modo, é imprescindível que se pense na escola como atuante de registros históricos, principalmente em tempos de pandemia. A escola é potencializadora de criações, de relações e de potenciais educativos, onde novos sentidos e significados são construídos a cada aula, a cada interação e a cada aprendizado entre professores e alunos. Assim, é importante ressaltar que por mais que a tecnologia seja desafiadora no fazer docente, é por meio dela, em tempos de pandemia, que há o desafio de se construir sentidos e de ressignificar o ensino e a aprendizagem.

Historicamente, a arte sempre esteve presente na construção histórica e nas formas de representação da sociedade, e refletir sobre o impulso criador entre os professores e alunos é uma forma de representar e apresentar o que tem sido o estado de pandemia. Compreender as discussões que o atual momento suscita é uma forma de ativar a sensibilidade humana e crítica. Os registros artísticos estão nas redes sociais e essas imagens podem levantar questões multidisciplinares e de pensar os sujeitos enquanto seres integrais que refletem sobre diversas questões, sejam elas – desigualdade, saúde mental, solidão e questões sanitárias e de saúde.

Para evidenciar a relevância dos registros históricos para sociedade, pode-se ter como exemplo a obra de Tarsila Amaral, intitulada de Operários<sup>26</sup>, onde a artista representa o processo de industrialização na cidade de São Paulo e a diversidade de pessoas que adentravam às

<sup>25</sup> <https://www.select.art.br/pragas-pestes-epidemias-e-pandemias-na-arte-contemporanea/>

<sup>26</sup> <https://www.culturagenial.com/quadro-operarios-de-tarsila-do-amaral/>

fábricas, fortalecendo a imigração e o capitalismo. É uma obra atemporal e pode suscitar diversas discussões em sala de aula, desde quem são essas pessoas quem são essas pessoas até os elementos artísticos utilizados pela pintora.

Figura 8 - Operários, Tarsila Do Amaral



Fonte: [http://www.iea.usp.br/en/imagens/operarios-tarsila-do-amaral/image\\_view\\_fullscreen](http://www.iea.usp.br/en/imagens/operarios-tarsila-do-amaral/image_view_fullscreen)

Com o tempo, uma obra pode ganhar novos sentidos e ampliar a sua significação estética. Pode-se pensar que toda ação gera uma reação, no sentido do sujeito enquanto transformador de sua realidade e que reflete criticamente nas suas práticas. Como registro histórico, agora tem-se agora a obra de Tarsila do Amaral ressignificada, a partir de uma releitura que evidencia o contexto histórico, onde existe a pauta da falta de políticas emergenciais para proteção dos trabalhadores e imigrantes do Brasil:



Figura 9 - Releitura da obra Operários



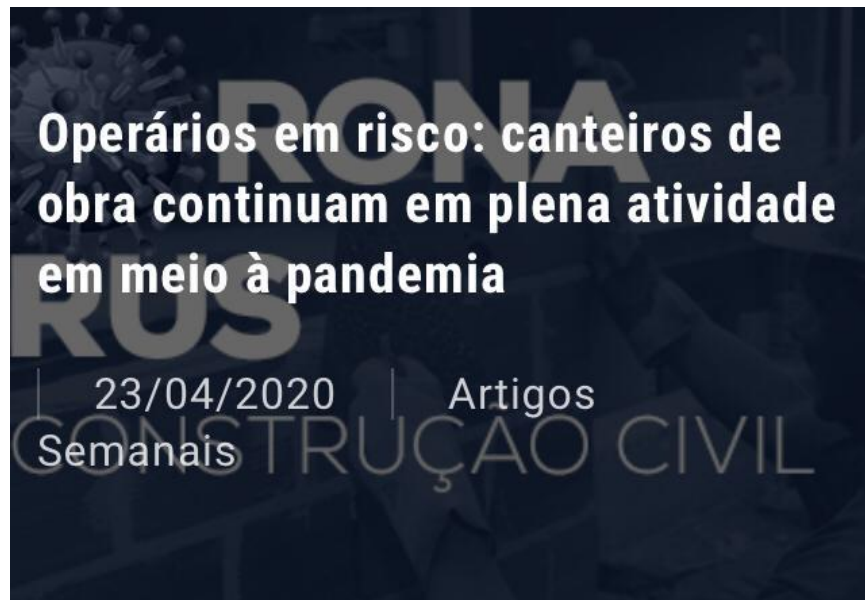
Fonte: <https://www.instagram.com/p/B9wmepYnI5t/>

Os diálogos entre as linguagens artísticas podem promover diálogos para compreensão crítica, alterar visões de mundo e promover afetos. Quando se promove esses diálogos, há a nutrição poética de se pensar de diferentes formas e produzir saberes, Martins (2011) explica o termo de nutrição estética:

O termo nutrição estético apareceu em minha vida de professora na década de 1980 (...). O objetivo era provocar encontros com a arte e não necessariamente gerar um trabalho mais específico sobre ela. Enriquecer os integrantes do grupo com o que as próprias obras traziam – poesia, fragmentos de filmes, imagens, obras de arte, trabalhos de crianças ou jovens – para alimentar olhares, percepções, pensamentos. (MARTINS, 2011, p. 313)

Com a obra de Tarsila, pode-se propor diferentes nutrições estéticas em diálogo com outras linguagens artísticas, como a apresentação do poema do Operário em Construção de Vinicius de Moraes “O operário foi tomado / De uma súbita emoção / Ao constatar assombrado / Que tudo naquela mesa / - Garrafa, prato, facão - / Era ele quem os fazia”. Ou seja, a partir de uma obra e de um poema, tem-se a possibilidade de promover discussões sobre o fazer o operário, sobre as construções e sobre o valor social do trabalho. A partir de uma matéria jornalística, promove-se mais um encontro de diferentes linguagens:

Figura 10 – Matéria jornalística



Fonte: <https://www.observatoriodasmetroles.net.br/operarios-em-risco-canteiros-de-obra-continuam-em-plena-atividade-em-meio-a-pandemia/>

A partir das possibilidades expostas acima, nota-se que as linguagens artísticas possibilitam contatos com o mundo a partir de diferentes visões e realidades, estimulando, assim, o convite à reflexão e ao sentir. As possibilidades de um mundo cultural mais acessível aos professores e estudantes, mediados pela realidade tecnológica, pede contextualização do momento histórico acerca dos desafios impostos pela pandemia. No entanto, diante da diversidade de informações, saber fazer escolhas e levá-las para a sala de aula é abrir de caminhos com o objetivo de refinar repertórios culturais e o senso crítico e estético. De acordo com Dewey (2010), pode-se encontra a arte em cenas cotidianas:

As artes que têm hoje mais vitalidade para a pessoa média são coisas que ela não considera artes: por exemplo, os filmes, o jazz, os quadrinhos e, com demasiada frequência, as reportagens de jornais sobre casos amorosos, assassinatos e façanhas de bandidos. E que, quando aquilo que conhecemos como arte fica relegado aos museus e galerias, o impulso incontrolável de buscar experiências prazerosas em si encontra as válvulas de escape que o meio cotidiano proporciona. (Dewey, 2010, p. 63)

De acordo com o Dewey, a arte pode ser vista em cenas cotidianas, como uma pipa vista no céu azul ou no modo que o professor escreve no quadro. Em crítica ao museu, o autor ressalta sobre as obras de arte que ficam expostas no museu de forma elevada a certo status social, mas distante da vida social e cotidiana. Nesse sentido, o autor esboça o conceito da arte como

experiência, como uma concepção do que se vive e do que se vê, nas entrelinhas das experiências do cotidiano.

Durante a pandemia, foi criado em um canal no Youtube, chamado Filmes do Isolamento, na figura abaixo (recorte do curta-metragem), a diretora apresenta o filme a partir de cenas e vozes cotidianas, expondo a realidade da covid-19. No caso do uso de filmes, as imagens não podem ser mediadoras por si só. É preciso a mediação do professor enquanto propositor e o uso de provocações estratégicas para que o entendimento ocorra de maneira contextualizada.

Figura 11 - Curta-metragem “Pela Janela”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=l81speUYa0I&t=9s>

Sob o ponto de vista da “arte como experiência” é possível suscitar experiências estéticas na sala de aula, pois os elementos estéticos podem trazer significados e sentidos para os sujeitos. A arte como experiência contempla diferentes realidades, sob a perspectiva do olhar sensível para o cotidiano e para potencialidade criativa da resignificação. No contexto educacional, os saberes docentes aliados aos conhecimentos técnicos de ordem artística são fundamentais para provocar experiências estéticas tanto nos alunos, como nos professores. Nesse sentido, compreender as manifestações culturais e os processos artísticos como experiência, permite reflexão crítica e conhecimento do próprio sujeito.

Ana Mae Barbosa (2010) criou o conceito da Abordagem Triangular para o processo de construção de conhecimento, considerando três peças-chave para se compreender uma obra de arte: a contextualização histórica, o seu fazer artístico e a apreciação da obra (leitura).

Figura 12 – Proposta Triangular



Fonte: <https://revistacontemporartes.com.br/2018/12/14/ensino-de-artes-a-abordagem-triangular-de-ana-mae-barbosa/>

Portanto, para criação de uma proposta triangular é preciso considerar determinada obra de arte e considerar a sua natureza histórica e seus aspectos artísticos. De acordo com Ana Mae Barbosa (2009) “A Abordagem Triangular corresponde aos modos como se aprende, não é um modelo para o que se aprende”. Ou seja, a partir da abordagem, o professor pode construir o seu próprio método levando em conta os aspectos apresentados no triângulo.

Ao analisar as expressões artísticas em tempos de pandemia, existe a possibilidade de aplicar a abordagem triangular e analisar contextualização histórica das obras, pela maneira que foi criada a obra e pela leitura e compreensão da obra. Refletir a partir da abordagem triangular é uma forma de se abrir caminhos para a prática docente do professor, pois apresenta possibilidades para conhecimento e contextualização de uma obra. O discurso que pode emergir de determinadas obras de arte pode ser uma maneira de compreensão do próprio contexto, levando em conta questões de conhecimento específicas. Paulo Freire (2010) afirmou que a leitura do mundo ocorre a partir das experiências e dos contextos vividos.

A partir dessas relações apresentadas pela abordagem triangular, também pode se oportunizar o contato com a arte, o convite para se dialogar sobre a arte enquanto área de conhecimento através diferentes das produções artísticas e literárias, como desenho, pintura, colagem, livros e textos literários, etc.

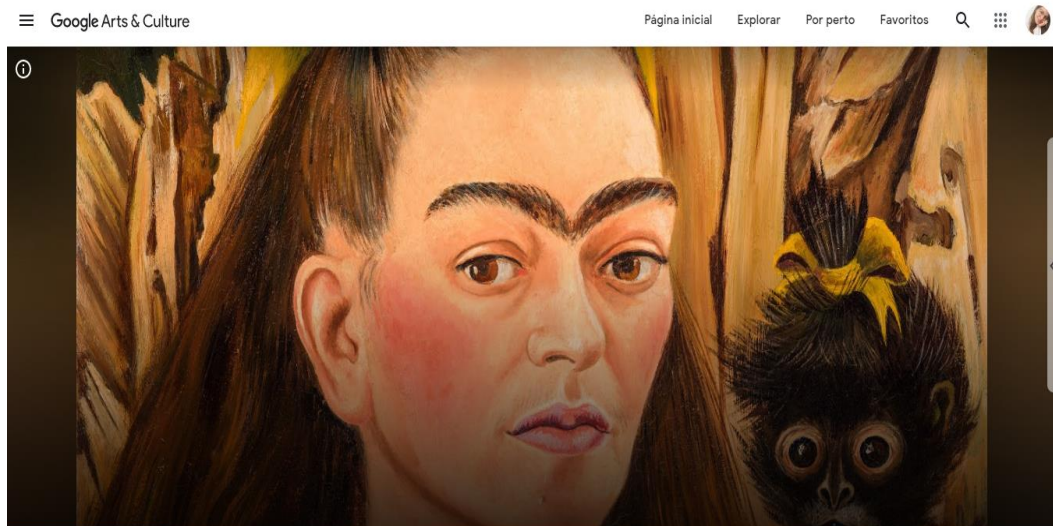
Nesse sentido, utilizando a abordagem triangular, há possibilidade de um trabalho de construção e comunicação utilizando as diversas línguas artísticas. A escola tem grandes

possibilidades de trazer informações históricas sobre as linguagens artísticas e de contextualizar de maneira multidisciplinar, ampliando a visão do aluno e do professor. Nesse sentido, o professor através de uma abordagem estratégica, tem a possibilidade ensinar e aprender e o aluno, de também se colocar no objeto de estudo.

Para além das manifestações culturais divulgadas em pandemia, muitos museus também abriram as suas portas em diversas partes do mundo. Nesse sentido, os recursos tecnológicos possibilitam diversas experiências para se ter contato com as expressões culturais no mundo.

O Google Arts Culture<sup>27</sup> é um exemplo de recurso tecnológico que em colaboração com os museus disponibilizou acesso às obras de artes mais visitadas do mundo. Os museus virtuais, embora não oportunizem a experiência do público e do “ao vivo”, se mostram como uma interessante possibilidade de conhecer os museus e criar referentes culturais.

Figura 13: Autorretrato com macaco.



Fonte: <https://artsandculture.google.com/story/autorretrato-com-macaco-1945/9QJiGZPaNK94Lw>

Os museus virtuais fornecem um *tour virtual*, um passeio pelos espaços dos museus e oportunizam a apreciação da obra, por meio do *zoom*, onde há a possibilidade de aproximar a imagem e perceber os detalhes da obra de arte. Existem muitos sites que possibilitam o acesso às obras e aos museus, como elencado abaixo:

<sup>27</sup> Google Art Project, é um site mantido pelo Google em colaboração com museus espalhados por diversos países.



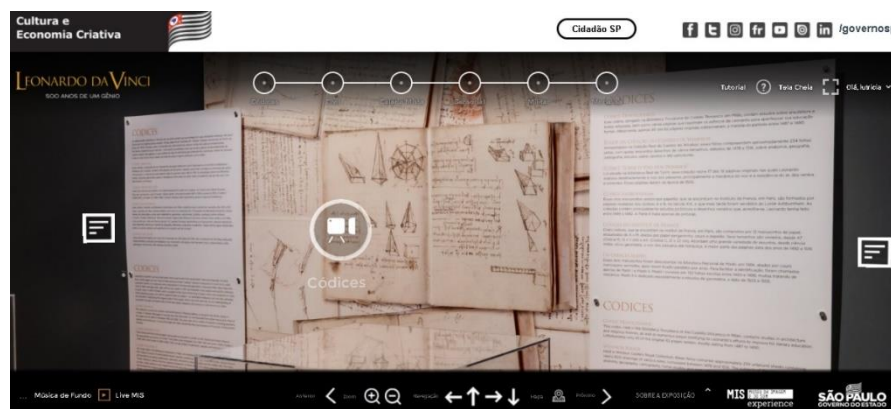
Tabela 3 Museus abertos virtualmente em tempos de pandemia

Museus virtuais abertos em tempos de pandemia	Acesso em:
Museu da Imagem e Som - MIS	<a href="https://mis-sp.org.br/">https://mis-sp.org.br/</a>
MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (São Paulo, SP)	<a href="https://masp.org.br/exposicoes">https://masp.org.br/exposicoes</a>
Museu do Louvre (Paris, França)	<a href="https://www.louvre.fr/en/online-tours">https://www.louvre.fr/en/online-tours</a>
Pinacoteca (São Paulo, SP)	<a href="https://www.encurtador.com.br/drtDT">https://www.encurtador.com.br/drtDT</a>
Museu Nacional de História Natural (Washington DC, EUA)	<a href="https://naturalhistory.si.edu/visit/virtual-tour">https://naturalhistory.si.edu/visit/virtual-tour</a>
Acesso à variados museus do Brasil	<a href="https://www.eravirtual.org/visitas-virtuais/">https://www.eravirtual.org/visitas-virtuais/</a>
Museu da Pessoa	<a href="https://mostra.museudapessoa.org/">https://mostra.museudapessoa.org/</a>
Acesso aos variados museus do mundo	<a href="https://artsandculture.google.com/">https://artsandculture.google.com/</a>

Tabela 3: Da autora (2021)

Assim, com as possibilidades elencadas acima, percebem-se diversas possibilidades de acessar instituições culturais e promover acesso à cultura. Muitas desses museus e espaços virtuais oferecem tecnologias promovem experiências sensoriais para os visitantes. No caso do MIS, é preciso comprar um ingresso para acessar a exposição. Ao acessar o *tour virtual*, há uma introdução com explicações do que se trata a exposição. Assim, ao entrar na exposição, é possível navegar pelas diversas salas enquanto escuta uma música de fundo. A experiência de acessar uma exposição artística virtual traz potencialidades de conhecer o espaço e observar os detalhes do local e os recursos audiovisuais tornam a experiência potencializadora de sentidos.

Figura 14: Exposição Leonardo da Vinci, 500 anos de um gênio



Fonte: <https://www.exposicaodavinci500anos.com.br/#/experience>

Ao passo que as expressões culturais se mostram como avanço de acesso cultural aos sujeitos, disputar com a indústria do entretenimento é um grande impasse. Ao modo que a cultura proporciona formações educativas que podem promover a reflexão crítica e o resgate e ressignificação da história, a indústria do entretenimento se faz presente de modo imediatista e alienante. Nesse sentido, propor estratégias para se pensar nas tecnologias para além do consumo e reconhecer as mudanças sociais é uma forma de gerar reflexões em sala de aula.

Portanto, a curadoria educativa é uma proposta interessante para propor experiências estéticas para além dos produtos da indústria cultural. Pois, com a curadoria, é possível pensar na sistematização cuidadosa do material a ser apresentado pelos educadores de acordo com os princípios que o professor deseja executar em sala de aula.

Para promover socialização de saberes e ampliar o estudo sobre as manifestações culturais em tempos de pandemia, apresentamos, nesta pesquisa, o guia didático como possibilidade de ensino. O guia didático pode ser utilizado enquanto artefato cultural para promover a movimentação das expressões das culturais e ampliar a comunicação com os docentes.

No entanto, as possibilidades pedagógicas elencadas podem atuar como uma abertura para se trabalhar as manifestações culturais produzidas e disponibilizadas em tempos de pandemia. Considera-se que os estudos podem auxiliar os docentes na socialização de saberes em sala de aula e possibilitar novos olhares para as manifestações culturais divulgadas em tempos de pandemia.

O guia didático atua como um referencial educativo e como uma alternativa para contribuir com os docentes da Educação Básica. O guia didático pode ser um elemento mediador para promover interações entre os conhecimentos e um formador cultural para apresentar manifestações culturais que emergiram em tempos de pandemia. O guia pode auxiliar os professores a promover reflexões sobre o momento de pandemia e suscitar discussões e estimular experiências estéticas na sala de aula, como será exposto abaixo.

## **6.2 O guia didático como propositor: mediação cultural e curadoria educativa**

Utilizar o guia didático como uma proposta pedagógica propositiva possibilita a prática da curadoria educativa dos professores, na seleção e manejo das linguagens artísticas e dos

recursos adequados, o que pode ampliar o repertório dos alunos ao estimular o senso crítico e artístico.

Pode contribuir para afirmar, se tais linguagens artísticas, são pertinentes ao que se estuda, a partir da abordagem triangular, dos conceitos da apreciação, contextualização e prática. A partir da análise dos elementos constitutivos da arte, pode-se ter conclusões acerca do material educativo.

O guia didático oferece a prática da leitura discursiva, a interpretação dos enunciados e a interação com o conteúdo. A partir desses itens estruturantes, o professor tem a possibilidade de clicar nos hiperlinks e conhecer propostas educativas elaboradas no material a partir das “tramas” que relacionam o olhar do professor, a partir do contexto da história e da arte.

As linguagens da arte se apresentam por meio das artes visuais, literatura (gênero textual diário), cinema (gênero curta-metragem) e demais linguagens artísticas que são possibilitadas a partir dos museus virtuais.

Desse modo, o professor tem a possibilidade de navegar pelas manifestações culturais selecionadas pela pesquisadora, no processo de curadoria educativa, proposto nesta pesquisa. Enquanto se faz o percurso de curadoria, se faz o processo de mediação cultural, ao pensar em propostas educativas e formações que podem atuar na produção do conhecimento do aluno. E, nessa perspectiva, há a articulação dos conceitos mencionados nesta dissertação – mediação cultural, repertório cultural, ativação cultural, curadoria educativa e o papel do professor propositor.

Portanto, o guia se mostra como um convite à fruição artística para os professores atuarem enquanto mediadores culturais perceberem, contemplarem e interagirem com o material. É um convite para poetizar, dar sentido e para conhecer tantas iniciativas de artistas que disponibilizaram os seus trabalhos e proporcionaram acesso aos sujeitos.

Nesse sentido, com a proposta de aproximar os professores das manifestações culturais em tempos de pandemia, o guia didático, intitulado de “Mediação cultural: Propostas e possibilidades de curadoria educativa” propõe a exposição dessas linguagens da arte, com a finalidade de complementar o ensino e a aprendizagem e fomentar a formação cultural de professores.

A fim de atuar na formação de professores, o guia didático pode atuar como um material propositor para instigar o olhar para as expressões culturais, atuando como uma possibilidade de curadoria educativa como estratégia do ensino em tempos remoto. Assim, frente às modificações do contexto tecnológico, a curadoria educativa se mostra como uma alternativa para driblar as informações massivas e possibilitar uma educação contextualizada na seleção de




informações, no estudo criterioso de potenciais práticas pedagógicas e de manejo das linguagens artísticas apresentadas no contexto da covid-19.

Desse modo, o guia didático apresentado nesta pesquisa utilizou-se a proposta de curadoria educativa para construção do material. Ao apresentar as obras literárias e artísticas, propõe-se um processo de seleção para apresentação do material e de provocações para que os professores desvendem, desvelem e participem do processo de curadoria, como será exposto abaixo. Para conferir o guia didático na sua forma de livreto virtual, basta acessar os links:

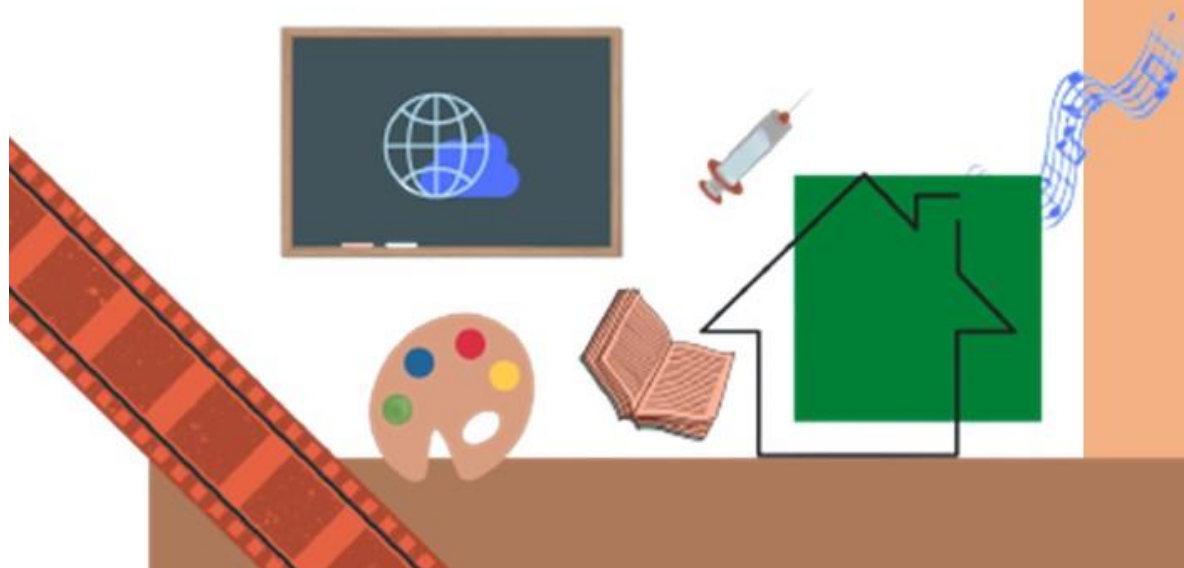
Parte 1 - <https://www.flipsnack.com/lutricia/guia-did-tico-final.html>

Parte 2 - <https://www.flipsnack.com/lutricia/guia-didatico-2-final.html>

An abstract painting with thick, textured brushstrokes in shades of brown, tan, and reddish-pink. A large, solid yellow circle is centered over the painting, containing the title text.

**MEDIAÇÃO CULTURAL:  
PROPOSTAS E POSSIBILIDADES DE  
CURADORIA EDUCATIVA**

# **Mediação cultural:** Propostas e possibilidades de curadoria educativa



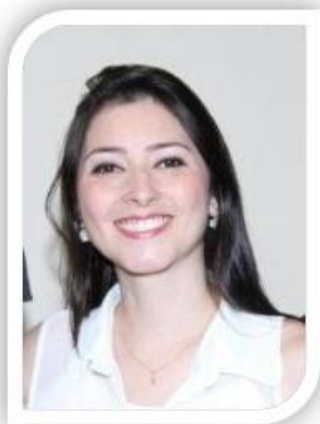


## Das autoras pesquisadoras:



### **LUTRÍCIA HIANI MACHADO MONTI SOUSA**

Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Graduada em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE. Foi bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Participou do Programa Nacional de Incentivo à leitura (PROLER) e Programa Institucional de Literatura Infantil Juvenil (PROLIJ). Atuou como estagiária no setor de cultura (SESC/SC). É mediadora do clube de leitura Leia Mulheres em Lavras/MG. Integrante do grupo Formação docente e práticas pedagógicas (FORPEDI) na Universidade Federal de Lavras. Membro suplente do Conselho de Cultura de Lavras, no setor de cultura popular. Trabalha com livros artesanais pela Capim-limão Editora.



### **FRANCINE DE PAULO MARTINS LIMA**

Doutora e Mestre em Educação: Psicologia da Educação pela PUC-SP (2009). Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Mogi das Cruzes (2003). Especialista em Capacitação Docente em Música Brasileira, com ênfase na formação de Professores pela Universidade Anhembi Morumbi (2005). Atualmente é Professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras. Tem experiência na Educação Superior tendo atuado como coordenadora dos Cursos de Pedagogia e Letras da Faculdade Unida de Suzano - UNISUZ e como docente do Curso de Pedagogia da Universidade de Mogi das Cruzes - UMC e da Faculdade Unida de Suzano - UNISUZ; e como coordenadora do Setor de extensão e Assuntos Comunitários da UMC. Atuou, ainda, como docente efetiva da rede Municipal de Ensino de Mogi das Cruzes e da rede particular. Tem experiência formação e pesquisa na área de Educação, atuando principalmente nas seguintes áreas: Formação de Professores; Didática; prática docente na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, Musicalização e arte-educação. É Líder do grupo de Pesquisa sobre Formação docente e práticas pedagógicas - FORPEDI CNPq/UFLA; e do Laboratório de Didática LabFor/UFLA. É coordenadora da Brinquedoteca do Curso de Pedagogia da UFLA desde 2017. Atuou como vice-diretora de avaliação e desenvolvimento do ensino da UFLA (2018-2020) e, atualmente, exerce a função de Diretora de Avaliação e Desenvolvimento do Ensino da DADE (gestão 2020-2024), vinculado à Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD/UFLA. É membro da Equipe Editorial da Revista Devir Educação e da REDEP - Rede de estudos em Desenvolvimento profissional de professores.

## Permita-me... Uma crônica para iniciar?

O professor de História, no seu primeiro dia de aula, entra e os alunos nem percebem, conversando, falando ou jogando no celular. Ele escreve na velha lousa um imenso H, e depois vai desenhando cabeças com bigodes e barbas, enxada, foice. A turma foi prestando atenção, trocando risinhos, e agora espera curiosa. Finalmente ele fala:

– Não vamos estudar aquela História com H, só com heróis e grandes eventos! Vamos estudar a partir da nossa história, daonde e como viemos. Por exemplo, como é seu sobrenome?

– Oliveira.

– Pois é, muitos Oliveiras têm esse nome porque eram imigrantes europeus, fugidos de perseguições religiosas, então adotavam nomes de árvores ou plantas, Oliveira, Pereira, Trigueiro e tantos outros. E o seu sobrenome?

– Santos.

– Foi o nome adotado por muitos ex-escravos ou filhos mestiços de fazendeiros com escravas. Você é, como diz o IBGE, pardo, o que não é vergonha nem demérito algum, ao contrário, a maioria do povo brasileiro é pardo. E o seu sobrenome?

– Vicentini.

– Origem italiana. Os italianos, como os espanhóis, alemães, japoneses, vieram para cá para bater enxada, trabalhar nos cafezais quando os escravos foram libertados.

O engraçadinho da turma levanta o braço:

– Meu sobrenome é Silva, professor. Tem mais Silva na lista telefônica que formiga em formigueiro. Daonde eu vim?

– Da selva. Silva é selva, em latim. Foi o nome dado pelos romanos antigos aos que vinham das florestas para morar na cidade, eram os “da selva”. Se a gente pensar que a maioria das pessoas morava no campo há meio século, e depois se mudou em massa para as cidades, a origem do nome até se justifica.

A turma espera em silêncio: aonde ele quer chegar?

– Proponho o seguinte. Vocês conversem com seus pais, avós, tios, para saber dos antepassados. Daonde vieram, por que, trabalharam e viveram onde e como. Cada um contará então a história de sua família, e daí vamos situar essa história familiar na história social. Vamos falar da cafeicultura, por exemplo, depois que alguém falar que seu avô trabalhou com café.

Uma mocinha levanta a mão:

– Não só meu avô, professor, minha avó conta que também trabalhava. Levantava às cinco, fazia café, dava de mamar ao nenê, porque ela diz que sempre tinha um nenê no ombro, outro na barriga e uma criança na barra da saia. Depois de fazer o café e tratar das galinhas, recolher os ovos, tirar leite das vacas e cuidar da horta, ela ia levar marmita pro meu avô e os filhos maiores no cafezal, e ficava lá também batendo enxada até o meio da tarde, quando voltava pra preparar e janta e...

– Bem, só com isso que você contou podemos estudar a cafeicultura e o feminismo, comparando as famílias daquele tempo e de hoje, tantas mudanças. Cada um de vocês, com sua história, vai acender o fogo do conhecimento em cada aula. Eu só vou botar lenha, dar as informações, vocês vão dar vida à História, que aí, sim, vai merecer H maiúsculo! Combinado?

Os alunos aplaudem, entusiasmados, comentam: nossa, massa, uau, professor maneiro!... Saem, e depois ele, saindo, dá com o diretor nervoso:

– Eu ouvi sua aula, professor, aqui ao lado da porta, como faço com todo novato! O senhor tire essas ideias da cabeça, viu? Vai ensinar conforme o programa, começando pelo descobrimento, as três caravelas, a calmaria etc. Entendido? Ora, onde já se viu, História viva... Só por cima do meu cadáver!

O professor novato vai pelo corredor, sentindo-se morrer por dentro. Na sala dos professores, nas paredes estão Tiradentes e o crucifixo de Jesus, dois mártires. Ele chora, perguntam por que, apenas consegue dizer “não é nada, é uma longa História”.

Autor: Domingos Pellegrini

## Sumário

Prefácio.....	7
Guia Didático?.....	8
As pandemias retratadas durante os tempos.....	11
Ao professor.....	13
Tramas da mediação cultural na educação.....	14
Conceitos potencializadores.....	15
O que te afeta?.....	16
Perguntas para o professor.....	17
Produções culturais em tempos de pandemia.....	18
Covid Art Museum.....	19
Pelas tramas do professor.....	20
Museu do Isolamento.....	21
Pelas tramas do professor.....	22
Diários do Isolamento.....	23
Pelas tramas da leitura.....	26
Redes sociais enquanto comunicadoras das produções culturais.....	27
Explorando referenciais culturais por meio dos recursos virtuais.....	28
Série Confinada.....	29
Diálogos – entre a arte e a crítica social.....	30
Pelas tramas da produção artística.....	31
Filmes do Isolamento.....	32
Artes em tempos de pandemia.....	33
Pelas tramas do professor.....	34
Google Arts e Culture: visitando os museus.....	36
Espaço aberto para criações.....	39
Folheto explicativo – manuseio do guia didático.....	40
Considerações finais.....	41



## Prefácio

A educação está presente durante todo o curso da vida humana, seja de maneira direta ou indireta. A natureza da escola é social e formada por diversidades culturais de sujeitos e identidades. Ao adentrar o espaço da escola, percebemos as diferentes facetas culturais que ali estão – conjuntos de regras, valores, jeitos, etc. Não existe sociedade, e muitos menos, escola, desprovidas de cultura.

A educação auxilia o desenvolvimento humano, a interação e possibilita aos sujeitos assumirem atividades sociais e individuais na sociedade, como assumir-se aluno em uma escola, ser cidadão na sociedade e conquistar direitos na vida pública em um processo de hominização. De acordo com Tuleski (2012, p. 9), “a hominização é resultado da passagem da sociedade primitiva para a sociedade organizada pelo trabalho social, sendo que esta passagem modificou a natureza do homem (...)”. A partir das atividades em sociedade, o homem passa pelo processo de ser um sujeito humano, o que difere de outros seres. Para Manacorda (1992, p. 334), a educação é “a elevação comum de cada indivíduo ao mais alto nível de consciência crítica e da capacidade produtiva atingido pela humanidade na sua história.

No que tange ao papel do professor (a) no processo educador, sabemos que muitos são os desafios enfrentados, considerando os diferentes contextos educadores, para a socialização dos conhecimentos socialmente produzidos, especialmente quando pensamos no desenvolvimento de uma educação na perspectiva emancipatória e humanizadora, uma vez que “[...] cabe também à educação a responsabilidade de abrir as portas da mente e do coração e de apontar horizontes de construção partilhada de sociedades humanas mais humanizadas” (BRANDÃO, 2002, p. 22).

Nessa direção, o papel de mediação do professor (a), faz-se relevante nesses processos educadores, notadamente em situações adversas como a que temos vivido no último ano decorrente da Pandemia COVID-19.

Durante a pandemia, vários artistas e instituições culturais divulgaram os seus trabalhos em plataformas on-lines. Assim, o modo de acesso às artes possibilitou democratização de acesso e contato com referentes culturais.

É nessa **trama** de relações entre educação, mediações e produções cultural que o material didático se apresenta. Vamos lá?



## Guia didático?

Professor (a),

O material apresentado a você é fruto da pesquisa intitulada de: **Mediação cultural na escola: possibilidade de fazeres docentes a partir de linguagens da arte no contexto de pandemia covid-19.**

O guia tem como objetivo PROPOR sugestões aos professores da educação básica concernentes às produções culturais produzidas e divulgadas em tempos de pandemia. Trata-se de um material multidisciplinar que caminha no mundo da literatura, da arte, da história e tantos outros...

Para sua produção e divulgação, pesquisamos profundamente sobre as expressões culturais. Focalizam-se, assim, em consonância com os estudos de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque (2006), instrumentos pedagógicos que dizem respeito à mediação cultural, formação cultural e práticas propositivas para os professores.

O material didático tem o intuito de ser interativa. Apresentamos a vocês como um GUIA DIDÁTICO para provocar práticas propositivas e reflexivas, mas ao longo das atividades, o guia poderá se transformar em um PORTFOLIO, onde o professor terá uma visão ampla das suas visões de arte, referenciais culturais e produções poéticas.

Portanto, as escolhas dos materiais ao longo do guia didático, pensa o corpo docente da escola como importante formador cultural e por isso dirige os exercícios reflexivos aos professores.

Após os exercícios reflexivos dos professores, o guia didático tem a sugestão de virar uma material criativo e coletivo. Ou seja, o professor poderá utilizar as reflexões e as provocações aqui expostas para a sala de aula e para a vida!

Entendemos que o ser docente tem autonomia para planejar, selecionar e refletir sobre as linguagens artísticas que podem provocar reflexões em sala de aula ou em outros espaços.

Somos constituídos de histórias, afetos e desejos. E ao adentrar a sala de aula, convivemos com outras histórias. Nesse sentido, no trabalho do professor (a), é preciso conhecer técnicas e aprimorar os saberes profissionais ao longo da vida, para mediar, propor e construir conhecimentos coletivos.

Reforçamos que o nosso objetivo é propor possibilidades para o estudo das produções culturais em tempos de pandemia e observar as tramas da mediação cultural nos entrelaçamentos dos conceitos. Refletir sobre os nossos processos e dos outros pode gerar ressignificação, criação e reflexão.

Este guia didático prevê orientações, provocações e curadoria destinado aos professores da Educação Básica, de tal modo que possam acessar as expressões culturais em tempos de pandemia, em um processo de curadoria educativa, ou seja, utilizando a seleção e critérios de escolhas diante do material apresentado. A curadoria educativa permite que o professores faça escolhas diante da variedade de informações. A curadoria se mostra um processo relevante, principalmente, nos tempos de educação online, pois podemos alterar a realidade de consumo e transformá-la em um local de atividades potencializadoras e criativas.

O guia didático está apoiado nas ideias de Mirian Celeste Martins (2011), que nos convida a percorrer os caminhos estéticos a partir das linguagens da arte para além do que se apresenta. Nesse sentido, os conceitos da curadoria educativa, do professor propositor e da mediação cultural estão presentes no guia como forma de ampliar horizontes e traçar novos caminhos e possibilidades de práticas pedagógicas.

Diante dos conceitos elencados e das provocações da professora Mirian Celeste Martins, por meio do vídeo Arte na Escola (2012), analisando perspectivas educativas e caminhos educativos para um ensino significativa e sensível.

Portanto, o material se organiza na seguinte maneira:

Inicialmente, apresentamos do que se trata o guia didático para fins de significação do material a ser utilizado.

Após a contextualização, iniciamos com os modos históricos que já foram retratados momentos de pandemia. Sabemos que o mundo já passou por outras pandemia e apresentá-las através das obras de arte é uma forma de envolver o professor no material didático, ao propor que ele preencha os espaços vazios.

Nas próximas proposições, utilizamos as memórias de pandemia como ponto norteador do professor se (re)conhecer como sujeito e produtor de cultura.

Considerando o conceito central da mediação cultural, utilizamos o palavra “tramas” para apresentar os eixos relacionados do guia didático. Portanto, nas tramas da mediação cultural, outros conceitos se relacionam e se potencializam com as linguagens da arte e com as propostas docentes que se quer alcançar.

Assim, como o guia didático se propõe a ser formador para o professor, deixamos algumas provocações a fim de compreender os seus repertórios culturais e de apropriação.

Depois dos processos de compreensão de repertórios e memórias do professores, apresentamos as produções culturais em tempos de pandemia e iniciamos com uma breve introdução do que se trata.

Quando apresentamos as páginas referentes às produções culturais, utilizamos o conceito de “tramas” para dar a ideia de que os conceitos são relacionados, ou seja, os fios se cruzam em sentidos transversais e forma-se um sentido, uma trajetória.

Por exemplo, “pelas tramas da história”, onde se apresenta o espaço onde se encontra as manifestações culturais e uma descrição a que se refere e “pelas tramas do professor”, um espaço onde o professor pode constituir uma identidade e uma trajetória que pode se relacionar com as imagens.

Quando apresentamos o gênero diário, apresentamos as tramas da literatura, da escritora e algumas perguntas pertinentes para reflexão do relato apresentado.

Desse modo, como a proposta da curadoria se mostra pertinente no contexto virtual, colocamos a ideia das redes social como canais de comunicação e acessibilidades no que dizem respeito às manifestações culturais.

Desse modo, após as propostas das tramas, apresentamos a Abordagem Triangular como forma de compreensão e fruição dos artefatos apresentados.

Assim, apresentamos, a partir de uma tabela alguns museus que oferecem *tours virtuais* em tempos de pandemia. Pensamos que apresentá-los e disponibilizar os hiperlinks é uma maneira do professor estabelecer alguns critérios de ensino para desenvolver mediações e produções culturais junto de seus alunos.

Mostramos a plataforma Google Arts e Culture que possibilita a visita em diversos museus e instituições culturais do mundo e apresentamos algumas obras de arte para se pensar em propostas propositivas para a formação de repertórios culturais para professores e alunos.

Ao final do guia, deixamos um espaço em branco para futuras produções e criações poéticas que possam emergir.

Vamos desvendar o guia didático?



As pandemias retratadas durante os tempos...



1347  
Cidadãos de Tournai Enterrando os Mortos Durante a Peste Negra  
Pierart, dou Tielt



1542  
Triunfo da Morte  
Pieter Bruegel



1918  
A Família  
Egon Schiele



1919  
Autorretrato Depois da Gripe Espanhola  
Edvard Munch



2020

**Game Changer**

Banksy

Disponível em:

[https://www.instagram.com/p/B\\_2o3A5JJ3O/](https://www.instagram.com/p/B_2o3A5JJ3O/)


**Professor,**  
Como você completaria essa linha do tempo?  
Que tal pensar em qual forma de registro utilizaria?

## Ao Professor/a,

Entendemos que possibilitar o estudo das manifestações culturais em sala de aula, pode atuar na compreensão dos tempos de crise. Resgatá-las como estratégia pedagógica em tempos de pandemia é um ato de resgate da memória e da capacidade da humanidade de produzir cultura.

Quais são suas memórias da pandemia?

(Escritas, imagens, colagens, desenhos e outras que você desejar.)



## Tramas da mediação cultural na educação



(SOUSA E LIMA, 2021)

## Conceitos potencializadores:

- **MEDIAÇÃO**

Vigotski (1991) diz que os sujeitos utilizam instrumentos e signos na interação com o seu meio. O contexto cultural é determinante para que o sujeito interaja socialmente com os instrumentos que serão passados durante os tempos para outros sujeitos. Diante desse processo, o sujeito consegue se construir no mundo e representar mentalmente os seus desejos e histórias.

- **MEDIAÇÃO CULTURAL**

A mediação cultural ocorre nas relações e nas entrelinhas das linguagens artísticas, considerando os referentes culturais dos sujeitos e a possibilidade de ativar-se culturalmente, em contato com o meio e com o mundo.

- **LINGUAGENS ARTÍSTICAS**

Linguagens artísticas são as diversas maneiras de expressões por meio das artes. Que podem ser: música, poesia, dança, teatro, cinema, pintura, desenho, literatura, história em quadrinho, escultura,, grafite, fotografia. Para interpretar e compreender as linguagens artísticas, precisamos aprender sobre os seus códigos e técnicas.

Palavras-chave: interação; instrumentos; sujeitos.

### POSSIBILIDADES PARA O MEDIADOR CULTURAL:

- Conhecer os seus referentes culturais;
- Investigar expressões culturais;
- Olhar para o cotidiano e refletir sobre as possibilidades culturais;
- Estudar as variadas linguagens da arte;
- Sentir, apreciar, pesquisar;
- Conversar e compartilhar com os seus alunos as suas descobertas;
- Aplicar possibilidades em sala de aula;
- Selecionar linguagens artísticas a serem levadas para sala de aula;
- Mediar os conhecimentos;
- Propor, experienciar!



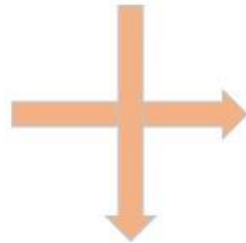
## O que te afeta?

Pandemia.

O que você sente?

Escreva, desenha, fotografe ali.

Ou aqui!

A small empty rectangular box for writing or drawing.A large empty rectangular box for writing or drawing.

## Perguntas para o professor:

Sugerimos que você, professor formador, visite as páginas e os links deste material didático. Assim, poderemos viajar por diferentes locais e sensações que as imagens e os textos nos propõe.

As anotações, desenhos e registros serão essenciais para obtermos um registro final do seu material.

O guia didático pode se transformar em um portfólio e em ações propositivas para serem apresentadas aos alunos.

Vamos iniciar a nossa trilha estética com algumas provocações indicadas ao lado?

- 1) Qual foi a última música que você ouviu?
- 2) Você já visitou um museu? Se sim, qual foi o mais marcante para você?
- 3) Tem museu na sua cidade?
- 4) É possível fazer atividades educativas no museu da sua cidade?
- 5) Você navegou por museus virtuais durante a pandemia?
- 6) Você sabia que vários artistas produziram artes durante a pandemia? Que tal conhecê-las?
- 7) Você fez uso das expressões culturais produzidas em tempos de pandemia?

## Produções culturais em tempos de pandemia

Durante a pandemia, várias produções culturais emergiram nas redes sociais e diversos espaços virtuais.

As produções culturais se movimentaram e arte se ressignificou diante dos tempos de crise.

São cinemas, casas de show, circos, teatros, casas culturais que estão de portas fechadas.

Na busca por superar os desafios postos pelo necessário distanciamento social, mais uma vez os recursos das tecnologias digitais se fizeram como caminho de comunicação e de conexão entre as pessoas e, nesse contexto, entre os artistas e o público, do Brasil e do mundo.

Nas próximas páginas, apresentaremos algumas produções culturais em tempos de pandemia. Vamos lá?



Monalisa em tempos de pandemia.

Disponível aqui: <https://www.comciencia.br/a-arte-melhora-estados-emocionais-durante-a-pandemia/>

## Covid Art Museum

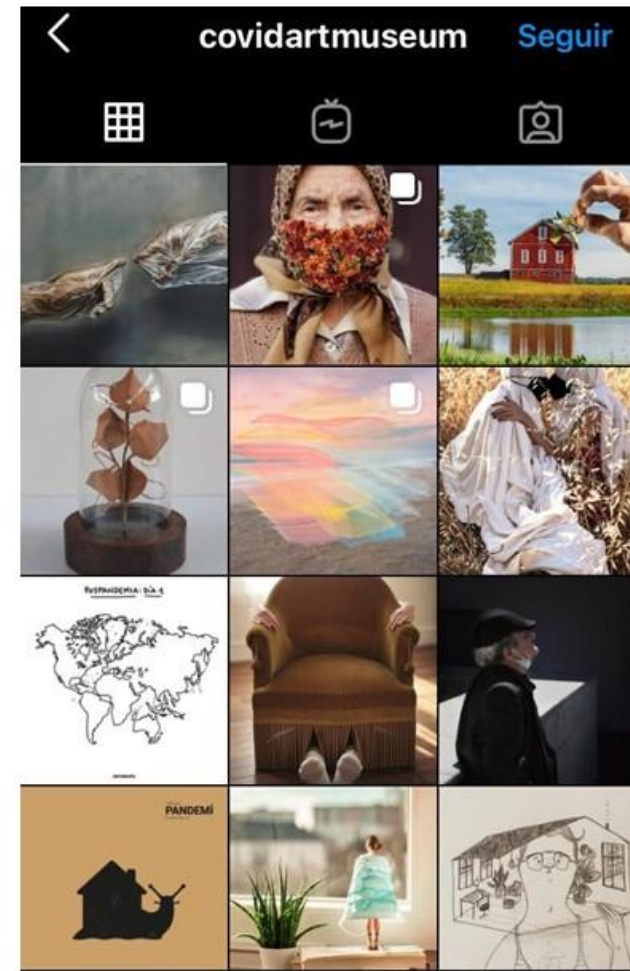
Pelas tramas da história...

O PRIMEIRO MUSEU VIRTUAL em tempos de pandemia, criado em 2020.

O Covid Art Museum nos mostra algumas artes que surgiram durante os tempos de pandemia.

O CAM reúne diversas linguagens artísticas, como fotografias, pinturas, bordados, pintura, etc.

Em entrevista para o FFW, os organizadores, Emma Calvo, Irene Llorca e José Guerrero, de Barcelona. “Nosso critério de seleção é escolher obras que são feitas no período de quarentena, que transmitem e refletem o que todos nós estamos vivendo e sentindo”, explicam. “É por isso que não nos limitamos a nenhuma técnica. Postamos todos os tipos de arte, sejam ilustrações, fotografias, pinturas, desenhos, animações, vídeos etc”.



### Pelas tramas do professor...

Observe as imagens a seguir. O que elas provocam em você?

---

---

---

---

---

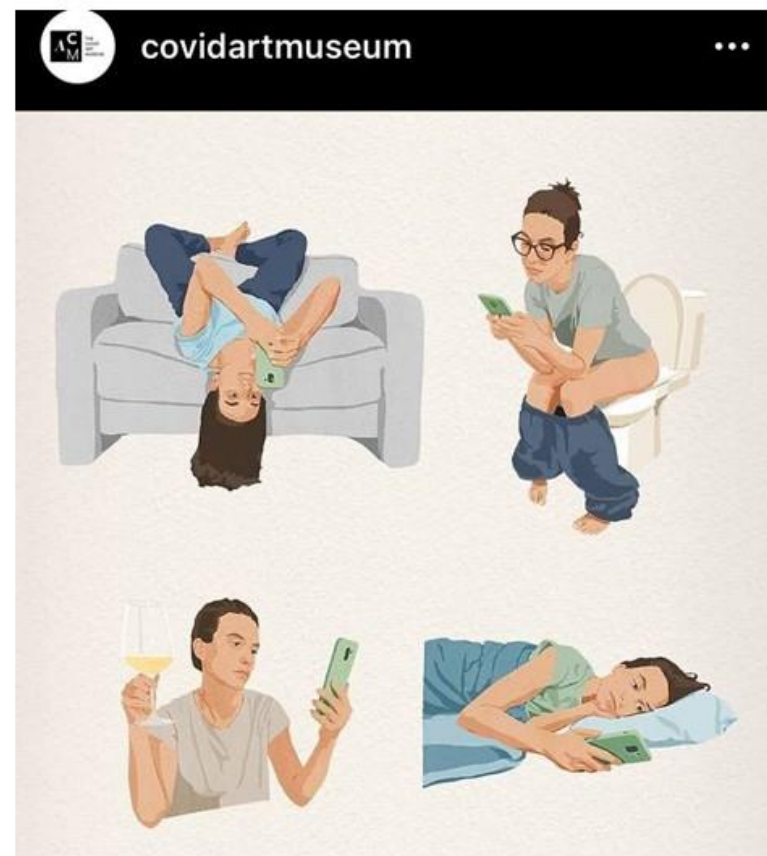
---

---

### Pelas tramas da arte...

Ilustração

Ação ou efeito de ilustrar, de publicar algo por meio de gravuras, desenhos.



by [@giselle dekel](#)

Disponível aqui: <https://www.instagram.com/p/CJGp6dkiMye/>



## Museu do Isolamento

Pelas tramas da história...

Criado em abril de 2020 a partir de um acervo colaborativo, o Museu do Isolamento Brasileiro surgiu da iniciativa da jovem Luiza Adas, de 23 anos, como forma de divulgar artes produzidas em todo o país durante a pandemia de coronavírus. O projeto é hospedado no Instagram e já abriga mais de 780 publicações que variam principalmente entre pinturas, fotografias, desenhos e poesias. (Fonte: Hypeness)



Pelas tramas do professor...

Escolha uma manifestação cultural da página Museu do Isolamento para apreciação. Registre aqui a sua escolha:

---

---

---

---

---

---

---

Pelas tramas da arte...

O que essa imagem revela? Quais impressões, sensações e reflexões que ela lhe causou?

---

---

---

---

---

---

---

Espaço aguardando para ser preenchido.  
“Eu em tempos de pandemia...”

## Diários do Isolamento

### Pelas tramas da história...

Os Diários do isolamento fazem parte do projeto #LeiaEmCasa e pretendem fazer um registro coletivo dessa experiência inesperada de isolamento social.

A partir projeto #LeiaEmCasa foram disponibilizados e-books para fortalecer o distanciamento social. A ação foi promovida pela editora Companhia das Letras.

### Pelas tramas da literatura...

A produção literária em tempos de pandemia é uma forma de representar, através de palavras, histórias e sentimentos, ficcionais ou não, que fazem parte criação.

Diário deriva do latim diarium, cuja palavra faz referência a “dia”.

O gênero diário é utilizado para relatos cotidianos e é narrado em primeira pessoa. Escrever em um diário é possibilitar encontros com nossos próprios sentidos e sentimentos.

Todas as seções  
Todos os colunistas  
Todos os termos

**Diários do isolamento #109: Jarid Arraes**  
Diários do isolamento  
23.11.20 às 17:58  
Continue lendo...

**Diários do isolamento #108: Jessé Andarilho**  
Diários do isolamento  
23.11.20 às 19:06  
Continue lendo...

Disponível em:

<https://www.blogdacompanhia.com.br/categorias/visualizar/Diarios-do-isolamento>



## Diários do isolamento #106: Jarid Arraes

Meu corpo está fraco e as carnes moles querem escorrer pelas pernas que doem. Alguns dias foram quentes e mesmo assim senti frio. Todos os sistemas estão assim que só caldo de bila. É porque entrei na tomara-fase-final do tratamento contra câncer. Mais três idas ao hospital, mais uma internação, depois não sei. Já saí de casa três vezes, todas para ir a hospitais. A máscara azul, a mesma roupa, a mesma lavagem de cabelo que depois não ganha pente.

Não escrevo nada pra esse diário há várias semanas, eu acho. Isso porque tinha muito pra dizer. Então melhor não dizer nada.

Há dias conversei com meu namorado sobre sair de casa. Depois da peleja contra os stories do instagram alheio, depois de dizer em voz alta que, é isso aí, tem mais gente saindo pra se divertir do que continuando dentro pra se amofinar, depois disso eu falei que queria sair também. Fiz uma lista de lugares possíveis, nada de exagerado, mesmo desejando o cinema. Disse, vou sair, vou mesmo, vou sim. Não saí, nem vou. Talvez depois. Imagina que engraçado fazer cirurgia pra tirar órgão tomado de câncer e depois morrer porque fui caminhar pelo Parque da Água Branca. Deve estar mais abandonado que antes. Tem uma parte do parque que adoro, que parece coisa de filme de fantasia, mas os bancos têm cheiro de mijo e está tudo descascado. Imagina que engraçado. Morrer por um parque assim. Se fosse por um parque de diversões, como alguns amigos meus mostraram nos stories (e me fizeram rir muito, porque um deles vomitou na roda gigante), se fosse pelo menos por um dos negócios que giram de cabeça pra baixo e despencam e viram meme na internet com o som do Windows XP desligando. Mas o Parque da Água Branca. Seria uma burrice engraçadíssima.

Tenho me sentido burra. Estou aprendendo coreano e me frustro demais com certas dificuldades. É um autodidatismo de montanha-russa. Muitas vezes termino os estudos dos dias com vontade de chorar. Eu odeio insistir em coisas que teimam no erro. Eu desisto de qualquer jogo de videogame quando começo a perder perder perder e a coisa toda de ser divertida e estimulante se transforma em adjetivação agressiva. Largo mesmo. Largo as coisas.

Mas o coreano não. Na maior parte do tempo é bom, na maior parte do tempo é gostoso entender coisas aqui e ali numa música, numa série. Assisti três minisséries coreanas que recomendo muitíssimo: My Holo Love, Hi bye, Mama!, e Itaewon Class. Estou procurando a próxima. Enquanto isso, meus livros de gramática coreana estão passando pela alfândega, minha caligrafia melhora e eu já sei falar “eu te amo” e “me desculpe”.

Tem sido quase impossível trabalhar. E isso é parte do motivo pelo qual não tinha escrito mais nenhuma entrada do diário. Ainda estou sem conseguir sentar. Também estou sem conseguir dizer. E justo quando encontrei o assunto que precisa ser falado.

Fiz uma enquete besta no Twitter perguntando se quem me segue ainda está saindo só pra comprar comida e coisas do tipo ou se desistiram do isolamento. Não senti raiva de quem disse que saiu. Olho as redes sociais, as pessoas felizes, as máscaras no queixo, as fotos tiradas com os rostos colados, as praias, os bares, e, sinceramente, toda as toras de madeiras que faziam o fogo bem alto estão só o pito. Não é apatia, é resignação. Vai durar pra sempre. Nunca mais vou comer fora, nunca mais vou ao cinema, e isso sem falar em shows. Pode vir Lady Gaga, BTS, System of a Down, todos os artistas que tenho tanta vontade de ouvir tocando cantando dançando ao vivo, podem vir todos que eu não vou. Com certeza vou dizer, ah mas eu vou sim. Mas seria uma burrice tão grande e engraçada.

Vocês lembram que estou desde 11 de março em isolamento total, né? Eu sou engraçadíssima.

### Pelas tramas da escritora...

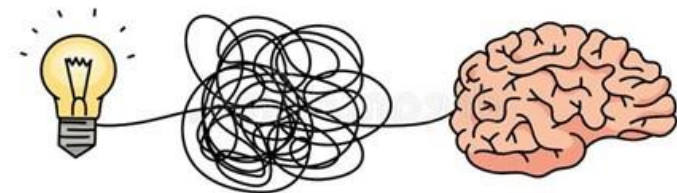
Jarid Arraes nasceu em Juazeiro do Norte, na região do Cariri (CE), em 1991. Escritora, cordelista e poeta, é autora dos livros Um buraco com meu nome, As lendas de Dandara e Heroínas negras brasileiras. Atualmente vive em São Paulo, onde criou o Clube da Escrita Para Mulheres. Tem mais de 70 títulos publicados em Literatura de Cordel. Redemoinho em dia quente (Alfaguara) ganhou o prêmio APCA de Literatura na Categoria Contos/Crônicas.

<https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Diarios-do-isolamento-106-Jarid-Arraes>

## Pelas tramas da leitura...

A partir das reflexões literárias e em diálogo com as produções culturais apresentadas, perguntamos:

- 1) Qual diálogo entre elas?
- 2) Como propor mediações culturais a partir das linguagens artísticas apresentadas?
- 3) A afirmação da escritora afirma a visão da complexidade de pandemia. “Fiz uma enquete besta no Twitter perguntando se quem me segue ainda está saindo só pra comprar comida e coisas do tipo ou se desistiram do isolamento.” Nesse sentido, qual tem sido o papel das redes sociais na vida dos sujeitos em tempos de distanciamento?
- 4) Como você apresentaria as manifestações culturais para os seus alunos?



## Redes sociais enquanto comunicadoras das produções culturais

Em uma sociedade permeada pelas informações, o conhecimento abre muitas portas.

Vivemos em um contexto cibercultural, considerado o novo contexto de se viver em rede. "Ciber" seria o diminutivo de cibernética, uma ciência voltada para uma tecnologia avançada. No caso, a cibercultura relaciona-se à tecnologia, o virtual (por exemplo, a internet) e a cultura.

Nesse sentido, a internet foi facilitadora no sentido de divulgação dos trabalhos de produções culturais. O Instagram, por ser uma rede social muito visual, possibilitou que muitos artistas compartilhassem os seus trabalhos.

Além das produções culturais aqui expostas, há uma grande quantidade de *lives* que foram disponibilizadas pelos artistas.

Diante da quantidade de possibilidades encontradas nas redes sociais, cabe ao professor ser um curioso e selecionar produções culturais que podem potencializar o ensino e a aprendizagem com os seus alunos.

De acordo com Capobianco (2010), as principais tecnologias de informação e comunicação provocaram mudanças por seu impacto significativo sobre a cultura e reorientaram as perspectivas sociais, econômicas, científicas e políticas.

### Potencializando conceitos para uma aula criativa:

Curadoria educativa – envolve uma seleção, combinação e recorte “comprometido com um ponto de vista que se elege, exercendo a força de uma ideia, de um conteúdo que é desejo explorar ou de uma temática possível de desencadear um trabalho junto aos alunos”, gerando interpretações. “Não uma interpretação que cria a armadilha de responder questões, mas a interpretação que vai propor aos alunos um processo instigante de novas e futuras escavações de sentido. (...) Pontos de vista que, se socializados num grupo, proliferam em múltiplos sentidos.”

Fonte: MARTINS, Mirian Celeste, PICOSQUE, Gisa. Material educativo: 4ª. Bienal do Mercosul. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2003, p.8.



## Explorando referenciais culturais por meio dos recursos virtuais:

Para além das páginas, há variadas hashtags no Instagram que divulgam as artes em tempos de pandemia. Basta procurar por:

#artesnoisolamento #museudoisolamentobrasileiro

#artesnapandemia #pandemiaartistica

#artespandemia #culturanaandemia

#impactosdacovidnacultura

Funções da # (hashtag):

A Hashtag é usada nas redes sociais com o objetivo de direcionar o usuário para uma página com publicações sobre o mesmo tópico. É muito usada no Twitter, Facebook, Instagram e TikTok. As hashtags devem ser usadas em temas, por exemplo, #formação de professores.



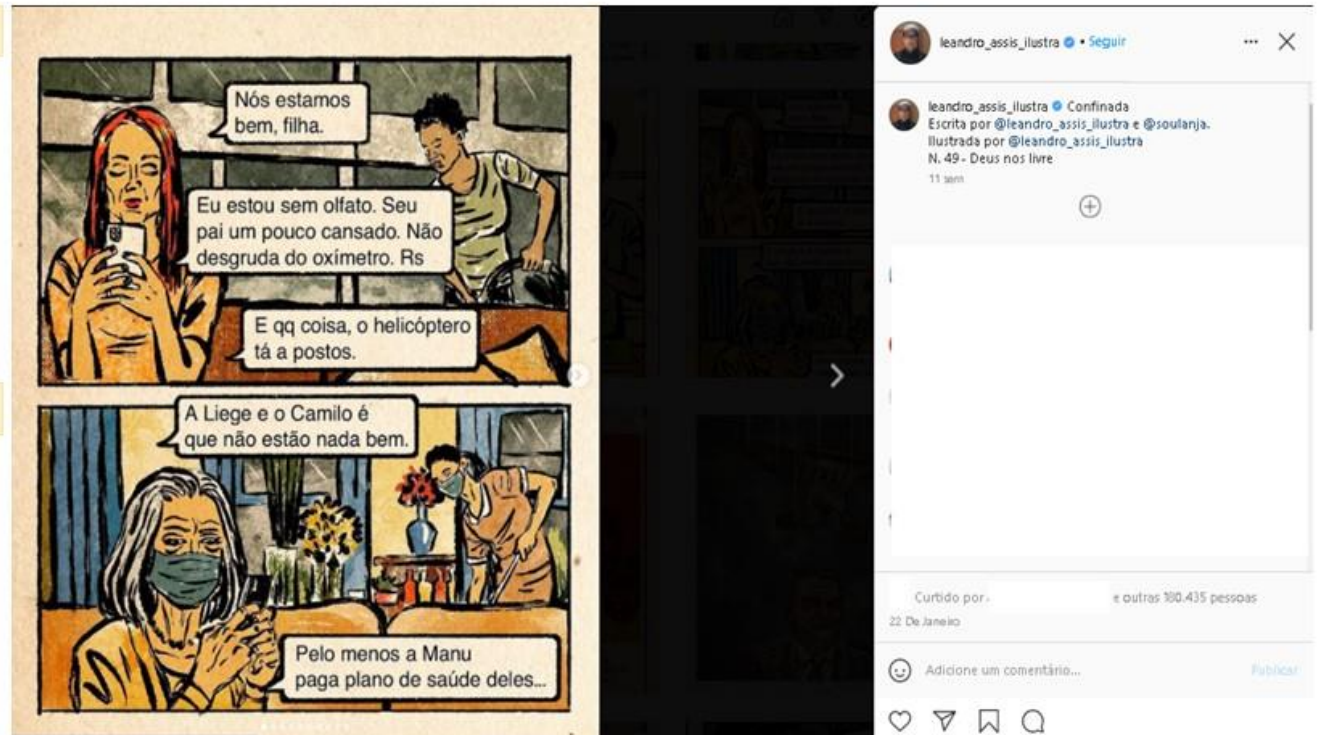
## Série Confinada

### Pelas tramas do professor...

Quais comentários e diálogos possíveis para essa publicação?

### Pelas tramas do criadores...

Com a temática do isolamento social por conta da covid-19 e a desigualdade social que esse período escancarou, o ilustrador Leandro Assis assina ao lado de Triscila Oliveira a série “Confinada”, que traz as personagens Fran Clementine (patroa) e Ju (empregada doméstica) e o abismo de privilégios entre as duas, que fica ainda mais evidente em meio à pandemia.



Essas e outras histórias, disponíveis aqui: <https://www.instagram.com/p/CKXGEXBJLQ/>

Confira entrevista com os autores aqui: <https://arribacao.com.br/2020/07/27/quadrinhos-politica-e-desigualdade-social-uma-entrevista-com-leandro-assis-e-triscila-oliveira/>



## Diálogos – entre a arte e a crítica social

A pandemia deixou a desigualdade social mais visível. E como a arte se relaciona com as produções dos sujeitos, por isso, muitas vezes, a arte também carrega críticas sociais.

A vida nos afeta!

Será que é possível separar a arte da vida real?

Com essas reflexões, podemos propor diversas provocações no papel da arte ao longo da sociedade.

- ✓ A arte como arte;
- ✓ A arte como registro histórico;
- ✓ A arte como propositiva de diálogos;
- ✓ A arte como propulsora de autoconhecimento;
- ✓ Qual a função da arte para você?

Segundo Barbosa (1990, p. 90), “[...] antes de ser preparado para explicar a importância da arte na educação, o professor deverá estar preparado para entender e explicar a função da arte para o indivíduo e para a sociedade”.



OBSERVATORIO SOCIAL DEL CORONAVIRUS

## Uma pandemia expõe de forma ultrajante a desigualdade social



Monica Dias Martins[1]

Pelas tramas da produção artística...

## Curta-metragem

Com o auxílio de uma câmera podemos fotografar, filmar e inventar...

Como você registraria o retrato dos professores na pandemia?

Você conhece o gênero curta-metragem? Os curtas-metragens são filmes de pequena duração. De acordo com o PROAC (Programa de Ação Cultural) o curta-metragem é definido como filme com duração de até 25 minutos, de intenção estética, informativa, educacional ou publicitária, geralmente exibido como complemento de um programa cinematográfico.

Os curtas-metragens contribuem para as práticas pedagógicas pelo seu tempo de duração e pelo tempo de duração das aulas.

Muitas vezes, no curta-metragem, as imagens podem trazer diversas interpretações e é preciso da mediação do professor para possibilitar sentidos e significações. Algumas provocações que podemos refletir ao assistir um vídeo:

- ✓ Conteúdos produzidos por brasileiros;
- ✓ Observar os elementos da produção audiovisual;
- ✓ Desenvolvimento criação do curta-metragem.

### Como criar um curta-metragem?

Monte um roteiro e pense nas cenas do curta,

Com o auxílio de uma tripé, posicione em um câmera e filme as imagens ou cenas que deseja filmar. Escolha lugares com boa iluminação. Procure por locais silenciosos para o áudio ficar palpável.

Ao selecionar as cenas, procure um programa de edição para conclusão do filme.



## Filmes do Isolamento

No filme, em formato de curta-metragem, a cineasta Laura Costa nos mostra através das janelas, facetas do próprio do cotidiano e de outras pessoas. Assim, percebemos nos diálogos a vida cotidiana e as saudades impostas pelo cotidiano.

A autora registra a sua experiência de pandemia entrelaçada com gestos e formas de viver de outras pessoas.

Ao final do vídeo, há mais uma linguagem artística – a música, que canta:

“Espero que o tempo passe  
Espero que a semana acabe  
Pra que eu possa te ver de novo  
Espero que o tempo voe  
Para que você retorne  
Pra que eu possa te abraçar  
Te beijar  
De novo...”  
Nando Reis

A música é uma  
combinação de versos,  
ritmos e melodias. É uma  
produção humana e  
cultural.



Disponível aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=I81speUYa0I>

## Arte em tempos de pandemia

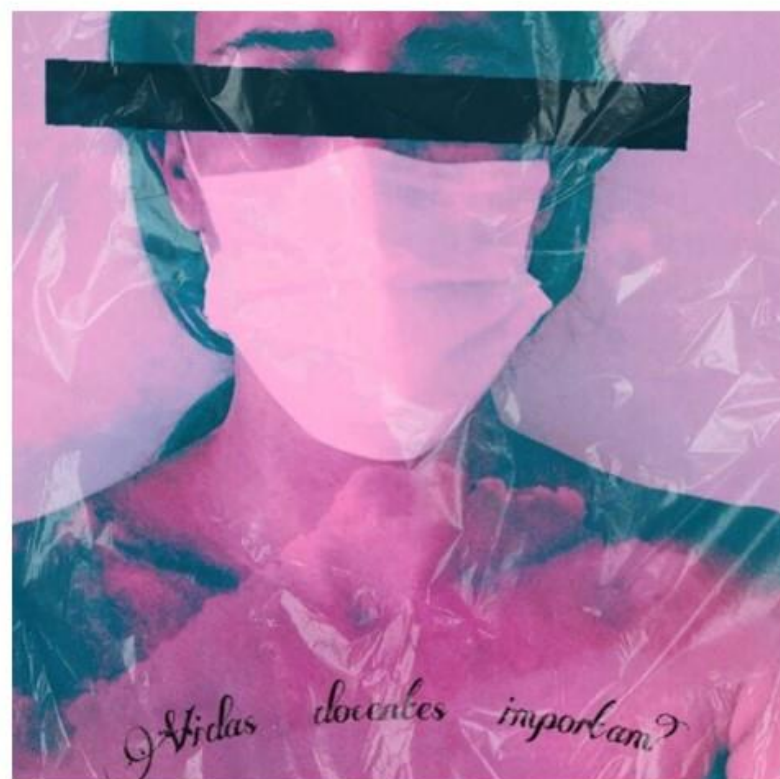
Há uma página no Instagram chamada de Artes em tempos de pandemia. O principal objetivo da página é de registrar e tornar-se um diário poético dos docentes em tempos de covid-19.

Falamos muito na questão das manifestações culturais, do professor mediador, do professor propositositor.

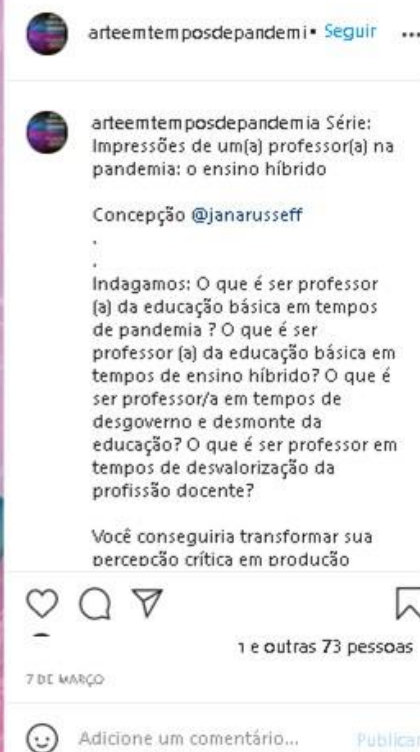
No entanto, gostaríamos de saber:

Você acha que a arte pode tornar-se um arquivo poético dos tempos de pandemia?

Como tem sido a sua relação com a arte no contexto de distanciamento social?



Disponível aqui: <https://www.instagram.com/p/CMHr8UMJUWW/>



### Pelas tramas do professor...

Professor,

Vamos conhecer a Abordagem Triangular para apreciação da arte na escola?

A seguir, apresentaremos alguns museus abertos em tempos de pandemia.

Selecionamos alguns imagens, pensando no conceito da curadoria educativa, para apresentar a vocês.

Nesse sentido, além da contemplação das imagens, é importante pensar, questionar os elementos utilizados na imagem.

Após, podemos pensar na contextualização da imagem, como em qual época foi produzida e o seu contexto histórico, social e cultural.

Assim partiremos para prática de olhar para a obra de arte com um olhar crítico e que produza sentidos!

### Para pensar...

Toda proposta e abordagem abre outros caminhos.

Pensando na prática docente, é possível reorganizar os processos pedagógicos e escolher possíveis escolhas metodológicas.

Para Barbosa " (...) refere-se à uma abordagem eclética. Requer transformações enfatizando o contexto" (Barbosa, 2010, p. 10).

Segundo Paulo Freire (2013, p. 68), a relação entre sujeito e mundo são indissociáveis: "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo"

Portanto, como propor aos nossos alunos? Lembrando que considerar o texto contexto cultural que se vive e as possibilidades que o cotidiano nos apresenta é uma boa sugestão para iniciar!



Pelas tramas do professor...

## Abordagem Triangular

Ana Mae Barbosa (2009), utiliza o conceito Abordagem Triangular, com a possibilidade de aplicar e analisar contextualização histórica das obras, pela maneira que foi criada a obra e pela leitura e compreensão da obra. Refletir a partir da abordagem triangular é uma forma de se abrir caminhos para a prática docente do professor, pois apresenta possibilidades para conhecimento e contextualização de uma obra. O discurso que pode emergir de determinadas obras de arte pode ser uma maneira de compreensão do próprio contexto, levando em conta questões de conhecimento específicas.

A abordagem se dá a partir da **contextualização**, ou seja, em qual tempo histórico e como ela foi criado.

**Apreciação** para decodificar os elementos artísticos que aquela obra traz e os seus principais diálogos.

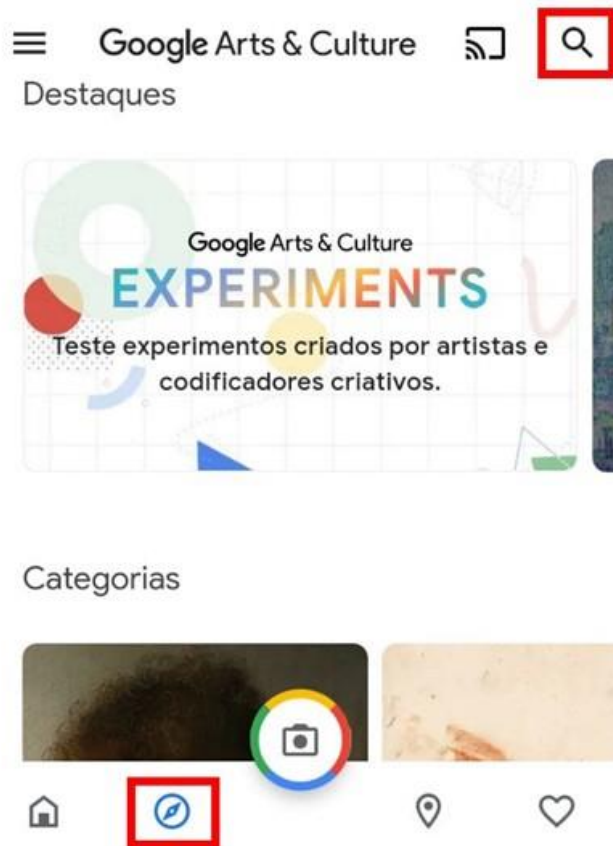
**Praticar** relacionado ao fazer artístico e a potencializar criações artísticas.



## Museus abertos em tempos de pandemia

Museus abertos em tempos de pandemia	Acesso em:
Museu da Imagem e Som - MIS	<a href="https://mis-sp.org.br/">https://mis-sp.org.br/</a>
MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (São Paulo, SP)	<a href="https://masp.org.br/exposicoes">https://masp.org.br/exposicoes</a>
Museu do Louvre (Paris, França)	<a href="https://www.louvre.fr/en/online-tours">https://www.louvre.fr/en/online-tours</a>
Pinacoteca (São Paulo, SP)	<a href="https://www.portal.itteleport.com.br/tour3d/pinacoteca-de-sp-acervo-permanente/">https://www.portal.itteleport.com.br/tour3d/pinacoteca-de-sp-acervo-permanente/</a>
Museu Nacional de História Natural (Washington DC, EUA)	<a href="https://naturalhistory.si.edu/visit/virtual-tour">https://naturalhistory.si.edu/visit/virtual-tour</a>
Acesso à variados museus do Brasil	<a href="https://www.eravirtual.org/visitas-virtuais/">https://www.eravirtual.org/visitas-virtuais/</a>
Museu da Pessoa	<a href="https://mostra.museudapessoa.org/">https://mostra.museudapessoa.org/</a>
Acesso à variados museus do mundo	<a href="https://artsandculture.google.com/">https://artsandculture.google.com/</a>

## Google Arts e Culture: visitando os museus



É possível visitar vários museus pela aba “explorar”. Ao visitar o museu, você pode obter informações sobre a construção do espaço e o ano que as obras de arte foram produzidas.

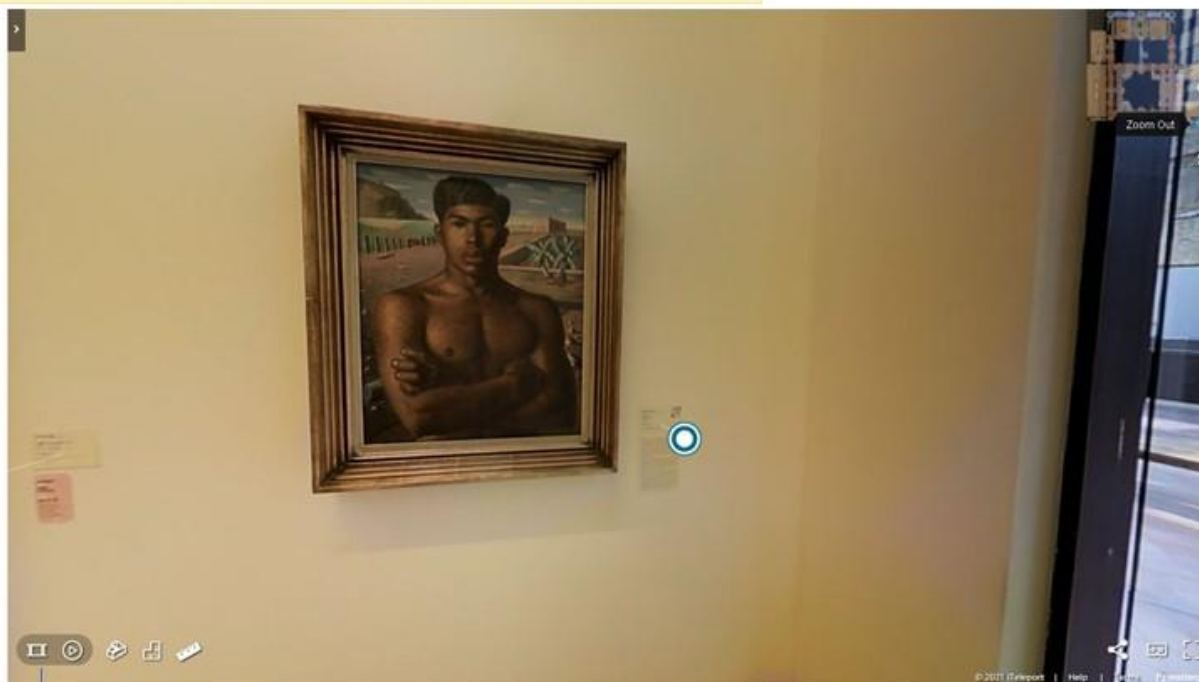
Com a ferramenta “Street view” é possível caminhar pelos espaços do museu e até visualizar a parte externa de alguns museus.

Alguns acervos possuem obras com alta resolução para explorar os detalhes minuciosos das obras.

Disponível aqui:  
<https://artsandculture.google.com/>



### Pelas tramas da obra de arte...



"Mestiço" é o quadro mais famoso do artista Portinari pintado em 1934.

Disponível no acervo permanente da Pinacoteca:

<https://www.portal.iteleport.com.br/tour3d/pinacoteca-de-sp-acervo-permanente/>

Explore as ferramentas para circular pelos espaços da Pinacoteca e conseguir ver as imagens em 3D.

### Questões emergentes

- 1) A obra leva o nome de "mestiço". O que é mestiçagem no Brasil?
- 2) Em qual contexto histórica a obra foi criada?
- 3) Por trás de toda obra, há um criador. Quem é Portinari?
- 4) Qual o trabalho da pessoa representada na obra?
- 5) Podemos dizer que a obra é atemporal?
- 6) Quais reflexões a obra te propõe?

A Pinacoteca do Estado de São Paulo é um dos mais importantes museus de arte do Brasil. Ocupa um edifício construído em 1900, no Jardim da Luz, centro de São Paulo, projetado por Ramos de Azevedo e Domiziano Rossi para ser a sede do Liceu de Artes e Ofícios.



Pelas tramas da leitura...



Disponível aqui: <https://artsandculture.google.com/exhibit/cinema-paulista-nos-anos-70/YQIC0jo8D13mLA>

### EXPOSIÇÃO VIRTUAL SOBRE CINEMA

A exposição virtual contempla importantes peças sobre a história da produção cinematográfica na cidade de São Paulo entre os anos de 1968 e 1980. Dividida em cinco eixos temáticos, trata, respectivamente, de diretores, filmes, cinema popular, cinema político e cinema independente de uma década importante da formação audiovisual, remanescente dos anos de chumbo da ditadura.

#### Proposições

- 1) Como é o cinema hoje?
- 2) Como trabalhar os recursos audiovisuais em sala de aula?
- 3) Qual é a época das fotografias da exposição?

**Espaço aberto para criações:**



## Folheto explicativo – manuseio do guia didático

O material se insere como uma proposta poética para os professores, em diálogos com os seus alunos, exerçam a sua autonomia criativa em diálogo com as manifestações culturais apresentadas.

O guia didático pretende ser um livro aberto para seleção e para sugestão de novas expressões culturais. O tempo é vivo, assim como as manifestações que aqui se mostram. Nesse sentido, entendemos o professor como mobilizador de conhecimentos e os alunos contribuem ativamente no social e cultural.

O material passa por diversas linguagens com o objetivo de ativar discussões e potencializar diálogos propositores.

Para buscar e acessar os conteúdos educativos apresentados no guia didático, basta acessar os links apresentados nas páginas.

Artes visuais, cinema, música, literatura....

Os artistas estão deixando a sua marca no mundo. Deixe a sua também!



## Considerações finais

O guia didático é uma forma de propor possibilidades artísticas para os professores. Assim, o guia pertence a todos que buscam inovar e ressignificar os fazeres pedagógicos.

Durante a pandemia, muitas manifestações culturais emergiram e trabalhar com os professores e com os alunos é uma forma de resgatar as expressões culturais, fornecer registros históricos concretos e entender o atual contexto.

Optamos pela orientação na horizontal para lembrar um caderno de desenho e obter como resultado, um caderno de criações e provocações estéticas.

Registramos que as propostas aqui revelam-se provocações para iniciar os processos de mediação cultural, revelando-se sugestões que podem ser ampliadas considerando o perfil do docente e dos estudantes os quais ele atende e se relaciona, abrindo espaço para o lugar de fala, interesses e protagonismo do grupo.

Para mais informações sobre a aplicação do material:

lutricia.sousa@estudante.ufla.br



## Referências e bibliografia

MARTINS, Mirian Celeste. **Pensar juntos a mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos**. 2 ed. São Paulo: Terracota editora, 2018.

\_\_\_\_\_. **Arte, só na aula de Arte?** Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 311-316, set./dez. 2011

\_\_\_\_\_. **Curadoria educativa: inventando conversas. Reflexão e Ação** – Revista do Departamento de Educação/UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006, p.9-27.

**'Museu do Isolamento' reúne obras de arte visuais que nasceram durante a pandemia**. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/06/museu-do-isolamento-reune-obras-de-arte-visuais-que-nasceram-durante-a-pandemia>

**Uma pandemia expõe de forma ultrajante a desigualdade social**. Disponível em: <https://www.clacso.org/pt/a-pandemia-expoe-de-forma-escancarada-a-desigualdade-social/>

STANSKA, Zuzana. **Plague in Art: 10 Paintings You Should Know in the Times of Coronavirus**. Disponível em: <https://www.dailyartmagazine.com/plague-in-art-10-paintings-coronavirus/>

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Pedagógica**. Edição Comentada. Porto Alegre: Artmed, 2003.



## 7. CONSIDERAÇÕES JAMAIS FINAIS

A presente pesquisa buscou investigar o que a literatura diz acerca do tema e identificar as manifestações culturais produzidas decorrentes do contexto da pandemia covid-19, tendo em vista as possibilidades de mediação cultural no contexto da educação básica.

A discussão empreendida possibilitou adentrar o conceito de artes e sua relevância para o desenvolvimento humano, trazendo à tona o lugar da mediação nos processos educativos e, especialmente, da mediação cultural.

No que tange à mediação cultural e os seus entrelaçamentos com a educação, percebeu-se que há muitas maneiras de se desenvolver a mediação cultural na escola e espaços educadores, pois é um fio de redes e conexões que nos permite analisar o real e criar outros mundos possíveis a partir da ótica da arte e da cultura. Para além do encantamento da arte, constatou-se que muitas pesquisas e o consumo cultural ainda estão localizados nas capitais, o que permite apontar para desigualdade cultural em nosso país.

A pesquisa permitiu problematizar o lugar das artes ao longo da existência humana e as formas de produção de conhecimento a partir delas e com elas, reivindicando a apropriação das artes como fonte de conhecimento, expressão, denúncia e problematização no contexto escolar e nos processos formativos que nele se desenvolvem. Conclama o lugar da dimensão científica, técnica e humana no trabalho com as artes na escola, tendo o professor como mediador por excelência entre as manifestações artísticas e os estudantes.

Nessa perspectiva, valoriza-se a ideia de mediação cultural na escola, enfatizando o papel do docente nesse processo de mediação em uma perspectiva de curadoria, tendo um lugar de relevância nos processos de seleção, organização e sistematização de expressões, espaços e tempos de produção artística para acesso dos estudantes de forma que possam apreciar, analisar, fruir, contextualizar e, a partir das diferentes experiências estéticas, produzir arte, notadamente nesse contexto de pandemia.

As pesquisas correlatas evidenciaram que a discussão sobre a mediação cultural na escola tendo o professor como mediador ainda é escassa, notadamente relacionadas a contexto semelhantes ao da pandemia, foco do nosso estudo. Ficou evidente que quando há a discussão acerca do tema, estes têm como referência estudos de Ana Mae Barbosa, com foco na abordagem triangular para o ensino de artes na escola.

Dito isso, a pesquisa em tela, além de discorrer sobre conceitos e teorias que nos auxiliam a compreender a relação das artes com a existência humana e sua vinculação com o

contexto escolar, problematizou as possibilidades de fazeres pedagógicos envolvendo as manifestações culturais e as possibilidades de mediação cultural na sala de aula, no fazer docente e discente, ampliando o repertório artístico e cultural do docente e, conseqüentemente, dos estudantes.

O processo de investigação sobre as manifestações culturais em tempos de pandemia, revelou a riqueza, a diversidade e a multiplicidade das expressões artísticas tanto quanto os conteúdos e formas por elas abordadas. Fez-se presença na vida das pessoas nos mais variados contextos e, conseqüentemente para aqueles envolvendo processos educativos, tais como a escola. Revelou-se possibilidade de discussão, problematização e oportunidade de novas manifestações e expressões por aqueles que acessaram e se permitiram fruir arte. Nesse sentido, mostrou-se grande potencializadora de processos pedagógicos, revelando-se um artefato importante de acesso aos bens culturais produzidos nos diferentes tempos e espaços que, neste momento de pandemia, fez-se mais acessível a toda população.

Das possibilidades de ressignificação das experiências vividas neste período de pandemia, registra-se o acesso aos espaços culturais que, em outros momentos, não eram permitidos ou possíveis de serem acessados, seja pelo custo das produções, seja pela perspectiva elitizada colocadas por elas e que era de acesso apenas a um grupo social, seja pela distância geográfica em que as manifestações se davam. Com a pandemia e com o auxílio de recursos tecnológicos e digitais, museus, teatros, shows, musicais, literaturas e artes visuais tornaram-se acessíveis por meio de visitas e acessos virtuais gratuitos, resgatando o direito de acesso a toda a população sem distinção de classe social. Houve a “popularização” de muitas expressões artísticas antes privadas.

Assim, esta pesquisa traz contribuições para o fazer docente de modo a possibilitar novos olhares para o uso das manifestações culturais em sala de aula. Portanto, com o contexto de pandemia e com a realidade mundial que foi imposta, problematizar a realidade e a sua complexidade a partir das manifestações artísticas permite a criação de novos olhares e sentidos com vistas a superação dos desafios postos pelo novo contexto.

Dos ganhos da pesquisa, registramos a elaboração de um Guia didático intitulado *Mediação cultural: propostas e possibilidades de curadoria educativa*, produto desta dissertação, o qual convida os professores a assumirem o papel de mediadores culturais e curadores com vistas ao acesso pelos estudantes às expressões artísticas em tempos de pandemia. O guia apresenta elementos conceituais e práticos que convidam o docente a pensar, sentir e fruir arte. Apresenta um repositório de espaços e tempos de produção e manifestação cultural que podem ser problematizados, discutidos e desenvolvidos com os estudantes, com

vistas ao acesso às artes e ampliação do repertório cultural deles. Convida ao diálogo sobre a relação existente entre as artes e a existência humana e a constituição de cada um no mundo, na vida, na pandemia, vislumbrando as artes como espaço e instrumento de manifestação de desejos, anseios, denúncias, angústias, conhecimentos, criações... um espaço democrático de manifestação do ser e estar no mundo, bem como a forma de compreendê-lo e recriá-lo, revelado nas tramas propostas no Guia.

O estudo trouxe ainda, ganhos pessoais para esta pesquisadora, pois trouxe conhecimento no sentido de possibilitar o acesso às expressões culturais e tal acesso se deu a partir das manifestações culturais em tempos de pandemia. Ao explorar as manifestações culturais, tive momentos de risos e choros, pois é difícil olhar para a realidade da pandemia e ressignificar o cotidiano a partir da arte. Mas arte tem esse poder... De fazer rir, chorar e refletir.

Nesse sentido, tivemos uma curadoria engajada para construção deste trabalho. Engajada no sentido de trazer boas possibilidades para o professor em sala, com informações críticas e formas de se pensar as linguagens da arte em tempos de pandemia.

Enquanto pesquisadora em construção e educadora em formação, constituí-me enquanto curadora educativa. Digo, ao formular tal pesquisa, apresentei concepções entre arte e educação e fui responsável pela concepção das manifestações artísticas apresentados neste trabalho, onde fiz escolhas e apresentações. Como uma exposição artística, mas digital e acessível a quem possa ter interesse em executar o material didático apresentado ao final do trabalho.

Para além discussões apresentadas nesta dissertação, pode-se afirmar que a pesquisa suscita outras possibilidades de reflexão para além deste trabalho – pensar no papel da cultura em tempos de crise e como experienciar diferentes experiências estéticas a partir da mediação tecnológica. O presente trabalho abre caminho para execução do produto final, o repertório artístico, que traz possibilidades de trabalho com as linguagens da arte no contexto da escola.

No mais, pensar as possibilidades de se trabalhar a mediação cultural ao considerar a cultura local de cada espaço, também é uma forma de aprofundar o debate e pensar nas desigualdades do nosso país. Outra possibilidade é de criar levantamentos para explorar o consumo cultural dos professores e dos alunos nas diferentes realidades educacionais.

O estudo apresentado na presente pesquisa, revela a urgência de se ter políticas culturais voltadas para a realidade educacional de cada município. No entanto, quando se diz políticas culturais para educação, aponta-se para a necessidade de formações culturais para alunos e para professores e para uma questão emergencial e que possibilita essas formações: o acesso à cultura, tal acesso que é um direito constitucional dos sujeitos.

Outro aspecto que se faz necessário na realidade educacional, é pensar em formas de aproximar os movimentos culturais e escolas para se pensar na história construída pela sociedade e nas formas de expressões criadas pelos sujeitos, intermediadas pela cultura, para além do entretenimento. Como foi colocado no trabalho no capítulo que trata da indústria cultural, o projeto de separação das nossas raízes culturais é um projeto de alienação proposto pela classe dominante. Dessa maneira, ter conhecimento expressões culturais é uma maneira de reconhecimento da nossa própria cultura.

A pandemia, em seu contexto mundial, foi uma experiência em comum entre todos os habitantes da terra. A arte, enquanto conteúdo educativo, é uma forma de significar a realidade e transformar as nossas potencialidades. O presente e o futuro estão sendo impactados pela era da covid-19 e possibilitar o acesso aos registros artísticos, que farão parte da história, é uma forma de contribuir para o ensino e aprendizagem.

Enquanto reconstrução da experiência e ressignificação do cotidiano, o guia didático atua enquanto material de formação, podendo ser utilizado como forma de acesso cultural para professores e referenciais das expressões culturais divulgadas em tempos de covid-19.

No guia didático, procurou-se reunir algumas expressões culturais que foram expostas nas plataformas digitais, sendo artes visuais, literatura, cinema e ilustração. De maneira geral, percebeu-se o tema da pandemia enquanto fonte de criação na maioria das artes, e também, uma forma de crítica ao atual momento que vivemos, onde se espera a vacina para conter o covid-19, também percebemos os espaços virtuais de arte como uma forma de externar sentimentos diante desse momento de perdas e luto.

A pandemia ainda não parece estar perto do fim, mas é claro que tiramos algumas lições, já que os modos de se relacionar se modificaram. As escolas estão fechadas. As casas culturais estão com as cortinas cerradas. Professores, diretores e todos que estão envolvidos no campo educacional e cultural estão com as suas vidas modificadas pelo contexto que se instaurou. Repensar as práticas docentes é uma ação atual.

De acordo com Fundação Carlos Chagas, o trabalho docente aumentou em 65%. Com o aumento do trabalho, mudaram-se as estratégias, as formas de se relacionar e lidar com o outro. Há também docentes e discentes que não tiveram acessos e usos para lidar com as novas formas de comunicação.

Portanto, enquanto pesquisadora, tive como objetivo levar possibilidades de atuação para os docentes, estabelecendo o diálogo entre escola e universidade e aprendendo com o processo de ensino e aprendizagem. Toda pesquisa é um retorno para sociedade. Os recursos



virtuais nos oportunizam uma aprendizagem significativa juntamente com os acessos que podem nos integrar para outros espaços.

Entendo que a partir dessa coleta de expressões culturais produzidas na pandemia, novos contextos poderão ser ressignificados no que está por vir. Se o papel da educação é também a apropriação do conhecimento produzido pela humanidade, entendo que é relevante pesquisar e analisar o que está posto na realidade. Espero que essa pesquisa construa novos diálogos e encontre outros leitores interessados na ponte entre educação, arte e cultura.

Ouso registrar que pesquisar sobre as manifestações culturais em tempos pandêmicos foi um grande desafio, pois a pandemia ainda está acontecendo e vivemos em tempos incertos. No que se refere às manifestações culturais em tempos pandemia, o desafio é ainda maior, pois a arte se movimenta e apresenta diversas possibilidades de estudos, ainda mais quando pensamos no momento presente. No mais, sentir-se provocada e provocar reflexões para futuros fazeres pedagógicos é também um dos objetivos desta pesquisa. Que os tempos nos tragam mais curiosidade e criatividade para seguirmos criando e pesquisando outros percursos culturais e artísticos. Sigamos!

## REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- \_\_\_\_\_. Teoria da Semiformação. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. Á. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. Teoria Crítica e inconformismo: Novas perspectivas de ensino. Autores Associados, 2010.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias internacionais**. 3. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- \_\_\_\_\_. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.
- BARBOSA, A. e CUNHA, F. (orgs.) **Abordagem triangular do ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010, 464 p.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Portugal: Edições 70, 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. **A cultura em tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.
- Bennett, T. (1995). **The birth of the museum: History, theory, politics**. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de Experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha Tradução de João Wanderley Geraldi Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística, 2002.
- BRANDÃO, C. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica**. PARECER CNE/CP Nº: 5/2020, de 28 abril de 2020. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=14511-pcp005-20&category\\_slud=marco-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14511-pcp005-20&category_slud=marco-2020-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 01 jun. 2021.
- BRASIL. Parecer CNE/CP9/2001 - **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica**, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília: MEC, 2001.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF.
- CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) Direitos humanos e literatura. Disponível em: <https://bibliasp.org/wp-content/uploads/2014/09/direitos-humanos-e-literatura-por-antonio-candido.pdf>.
- CANDAUI, V. M. F. **Formação continuada de professores: tendências atuais**. In: REALI, A. &
- CAPOBIANCO, Lígia. **Comunicação e Literacia Digital**. USP, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-16062010-110410/publico/LITERACIADIGITALECOMUNICACAO.pdf>
- COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15ª ed., Editora Brasiliense, São Paulo – SP, 1995

- CARVALHO, Francione Oliveira; MARTINS, Mirian Celeste Martins. A interculturalidade na formação do pedagogo brasileiro: território de arte e cultura. **Revista Educação Online**, 2014.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Como pensamos**. São Paulo: Nacional, 1959.
- FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes: construindo caminhos**. 3ª edição, Campinas: Papirus, 2001.
- FLEURI, Reinaldo M. **Intercultura: estudos emergentes**. 1ª ed. Editora Ijuí, 2002.
- FISCHER, Ernst. A Necessidade da Arte. In: **As origens da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- FLICK, Uwe. Grupos focais. In: **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmet, 2009. cap. 15.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 45ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Política e educação: ensaios**. São Paulo: Cortez, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979
- \_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 32.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- GADOTTI, Moacir. Aprender, ensinar: um olhar sobre Paulo Freire. **Revista Abc Educatio**, São Paulo. v.3, n.14, p. 16-22, 2002.
- Garcia, Marilene Santana dos Santos. **Curadoria educacional: práticas pedagógicas para tratar (o excesso de) informação e fake news em sala de aula**. Editora Senac, São Paulo-SP, 2020.
- GATTI, Bernadete. **A formação inicial de professores para educação básica: as licenciaturas**. Revista USP. São Paulo. 2013/2014 33-46. em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76164/79909>
- GIOVANAZZO, R. A. Focus group em pesquisa qualitativa: fundamentos e reflexões. **Revista Administração OnLine**, São Paulo, v. 2, n. 4, out./dez. 2001. Disponível em: <[https://www.fecap.br/adm\\_online/art24/renata2.htm](https://www.fecap.br/adm_online/art24/renata2.htm)>. Acesso em: 04 junho 19.
- GODÓI, Christiane Kleinübing. Grupo de discussão como prática de pesquisa em estudos organizacionais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, 2015.
- KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas; São Paulo: Papirus 2007
- KRAMER, Sonia. **O que é básico na escola básica? Contribuições para o debate sobre o papel da escola na vida social e na cultura**. In: KRAMER, Sonia e Leite, Maria Isabel (orgs.). **Infância e produção cultural**. Campinas: Papirus Editora, 2010.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. In: Rev. Katál. Florianópolis, v. 10, n. esp., 2007, p. 37-45
- LUDKE, M. e ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.
- Macedo, N.D. de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- MANACORDA, M. A. **História da Educação – da antiguidade aos nossos dias. Tradução de Gaetano Lo Monaco**, São Paulo – Cortez Editora, 1992.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: Uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MARFIM, Lucas. **Sociedade informacional entre demandas e contradições: os limites e as potencialidades para integrar as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação às práticas educativas na formação inicial do pedagogo - estudo de caso junto aos**

- licenciandos da Universidade Federal de São Paulo.** Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Federal de São Paulo, 2017.
- MARTINS, Mirian Celeste. **Pensar juntos a mediação cultural:** [entre]laçando experiências e conceitos. 2 ed. São Paulo: Terracota editora, 2018.
- \_\_\_\_\_. Arte, só na aula de Arte? Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 311-316, set./dez. 2011
- \_\_\_\_\_. **Curadoria educativa: inventando conversas.** Reflexão e Ação – Revista do Departamento de Educação/UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006, p.9-27.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura.** São Paulo: Intermeios, 2012.
- MARTINS, Mirian Celeste; PISCOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do Ensino de Arte.** São Paulo: A Língua do Mundo, 1998.
- MARX, Karl. **O Capital:** crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MEINERZ, Carla Beatriz. Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. **Educação & Realidade.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento científico:** pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1993. 406 p.
- MIZUKAMI, M. G. N. **Formação de professores: tendências atuais.** São Carlos: EdUFSCar, 1996, PP.139-165.
- Morin, E. (2001). **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Cortez, São Paulo, Brasil.
- MOURA, Eduardo Junio Santos. Arte/Educação Decolonial na América Latina. **Cadernos de estudos culturais,** Campo Grande, MS, v. 1, p. 31-44, jan./jun. 2019.
- NANNI, D. **Dança educação, princípios métodos e técnicas.** 2.ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 1998
- NONO, Maévi Anavel; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicolleti. Casos de ensino e processos de aprendizagem profissional docente. **Revista brasileira de Estudos pedagógicos,** Brasília, v. 83, n. 203/204/205, p. 72-84, jan./dez. 2002.
- NÓVOA, Antonio. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação & Realidade,** Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84910, 2019.
- OLIVEIRA, M. D. Paulo Freire. In. ORTH, L. M. E. (Tradutora). **O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Rivière.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- PERDIGÃO, Samantha Capuchinho Ishikawa. **A atividade de ensino e o sentido de conhecer pela pesquisa na Educação Básica.** Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Programa de Mestrado em Educação. São Paulo, SP, 2016.
- PERISSÉ, Gabriel. **Educação & Estética.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- RANCIÈRE J. **A partilha do Sensível: estética e política.** Tradução: Mônica Costa Netto. 2a Ed, São Paulo; Editora 34, 2009. p.72.
- READ, H. **A Educação pela Arte.** Edições 70: Lisboa, 1982.
- SANTOS, Núbia Augustinha Carvalho. **Arte Contemporânea: Cartografias da Narrativas poéticas com crianças e adultos na escola e no museu.** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará. Programa de doutorado em Educação. Fortaleza, Ceará, 2018.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** Campinas: Autores Associados, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Ética, educação e cidadania.** Revista nº 15
- SELLTIZ, C.; JAHODA, M.; DEUTSCH, M. **Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais.** São Paulo: EDUSP, 1974.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

**SNIIC: Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais**. Disponível em: <<http://sniic.cultura.gov.br/>>. Acesso em: 04 outubro de 2019.

VERGARA, Luiz G. Curadorias educativas: percepção imaginativa/consciência do olhar. In: **CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS**, 1996. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAP, 1996.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Pedagógica**. Edição Comentada. Porto Alegre: Artmed, 2003.